

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

SÍLVIA FERNANDA SOUZA DALLA COSTA

**A METAENUNCIÇÃO COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E
DE COMPREENSÃO NA INTERAÇÃO FALADA**

São Paulo

2014

SÍLVIA FERNANDA SOUZA DALLA COSTA

A METAENUNCIÇÃO COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E DE
COMPREENSÃO NA INTERAÇÃO FALADA

Tese apresentada à Universidade Presbiteriana
Mackenzie, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Gaston Hilgert

São Paulo
2014

D144m Dalla Costa, Sílvia Fernanda Souza.

A metaenunciação como processo de construção de sentidos e de compreensão na interação falada / Sílvia Fernanda Souza Dalla Costa. – 2014.

159 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

Referências bibliográficas: f. 152-156.

1. Conversação. 2. Enunciação. 3. Metaenunciação. 4. Sentido. 5. Compreensão. I. Título.

CDD 410

SÍLVIA FERNANDA SOUZA DALLA COSTA

**A METAENUNCIÇÃO COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E
DE COMPREENSÃO NA INTERAÇÃO FALADA**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Presbiteriana
Mackenzie, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Dr. José Gaston Hilgert
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dra. Regina Helena Pires de Brito
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dra. Élide Jacomini Nunes
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dra. Elisa Guimarães Pinto
Universidade de São Paulo

Dr. Hudinilson Urbano
Universidade de São Paulo

A meus pais, Fernando e Idione, que me ensinaram o valor do esforço e do trabalho desde a tenra idade.

Ao pequeno Luiz Fernando, que me ensinou a ver o mundo e a linguagem pelo viés da maternidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais Fernando e Idione, que me deram, primeiramente, a vida; depois, os valores e a formação moral, e, por fim, seu tempo e dedicação integrais. Foram, muitas vezes, durante o período desta pesquisa, meus olhos e meu coração, nos cuidados com meu filho Luiz Fernando. São meus exemplos de integridade e honestidade.

Ao “meu” Luiz Fernando, que me fez ver a vida de uma perspectiva enunciativa; que me ensinou o que é ter múltiplas funções, o que é ter um pedaço de nós fora do corpo, o verdadeiro sentido das palavras “saudade” e “distância”. Transformou-me de filha em mãe, de aluna em aluna-mãe, de professora em professora-mãe. Como a lagarta que se transforma em borboleta, foi por meio dele que novos olhares, novos ares e novas expectativas surgiram na minha caminhada acadêmica, exigindo superação do cansaço, readequação de tempos e espaços. Desde pequenino ele soube o que é ter uma mãe estudante, trabalhadora, viajante.

A meu esposo Neuri, pelo apoio, paciência e compreensão; por ignorar a ausência, suportar a irritabilidade, os desabafos. Por saber apenas ouvir, sem reclamar.

A minha irmã Cinthia, por seu otimismo e suas palavras de amizade e conforto.

A meus tios Dalva e Romildo, os quais tão gentilmente receberam-me em sua residência. Acolheram-me, preocuparam-se com os horários de chegada, de partida, de início e fim da aula. Pelas caronas, pelo desviar do trânsito, entre tantas outras formas de carinho que dispensaram a mim duramente a jornada de estudos do Doutorado.

A meu orientador Professor Doutor José Gaston Hilgert, por ter-me introduzido nos estudos da conversação durante o Mestrado e, posteriormente, nos estudos da enunciação; por sua inesgotável prestatividade e colaboração, paciência e compreensão; por ser um amigo-orientador, companheiro incansável em minhas reflexões. Sempre de forma objetiva e incisiva, mas amigável, apontou equívocos, sugeriu leituras, leu, releu, reescreveu... não mediu esforços para a conclusão deste trabalho. Mais que um Professor Orientador, por ser meu exemplo em relação à seriedade da vida acadêmica.

Aos meus amigos e colegas do IFC Câmpus Concórdia, pela cumplicidade e compreensão nos momentos de necessidade. Também aos muitos amigos que fiz quando de minha passagem pelo IFC Câmpus Videira, local de parada e de reflexão no início desta jornada acadêmica.

Aos professores, coordenação e secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em especial às Professoras Doutoradas Diana Luz

Pessoa de Barros, Maria Helena de Moura Neves, Regina Helena Pires de Brito e Vera Lucia Harabagi Hanna, com quem tive o prazer de cursar disciplinas e ampliar horizontes teóricos sobre os estudos linguísticos.

Às professoras Doutoradas Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran e Elisa Guimarães Pinto pela leitura atenta de meu trabalho e por suas preciosas contribuições por ocasião do exame de qualificação desta tese.

Ao Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior no Estado de Santa Catarina - FUMDES, por concessão de bolsa de estudos.

Ao Mackpesquisa, por concessão de reserva técnica.

Ao Instituto Federal Catarinense, Câmpus Concórdia, por possibilitar a participação no Programa de Incentivo à Qualificação Profissional – PIQIFC, com afastamento parcial das atividades entre março e outubro de 2014.

Rios sem discurso

*Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.*

*O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase a frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.*

(João Cabral de Mello Neto)

*“Com as palavras todo cuidado é pouco, mudam
de opinião como as pessoas.”*

(José Saramago)

RESUMO

Este trabalho situa-se no âmbito dos estudos da enunciação e tem como objeto de pesquisa a metaenunciação em interações faladas, vista como estratégia linguístico-discursiva de produção de sentidos e de construção da compreensão entre os interlocutores. Associando esse objeto aos trabalhos que buscam descrever e compreender os procedimentos de constituição do texto falado, a noção de língua que permeia a pesquisa é a da língua em uso, que se manifesta em situações de comunicação e se constitui nos atos de enunciação. Como pressupostos teóricos ampara-se no dialogismo bakhtiniano, na heterogeneidade linguística e, no contexto desta, nos estudos sobre metadiscursividade e metaenunciação feitos, principalmente, por Authier-Revuz (1998 e 2004). O objetivo desta pesquisa é descrever e analisar os procedimentos metaenunciativos e, assim, mostrar que esses procedimentos constituem, na verdade, estratégias de produção de sentidos e de construção da compreensão entre os interlocutores. Esse objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: estabelecer categorias funcionais das atividades metaenunciativas, isto é, categorias que se identificam pelos diferentes sentidos que produzem no desdobramento das interações; fazer uma classificação das atividades metaenunciativas do ponto de vista de sua caracterização formal; e mostrar de que forma as atividades metaenunciativas contribuem para a busca de compreensão na interação falada, seja em situações em que se instalam problemas de compreensão entre os interlocutores e se buscam soluções para eles, seja em outras situações em que o falante recorre à metaenunciação como medida “profilática” para se antecipar ao surgimento de um eventual problema de compreensão para seu ouvinte. O *corpus* de interações faladas utilizado para o estudo das atividades metaenunciativas foi constituído por inquéritos do tipo D2 (diálogos entre dois informantes) pertencentes ao arquivo sonoro do Projeto NURC (Norma Urbana Culta) do Rio Grande do Sul, selecionados, transcritos e publicados em Hilgert (2009). Foram utilizados três inquéritos (diálogos), selecionados a partir de dois critérios: boa audibilidade da gravação e ocorrência numericamente representativa de atividades metaenunciativas. Como procedimentos metodológicos, realizaram-se repetidas audições dos inquéritos selecionados, acompanhadas da leitura das transcrições; fez-se o levantamento dos procedimentos metaenunciativos neles encontrados, agrupando-os nas quatro categorias de atividades metaenunciativas (não-coincidências do dizer) propostas por Authier-Revuz (1998, 2004); e, por fim, descreveu-se a estrutura formal dos enunciados metaenunciativos de cada categoria e analisaram-se a função geral e as

funções específicas deles nas diferentes ocorrências. Em termos gerais, considerando que se analisaram as atividades metaenunciativas como instâncias de produção de sentidos e, portanto, como procedimentos de construção da compreensão entre os falantes em interação, observou-se que duas categorias estão voltadas, prioritariamente, para a constituição dos sentidos das palavras em relação ao discurso; já as outras duas envolvem papéis interacionais dos interlocutores. De uma forma abrangente, as quatro categorias buscam assegurar o sucesso do processo interativo, que decorre tanto da sintonia interlocutiva na construção dos sentidos, quanto da garantia do falante de ser compreendido pelo ouvinte.

Palavras - chave: conversação; enunciação; metaenunciação; sentido; compreensão.

ABSTRACT

This work is situated in the scope of the enunciation studies and has as object research the metaenunciation in spoken interactions, considered as linguistic-discursive strategy of meaning production and comprehension construction between interlocutors. Connecting this object to the works that try to describe and understand the formation procedures of the spoken text, the notion of language that permeates this research is the language in use, that expresses itself in communication situations and is constituted in the enunciation acts. As theoretical assumption, we lean towards bakhtinian dialogism, in linguistics heterogeneity and, in its context, in the studies about metadiscourse principally made by Authier-Revuz (1998 e 2004). The aim of this research is to describe and to analyse the metaenunciative procedures and, thus, to show that these procedures constitute, as a matter of fact, meaning production strategies and comprehension construction between interlocutors. This overall objective unfolds in the specific objectives: to establish functional categories of metaenunciative activities, namely, categories that are identified by different meanings they produce in the interaction deployment; to make a classification of metaenunciative activities from the point of view of its formal characterization; and to show in which way metaenunciative activities contribute to comprehension pursuit of spoken interaction, be it in the situations where they settle problems of understanding between locutors and solutions for them are sought, or in other situations in which the speaker turns to metaenunciation as a “prophylactic” measure to anticipate the emergence of a casual understanding problem for its listener. The *corpus* of spoken interactions used for the study of metaenunciative activities consists in D2 type surveys (dialogues between two informants) that belongs to the sound archive of Projeto NURC (Norma Urbana Culta), from Rio Grande do Sul, selected, transcribed and published in Hilgert (2009). Three surveys were used (dialogues), selected from two criteria: good audibility from the recording and a numerically representative occurrence of metaenunciative activities. As methodological procedures, repetitive hearings of the selected surveyes were held, accompanied by the reading of the transcripts; a survey of metaenunciative procedures found in them was done, grouping them in four categories of metaenunciative activities (non-coincidence of saying) as proposed by Auhtier- Revuz (1998, 2004); and, lastly, the formal structures of metaenunciative enunciations of each category was described and their general and specific functions were analysed in its different occurrences. Broadly, considering that metaenunciative activities were analysed as instances of meaning production and, therefore,

as understanding construction proceedings between speakers in interaction, it was observed that two types are focused, primarily, for the word meaning constitution related to speech; the two other are involved in the interlocutors interactional roles. In a comprehensive manner, the four categories try to ensure the success of the interactive process, that accrue both from the interlocutive tune in meaning construction and from the speaker assurance of being understood by the listener.

Keywords: conversation; enunciation; metaenunciation; meaning; understanding.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Estilização e paródia da <i>Canção do Exílio</i>	52
Figura 1 – Elementos das funções da linguagem	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO: CONCEPÇÕES PARA O ESTUDO DA LÍNGUA	22
1.1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA ANTERIORES A BAKHTIN: UMA RETOMADA DE HUMBOLDT E SAUSSURE	23
1.2 CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DE LINGUAGEM: O CARÁTER DIALÓGICO.....	25
1.3 ENUNCIÇÃO: "A COLOCAÇÃO EM FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA"	34
CAPÍTULO II - A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA	40
2.1 A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA	41
2.2 A HETEROGENEIDADE MOSTRADA	43
2.2.1 A heterogeneidade mostrada marcada	44
2.2.2 A heterogeneidade mostrada não-marcada	50
CAPÍTULO III - A METAENUNCIÇÃO COMO FORMA DE HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA	58
3.1 NOÇÕES GERAIS DE METALINGUAGEM.....	58
3.2 O METADISCURSO	63
3.2.1 Acepções e classificações do metadiscorso	69
3.3 A METAENUNCIÇÃO	72
3.3.1 Authier-Revuz e a modalização autonímica: as não-coincidências do dizer.....	76
3.3.1.1 Não-co incidência interlocutiva.....	79
3.3.1.2 Não-co incidência entre as palavras e as coisas	80
3.3.1.3 Não-co incidência do discurso consigo mesmo.....	81
3.3.1.4 Não-co incidência das palavras consigo mesmas	83
CAPÍTULO IV - A METAENUNCIATIVIDADE EM INTERAÇÕES FALADAS: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	86
4.1 IDENTIFICAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	86

4.2 A NATUREZA DO <i>CORPUS</i> E OS PROPÓSITOS DA PESQUISA	88
4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	89
4.4 ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS METAENUNCIATIVOS	89
4.4.1 Caracterização da estrutura linguístico-discursiva.....	89
4.4.2 Caracterização funcional das glosas metaenunciativas	97
4.4.2.1 A não-coincidência interlocutiva.....	98
4.4.2.2 A não-coincidência entre as palavras e as coisas	105
4.4.2.3 A não-coincidência do discurso consigo mesmo.....	117
4.4.2.4 A não-coincidência das palavras consigo mesmas	123
4.5 A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS E DA COMPREENSÃO À LUZ DA ANÁLISE FEITA.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS	152
ANEXOS	157
ANEXO A – Normas para transcrição conversacional.....	158

INTRODUÇÃO

O uso da linguagem, em suas diferentes acepções, está diretamente relacionado com a prática social das pessoas. Nessa prática, a evidência fica, indiscutivelmente para a linguagem linguística, ou seja, para a língua. É dela que trataremos nesta tese. Por isso, o termo *linguagem*, usado daqui para frente, terá essa acepção restrita. Seja nas situações mais rotineiras e cotidianas, seja em contextos formais, é por meio da língua que os homens, preponderantemente, se relacionam. E quando se fala dessa relação por meio da língua, a referência primeira é a seu uso em manifestações faladas, já que é pela enunciação oral que ocorre a maior parte das interações sociais.

A noção de língua que, portanto, permeia todo este trabalho é a da língua em uso, a que se manifesta em situações de comunicação, a que produz discursos, enfim, a que se constitui nos atos de enunciação. Tal perspectiva nem sempre teve a evidência que tem hoje no âmbito da Linguística. Por muito tempo predominou o estudo da língua como estrutura estável, como um sistema de regras. No entanto, a língua não é composta por estruturas imutáveis (BAKHTIN, 2010). Estas são, de alguma forma, constantemente atualizadas em cada ato enunciativo. Em razão dessa dinâmica da língua, que se renova em cada situação e contexto interacional, novos objetos do estudo e da pesquisa linguística foram se constituindo, tais como, a natureza dialógica das manifestações linguísticas, as variadas condições de produção dos discursos, a co-enunciação dos enunciados linguísticos, a determinação mútua das escolhas linguísticas nos desdobramentos dialogais, os efeitos de sentido produzidos por essas escolhas, a construção da compreensão como processo interativo. Em síntese, é nesse contexto, em que a língua é estudada em sua emergência dialógica e dialogal, que se situa o nosso objeto de trabalho: a metaenunciação em interações faladas vista como estratégia linguístico-discursiva de produção de sentidos e de construção da compreensão entre os interlocutores.

Entendemos ter natureza metaenunciativa toda atividade linguístico-discursiva realizada no ato da enunciação, na qual o falante se reporta não ao conteúdo do dizer (ao dito), mas ao dizer em si mesmo. No dizer de Authier-Revuz (1998), no ato da metaenunciação o falante “toma distância” de seu enunciado e, de alguma maneira, se pronuncia sobre a enunciação dele. Duplica-se, dessa forma, o processo enunciativo: ocorre, num momento, a enunciação e, em outro, a enunciação sobre a enunciação, que é a metaenunciação.

Para apresentar com mais precisão o objeto de nosso trabalho, mostramos, a seguir, em dois segmentos de fala, exemplos de atividades metaenunciativas.

Exemplo 1:

L1 (...) a planifi/ ... eu acho o seguinte ... que o *proCEsso* ... de aferição da da da da da quali/ da qualificação do aluno de avaliação do aluno ... [**vê bem o conceito que eu utilizei processo ... é um processo ... é um processo permanente**] ... eu duvido que vocês como professores ... vocês avaliem ou venham a avaliar o aluno a partir desses instrumentos desses mecanismos ... ah tradicionais de avaliação...através de uma PROva? (HILGERT, 2009, p.33).

Exemplo 2:

L1 (...) deixando de lado aquelas brincadeiras eu diria que ... a reforma do ensino...o vestibular unificado...são *AB*solutamente *válidas* tendo em vista o contexto social ... que isso produziu e os objetivos a que ela se propõe...()

L2 eu eu não diria [**eu não diria que elas:: se fossem válidas ... mas talvez necessárias**] ... agora ... se a validade ... dos critérios adotados ... realmente ... (HILGERT, 2009, p.36).

No exemplo 1, entre colchetes e em negrito, está um segmento em que o falante (L1) comenta o seu próprio dizer, chamando a atenção para o termo “processo” anteriormente utilizado. Ele deixa explícito, em sua fala, que quer que seu interlocutor esteja atento ao conceito de *processo* como um todo. Já no exemplo 2, o falante (L2) faz referência à palavra “válidas” usada por seu interlocutor (L1), destacando a impropriedade do uso dessa forma e sugerindo outra em seu lugar. Em ambos os exemplos percebe-se um falante atento ao seu dizer ou ao dizer de seu interlocutor, levando-o a se manifestar sobre esse dizer. Manifestações dessa natureza constituem atividades ou procedimentos metaenunciativos, que, em suas variadas formas de ocorrência no *corpus* de nossa pesquisa, serão objeto de descrição e análise na perspectiva da produção dos sentidos nas interações e da consequente construção da compreensão entre os interlocutores.

O *corpus* de interações faladas de que nos valeremos para o estudo das atividades metaenunciativas é constituído por inquéritos do tipo D2 (diálogos entre dois informantes) pertencentes ao arquivo sonoro do Projeto NURC (Norma Urbana Culta) do Rio Grande do Sul, selecionados, transcritos e publicados por Hilgert (2009)¹.

¹Ainda sobre o *corpus*, cabe destacar sua importância no contexto dos estudos da língua falada no Brasil, uma vez que o Projeto NURC, desde a década de 1970, procurou descrever a fala de falantes cultos de cinco capitais do Brasil, escolhidos sob critérios. Este *corpus* foi utilizado por muitos estudos sobre o texto conversacional, em diferentes perspectivas, mas muito ainda há que se explorar nele. É um material importante do ponto de vista descritivo da língua falada, bem organizado, sistematizado e acessível aos pesquisadores que pretendem explorá-lo. Em específico, os materiais do projeto NURC/RS utilizados neste trabalho estão publicados, com material áudio correspondente, o que facilita sobremaneira a coleta e análise dos procedimentos (HILGERT, 2009).

Como objetivo geral, queremos, por meio da observação desse conjunto de dados, descrever e analisar os procedimentos metaenunciativos e, assim, mostrar que esses procedimentos constituem, na verdade, estratégias de produção de sentidos e de construção da compreensão entre os interlocutores.

Esse objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: a) estabelecer categorias funcionais das atividades metaenunciativas, isto é, categorias que se identificam pelos diferentes sentidos que produzem no desdobramento das interações; b) fazer uma classificação das atividades metaenunciativas do ponto de vista de sua caracterização formal; c) mostrar de que forma as atividades metaenunciativas contribuem para a busca de compreensão na interação falada, seja em situações em que se instalam problemas de compreensão entre os interlocutores e se buscam soluções para eles, seja em outras situações em que o falante recorre à metaenunciação como medida “profilática” para se antecipar ao surgimento de um eventual problema de compreensão para seu ouvinte.

Para chegarmos a bom termo na busca desses objetivos, orientaremos-nos, especialmente, pelos estudos sobre heterogeneidade linguística e, no âmbito deles, sobre metadiscursividade e metaenunciação feitos por Authier-Revuz (1998; 2004).

O caráter heterogêneo da linguagem decorre do fato de todo discurso ser constituído por outros discursos. A heterogeneidade linguística é, portanto, uma característica inerente a todo produto da enunciação, isto é, a qualquer texto, na medida em que diferentes vozes e pontos de vista concorrem para sua constituição. Para a construção do conceito de heterogeneidade linguística, Authier-Revuz (1998; 2004) inspira-se no ideário de Bakhtin (2010), especialmente em sua noção de dialogismo, uma “característica essencial da linguagem e princípio constitutivo” (BARROS, 1994, p.02). Tal noção preconiza que, por sermos sujeitos históricos e ideológicos, as palavras sempre trazem em si uma perspectiva de outra voz; todo o texto tem um caráter responsivo: responde a outros textos e desencadeia novos textos.

Nessa perspectiva, Authier-Revuz distingue a “heterogeneidade constitutiva” da “heterogeneidade mostrada” na constituição dos textos. A heterogeneidade constitutiva é aquela que não é mostrada no texto, mas pode ser recuperada pela memória discursiva do interlocutor. Já, a heterogeneidade mostrada vem explicitada na formulação do texto por diferentes recursos. Dentre as formas de heterogeneidade mostrada algumas são *marcadas* e outras *não marcadas*. Consideram-se formas marcadas aquelas que se mostram por meio de marcas fixas e cristalizadas na língua, como é o caso, por exemplo, do discurso direto, do discurso indireto, da negação, das aspas. Já, as não marcadas se mostram por formulações

variadas e imprevisíveis, isto é, elas aparecem no fio do discurso, mas não são identificáveis por marcas cristalizadas no uso linguístico. São exemplos desse tipo as manifestações de heterogeneidade realizadas por meio do discurso indireto livre, da ironia, da metadiscursividade e, no âmbito desta, da metaenunciação.

As atividades metadiscursivas e as metaenunciativas são, portanto, manifestações de heterogeneidade mostrada não marcada, com exceção das *aspas* que, como já dissemos, também são de natureza metaenunciativa, mas são de uso fixo e cristalizado, sendo, portanto, formas marcadas².

Em Authier-Revuz (1998), os procedimentos metaenunciativos são definidos como não-coincidências do dizer e, na medida em que, no desdobramento da enunciação essas não-coincidências emergem, revela-se um processo de monitoramento da construção dos sentidos. Na formulação conversacional esse monitoramento tem, na maioria das vezes, o objetivo de o falante assegurar ao ouvinte a compreensão da enunciação em curso, já que os enunciados

antes de levarem o interlocutor a crer, a responder, a agir e, antes de exercerem força argumentativa, explicativa, justificadora, precisam ser compreendidos por ele. Por isso, em função de seus propósitos de comunicação, os falantes mantêm a *compreensão* sob constante *controle* no trabalho de formulação do texto (HILGERT, 2003, p.233-234).

É à luz desse contexto teórico que desenvolveremos esta tese, que terá a seguinte estrutura geral.

No primeiro capítulo apresentamos o quadro teórico que fundamenta a concepção de linguagem que está na base deste trabalho, a partir dos estudos de Bakhtin. Discutem-se conceitos importantes como dialogismo, polifonia e enunciação para compreender que o uso da linguagem é a enunciação e que esta só acontece na interação. Este capítulo é importante para que possamos, na sequência, entender a noção de heterogeneidade linguística.

² Para melhor clareza do que estamos desenvolvendo, sentimos necessidade de antecipar a distinção entre alguns conceitos. Quando se trata de **metalinguagem**, fala-se da função metalinguística da linguagem, que consiste no uso das palavras para explicar as próprias palavras, em sentido amplo, assim como a definiu Jakobson (2005); quando a língua é utilizada para explicar a própria língua nas mais diversas perspectivas. Em síntese, pode-se dizer que, em termos amplos, a metalinguagem é um conceito do âmbito da língua e não do discurso. O **metadiscorso** usa a linguagem para falar da língua enquanto realização discursiva, ou seja, o metadiscorso é um discurso que remete ao próprio discurso. Já a **metaenunciação** é integrante das atividades metadiscursivas, pelo que se entende “todo procedimento linguístico - discursivo em que o falante, no desdobramento da interação, se reporta ao dizer em si e não ao dito” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.84). Estes conceitos serão desenvolvidos e exemplificados no terceiro capítulo.

No segundo capítulo definimos o conceito de heterogeneidade linguística e damos especial ênfase às formas com que ela se pode manifestar em interações face a face. A importância deste capítulo reside especialmente no fato de que, a partir dele, serão definidas as grandes categorias funcionais – as categorias definidoras de sentidos - das manifestações metaenunciativas.

No terceiro capítulo focalizamos a metaenunciação como forma de heterogeneidade da linguagem. Partimos da relação da metaenunciação com a noção de metalinguagem de Jakobson e de metadiscursividade em Authier Revuz (1998; 2004) e Maingueneau (1997; 2011). Buscamos, assim, clara definição de conceitos para estabelecer a base teórica em que está assentado o estudo da metaenunciação neste trabalho.

Esses três primeiros capítulos possuem o objetivo de configurar o campo teórico da tese, definindo os conceitos necessários para o desenvolvimento e a compreensão desta pesquisa.

O quarto capítulo é dedicado à descrição e análise das ocorrências metaenunciativas do *corpus*. Mas antes de proceder a essa análise, visando aos objetivos relacionados no início desta introdução, identificaremos o *corpus* adotado para o trabalho, seguido de breves considerações que vinculem a natureza desse *corpus* com os propósitos da pesquisa; e discorreremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados. Por fim, feita a análise, daremos, no último tópico deste capítulo, um destaque especial às operações metaenunciativas como fatores da construção interativa da compreensão.

Por último, faremos as considerações finais sobre os resultados do estudo feito. Nelas pretendemos dar particular ênfase à função das atividades metaenunciativas na construção de sentidos na interação e, em decorrência, à construção interativa da compreensão entre os interlocutores.

Depois de ter lido essa introdução, o leitor poderá se perguntar: qual é a razão da escolha desse tema para a presente tese, ou, em outras palavras, qual é a importância desse tema como objeto de estudo para uma tese?

Das motivações que levaram ao desenvolvimento deste trabalho, algumas razões acadêmicas e profissionais merecem destaque especial para a escolha desse campo do conhecimento linguístico e pela opção desse *corpus*.

Desde o início de minhas atividades profissionais, trabalhei com a docência, atividade diretamente ligada à produção de discursos. Primeiramente com a docência na Educação Infantil e nas séries iniciais; posteriormente, como professora de Língua Portuguesa. Essas

atividades, em níveis diferentes, sempre se voltaram à aquisição da língua oral e escrita, com o “bem” falar e “bem” escrever, com a produção e compreensão de discursos.

Durante os anos em que cursei a Graduação em Letras, conheci as tendências linguísticas propostas pela Pragmática, a Análise de Discurso, o Círculo de Bakhtin, as quais me fizeram refletir sobre a produção dos discursos e o aspecto comunicativo das interações. Tal interesse foi ampliado quando ingressei no Curso de Mestrado em Letras, período em que conheci a Análise da Conversação e a Enunciação, perspectivas que me auxiliaram nas reflexões sobre a língua, em especial a língua falada. E foi durante o Mestrado, também, que tive o primeiro contato com o material do projeto NURC, a bibliografia produzida pela Gramática do Português Falado³ e toda a base dos estudos sobre a conversação no Brasil, *corpus* que foi tratado em minha dissertação.

Na dissertação, trabalhei com a metaformulação no discurso didático, a partir de dois tipos de *corpora*: uma elocução formal- EF (aula universitária), do projeto NURC, bem como uma aula expositivo-dialogada, gravada *in loco*, no ano de 2006, e transcrita segundo os parâmetros do Projeto NURC. Dentre os diferentes procedimentos de metaformulação analisados, busquei comparar as estratégias de formulação utilizadas pelos docentes na condução de suas aulas. Observei, durante o trabalho do Mestrado, que os estudos já existentes sobre o *corpus* do NURC eram, em sua maioria, referentes a paráfrases, repetições, correções e inserções. Sobre as atividades metadiscursivas havia menor quantidade de material produzido⁴. Foi justamente esse material que aguçou meu interesse pelo fenômeno do “dizer sobre o dizer”. Desse modo, vi no metadiscorso uma oportunidade de aprofundar meus estudos acerca da conversação, associando-o aos estudos da língua em uma perspectiva enunciativa. Nos escritos de Authier-Revuz conheci a metaenunciação e seus desdobramentos. É a autora que se dedica a estudar a metaenunciação nas interações faladas, trabalhando com a especificidade das ocorrências metaenunciativas, com funções específicas

³O Projeto *Gramática do Português Falado* (PGPF) teve início em 1988 com o objetivo de produzir coletivamente uma gramática de referência com base nos dados do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta do Brasil (Projeto NURC). Dentro dessa meta foram publicados oito volumes: Castilho (1991), Ilari (1992), Castilho (1993), Castilho e Basílio (1996), Kato (1996), Koch (1997), Neves (1999), Abaurre e Rodrigues (2002) (CASTILHO; BASÍLIO, 2003). Todos compilam artigos desenvolvidos pelos pesquisadores da língua falada e são de extrema importância para o estudo e análise de textos falados no Brasil. Vários desses estudos já foram reeditados. Segundo Hilgert (1996), o objetivo desse projeto é a elaboração de uma gramática referencial da língua portuguesa falada.

⁴No Brasil, encontramos pesquisas de Risso e Jubran (1998) e Jubran (2009), com um estudo amplo da metadiscursividade; de Hilgert (2001), na mesma perspectiva dos autores alemães Gülich e Gotschi (*Qualification Procedures*); Hilgert (2003 e 2006), abordando aspectos metadiscursivos na construção das interações faladas e situando o falante como observador de suas palavras.

na interação e sempre definidoras de sentidos. Era o viés teórico que fundamentaria o seguimento de meus estudos.

Assim, tal tema firmou-se como interesse de investigação quando do ingresso no Programa de Doutorado. Primeiro, por envolver a conversação, perspectiva de estudo linguístico sobre a qual já tinha interesse e feito leituras há mais tempo; segundo, por exigir o avanço de meus estudos acadêmicos, explorando teorias que viessem a explicar a interferência das atividades metaenunciativas na condução e realização do discurso, em especial, levando em conta a busca da compreensão no desdobramento interativo.

A relevância do estudo desse tema reside, portanto, no fato de ele evidenciar estratégias discursivas produtoras de sentidos. Por meio das estratégias metaenunciativas a palavra assume sentido no discurso e deixa de ser “neutra”, “dicionarizada”, como já preconizava Bakhtin (2010). Também destaco que apontar quais são as funções que os procedimentos metaenunciativos assumem no discurso auxilia a compreender como ocorrem as negociações de sentido e como os interlocutores procuram ajudar-se mutuamente para que seus objetivos comunicacionais sejam atingidos.

Vale ainda lembrar que qualquer pessoa, quando em uma atividade comunicativa, espera ser compreendida por seu interlocutor. E aqui, coloco-me novamente em minha função profissional: como docente, minhas explicações didáticas em geral são feitas por meio de textos falados. E, assim, um elemento tão básico - a compreensão do interlocutor - passa a ser uma busca constante: almejamos que nossos alunos-interlocutores alcancem a compreensão, o entendimento dos conceitos trabalhados, os sentidos das palavras e termos por nós utilizados.

É nesse contexto de interesses acadêmicos e preocupações profissionais que o presente trabalho se justifica e encontra sua relevância.

CAPÍTULO I

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO: CONCEPÇÕES PARA O ESTUDO DA LÍNGUA

Analisar a língua é um desafio. Desafio, pois trabalhar com a língua é trabalhar com palavras, com discursos. Desafio, pois se sabe que as palavras assumem um sentido próprio no momento preciso em que dela fazemos uso, apontam perspectivas diferenciadas no ato da interação verbal, da leitura, de sua interpretação. Por ser este um trabalho sobre a língua, sua organização e os sentidos que emergem de seu uso, faz-se, neste primeiro capítulo, a discussão da concepção de linguagem que norteia a pesquisa, a de que a língua é interação e, por isso, é constitutivamente dialógica.

A concepção interacionista de linguagem reconhece sujeitos ativos na sua produção linguística. Mikhail Bakhtin, estudioso russo que atuou em diversos campos das Ciências Humanas, propôs que a língua só tem existência na interação. Essa premissa alterou as bases dos estudos linguísticos, pois revelou ser a língua um elemento indissociável do sujeito que a utiliza em suas práticas sociais, o qual realiza o ato de comunicação por meio da exploração, consciente ou não, dos recursos formais e expressivos que a língua coloca a sua disposição.

No surgimento da Linguística no campo das Ciências foi necessário definir um objeto de estudo para que esta pudesse ser considerada, de fato, como uma área de conhecimento científico. E, a partir de Saussure, o primeiro que definiu a *língua (langue)* como sendo esse objeto, os estudos passaram a considerar o que era estável na língua, o que era passível de rigor científico, como nas ciências exatas. A fala, o ato de enunciar e as possibilidades de sentido que cada enunciado possui foram deixados de lado e se procurou ver a língua apenas como sistema. Bakhtin não negou a importância do ponto de vista de Saussure, mas reconfigurou o conceito de língua e, assim, redefiniu o objeto da Linguística. Para ele, esse objeto é a língua que tem existência em sua enunciação, nos atos de interação por meio dos quais os indivíduos realizam suas práticas sociais. Segundo Barros (1994, p.01), “Bakhtin antecipa de muito as principais orientações da Linguística moderna, principalmente no que respeita aos estudos da enunciação, da interação verbal e das relações entre linguagem, sociedade e história e entre linguagem e ideologia”.

No próximo tópico nos aprofundaremos um pouco na concepção interacionista de língua proposta por Mikhail Bakhtin e seu círculo de estudos. E, para defini-la melhor,

introduziremos esse tópico com conceitos anteriores na história da Linguística, particularmente os propostos por Ferdinand de Saussure e Wilhelm von Humboldt.

1.1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA ANTERIORES A BAKHTIN: UMA RETOMADA DE HUMBOLDT E SAUSSURE

Para propor uma concepção dialógica de língua, Bakhtin (2010) retoma e tece críticas a duas outras concepções de cunho filosófico-linguístico: os fundamentos estruturalistas e objetivistas, propostos por Ferdinand de Saussure (*Objetivismo abstrato*), e os de cunho subjetivista de Wilhelm von Humboldt (*Subjetivismo individualista*), para então discutir a linguagem em uma perspectiva social. Para esta discussão inicial, apresentam-se essas duas principais concepções de língua apontadas e questionadas por Bakhtin, conforme consta em “Marxismo e filosofia da linguagem”⁵.

Primeiramente, Bakhtin (2010) estabelece uma crítica ao ponto de vista de Saussure, que propõe uma “Linguística do sistema”. É decorrente dessa perspectiva que Saussure definiu como objeto de estudos da Linguística a *língua (langue)*, passível de rigor científico, considerando que a língua seria um sistema de normas imutáveis, externas à consciência individual (SAUSSURE, 2004).

O Curso de Linguística Geral (CLG) figurou por muitos anos como a principal obra para o estudo e a compreensão da língua. Nele, Saussure considera que, “tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence ao domínio individual e ao domínio social” (SAUSSURE, 2004, p.17).

Saussure (2004) defendeu que o objeto de estudo da Linguística seria a *langue*, de natureza social e comum a toda uma comunidade linguística, em contraposição à individualidade expressa pela *parole*. Para ele não havia como, naquele momento, considerar o fenômeno da variação, o qual ficaria por conta do estudo da *fala*, isto é, do estudo das manifestações individuais no uso da língua. Para Saussure, a língua (*langue*) está no campo social por ser regida por regras comuns a um grupo de falantes, enquanto a fala (*parole*) se

⁵ A obra “Marxismo e filosofia da linguagem” foi publicada na Rússia, em 1929 e assinada por V. N. Voloshínov, mas posteriormente a autoria foi atribuída a Bakhtin. Segundo estudiosos, muitos textos apareceram sob a responsabilidade de outros autores porque, “devido a razões políticas, Bakhtin não pode publicá-los em seu nome”. (FIORIN, 2008b, p.12-13).

situa na esfera do individual e, devido a isso, suas peculiaridades não poderiam ser compreendidas em seus estudos, que buscavam algo objetivo, do qual poderia se extrair uma ciência racional e estrutural.

É decorrente dessa perspectiva que a língua deveria ser estudada somente em sua “essência”, desconsiderando seu contexto de uso, o que garantiria sua imutabilidade. Ignorar a perspectiva individual na língua evitaria considerar também as influências que o fator individual nela imprimiria, em razão de seus usos nos variados contextos. Essa última perspectiva será apontada por Bakhtin, que ressalta a reciprocidade das relações que fazem a língua se modificar através de seus usos.

Em relação ao objetivismo abstrato e à língua como interação, cabe destacar que, mesmo contemporâneo de Saussure, Bakhtin (2010) já defendia que a língua depende de contextos e usos, concepção que se contrapunha à defendida por Saussure no CLG. O livro *Marxismo e filosofia da linguagem* apresentou uma crítica forte e sistemática a respeito da concepção estruturalista da língua. Se para Saussure o que deveria ser estudado era o sistema, do ponto de vista “objetivo” e “abstrato”, para Bakhtin, o estudo da língua só tinha sentido quando associado ao uso que dela fazem seus falantes, ou seja, manifesta em enunciados.

Outra crítica apresentada por Bakhtin é relativa ao *subjativismo individualista*. Para entendermos esse conceito é preciso voltar às ideias defendidas por Wilhelm von Humboldt (*apud* BAKHTIN, 2010, p.74), pensador alemão, que foi um dos precursores e o mais notório representante da tendência que defendia que “a língua é uma atividade, um processo ininterrupto de construção (*energeia*), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala”.

Humboldt, sem negar a função comunicativa da linguagem, colocou-a em segundo plano, pois, ao primeiro plano promovia a função da formação do pensamento, *independente da comunicação*. Para ele, “sem fazer nenhuma menção à necessidade de comunicação entre os homens, a língua seria uma condição indispensável do pensamento para o homem, *até mesmo na sua eterna solidão*” (*apud* BAKHTIN, 2003, p.270). Assim, a língua resultaria da necessidade do homem de se autoexpressar, de objetivar-se.

Para Bakhtin (2010, p.114), “o subjativismo individualista apoia-se também sobre a enunciação monológica como ponto de partida da sua reflexão sobre a língua (...), do ponto de vista da pessoa que fala, exprimindo-se”. A língua, no entanto, não é uma obra pronta e acabada; a língua está constantemente se transformando, de forma dinâmica. Pode-se considerar que a essas premissas atrela-se a noção de que é no processo de uso da língua que ela se modifica constantemente.

Dessa breve retomada depreende-se que as concepções de língua como expressão do pensamento e de língua como sistema são insuficientes para tratar da língua em uso, em situações concretas e reais dos falantes. Não cabe apenas definir a língua como um sistema de regras idealizado, tendo em vista que é na interação que os sujeitos se comunicam e constroem novos sentidos para as palavras. É o que Bakhtin propõe ao conceber a língua como dialógica.

1.2 A CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DE LINGUAGEM: O CARÁTER DIALÓGICO

Estudar Bakhtin é ingressar em um campo linguístico que vê a língua como um fenômeno essencialmente vivo. Nesta seção, procura-se apresentar a concepção de linguagem bakhtiniana, ou seja, a que define a língua como constitutivamente dialógica.

As duas concepções de língua tratadas anteriormente opõem-se à visão bakhtiniana de considerar a língua como uma atividade social, na qual o importante não é apenas o enunciado, enquanto produto, mas a enunciação, enquanto processo verbal de construção do produto.

É nessa perspectiva que o autor elabora o seu conceito de língua:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2010, p.123)

Para Bakhtin (2003) e seu círculo de estudos, a língua não conserva mais formas e palavras neutras, que “não são de ninguém” (p.293): ela está disseminada de intenções. A língua existe onde houver possibilidade de interação social, de discurso, pois é algo empreendido conjuntamente pelos usuários, em uma atividade social. A língua é, portanto, constitutivamente dialógica, no sentido de que a orientação da palavra se dá em função do outro, como destaca Bakhtin (2010, p.117):

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de *alguém*, como pelo fato de que se dirige *a alguém*. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

A pressuposição do outro é essencial quando se vê a língua como interação, o que não pressupõe apenas a ideia de diálogo face a face. O dialogismo é um conceito bem mais amplo e profundo em Bakhtin, uma vez que envolve a natureza da produção discursiva de qualquer ordem. É verdade que a interação face a face explicita o caráter dialógico da linguagem, mas não é menos dialógica qualquer manifestação linguística, ainda que expressa individualmente, na fala ou na escrita. O uso da língua, em qualquer instância, é social. A perspectiva de um interlocutor está sempre implícita. Ninguém fala ou escreve por falar e por escrever. Não existe manifestação linguística sem a perspectiva de um interlocutor e sem que esse interlocutor tenha participação ativa na construção do enunciado linguístico. Além disso, toda manifestação linguística, ao mesmo tempo em que é uma resposta a outra, desencadeia respostas outras.

Apresentamos breves considerações referentes a alguns conceitos-chave da concepção bakhtiniana inerentes ao estudo proposto por esta pesquisa. São eles: o dialogismo, a enunciação na perspectiva bakhtiniana, o signo e a polifonia.

O dialogismo é uma característica essencial da natureza da linguagem; é constitutivo de todo e qualquer discurso. É o princípio da linguagem que pressupõe que todo o discurso é constituído por discursos outros, que por sua vez são aparentes ou não nos textos, mas sempre são presentes. Para Barros (1994, p.02), “o dialogismo é a condição do sentido do discurso”.

É por meio do dialogismo que um discurso estabelece relações permanentes com outros discursos, pois, conforme Flores *et al* (2009, p.80): “Isso se deve ao fato de o discurso trazer ressonâncias de já-ditos, responder a dizeres diversos (passados, presentes, futuros) e fazer projeções e/ou antecipações de discurso-resposta”.

Pode-se dizer que é a partir do conceito de dialogismo, entendido como um princípio constitutivo de qualquer discurso, que se fundamentam outros conceitos presentes na teoria

bakhtiniana, como o signo, o enunciado, a compreensão responsiva. Segundo Fiorin (1994, p. 29), a obra de Bakhtin é fiel ao conceito de dialogismo, pois “sua preocupação básica foi a de que o discurso não se constrói sobre o mesmo, mas se elabora em vista do outro. Em outras palavras, o outro perpassa, atravessa, condiciona o discurso do eu”.

As relações dialógicas são relações de sentido entre os enunciados existentes na cadeia de comunicação discursiva, como define Bakhtin. Assim, o dialogismo é um conceito que se refere “às relações que todo o enunciado mantém com os enunciados produzidos anteriormente, bem como enunciados futuros que poderão os destinatários produzirem” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.160).

Percebe-se assim que, para Bakhtin (2010, p.123), o dialogismo transcende a noção de diálogo apenas como interação face a face, pois “pode-se compreender a palavra diálogo num sentido mais amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”.

Das ideias de Bakhtin podemos entender que o princípio do dialogismo está vinculado ao processo de interação verbal, tendo em vista que a palavra é determinada tanto pelo fato de que *procede de alguém*, como pelo fato de que se *dirige para alguém* (BAKHTIN, 2003). Ela, de fato, é considerada o produto da interação do locutor e do ouvinte. E, deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis (eixo paradigmático, de seleção, como definido por Saussure), a própria realização desse signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais.

Vale considerar que Bakhtin apresenta um conceito amplo de dialogismo, conceito este retomado por muitos autores com finalidades específicas. Para este trabalho a noção de língua dialógica pressupõe a existência de um diálogo em todo e qualquer texto, uma vez que um texto sempre estabelece o diálogo com outros já existentes. Um dos autores que, a partir de sua interpretação do dialogismo bakhtiniano, define o dialogismo de uma maneira mais restrita é Fiorin (2008b).

Segundo Fiorin (2008b), a natureza dialógica da língua pode ser observada de diferentes maneiras, assim concebida por Bakhtin.

A primeira diz respeito ao dialogismo constitutivo, isto é, “ao modo de funcionamento real da linguagem: todos os enunciados constituem-se a partir de outros”, por isso “quando se fala em dialogismo constitutivo, pensa-se em relações com enunciados já constituídos e, portanto, anteriores e passados” (op. cit., p.32). Esse dialogismo não se mostra no discurso.

A seguir, o autor considera que há um dialogismo que se mostra no discurso, na medida em que nele vêm incorporadas as vozes de outros enunciados, ou seja “são maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso” (FIORIN, 2008b, p.32). Nessa perspectiva estamos diante de um dialogismo mostrado.

Por fim, Fiorin aponta para uma terceira forma de entender a noção de dialogismo. Refere-se ela à constituição discursiva do sujeito, na medida em que apreende “vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso” (p.55). Nesse sentido, depreende-se que o sujeito é constitutivamente dialógico, como são seus discursos. E, criar discursos é colocar a língua em funcionamento, enunciar.

A enunciação é um conceito de grande importância na teoria de Bakhtin, pois a concepção de linguagem bakhtiniana se complementa com a noção de língua em funcionamento, quando o autor define o que é **enunciação**:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN, (2010, p.121).

Desse modo, segundo Bakhtin, o objeto da Linguística deve ser o **enunciado** enquanto produto da enunciação, uma vez que a verdadeira essência da linguagem é o acontecimento social da interação verbal, do modo como ela se realiza em uma ou mais enunciações. (BAKHTIN, 2010). Segundo o autor, a língua tem existência quando o locutor, imbuído de necessidades enunciativas concretas, faz uso dela. A presença do *outro*, nessa perspectiva, é de extrema importância, pois o outro se projeta tanto no ato de produção quanto de endereçamento dos enunciados no momento em que esses estão sendo construídos. O *outro* é condição necessária para a existência de qualquer enunciado, afinal a palavra dirige-se sempre a um interlocutor.

Bakhtin (op.cit, p.116) aponta que a língua acontece na enunciação pois, “com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Para o autor, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa *posição responsiva*: concorda ou discorda dele

(total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo. Evidencia-se o caráter responsivo do enunciado, pois ele só adquire existência devido a uma particularidade que o constitui: o fato de haver *quem* enuncie e um *alguém*, para quem ele se dirige. Assim, o falante está determinado a uma *compreensão responsiva*: ele não espera uma compreensão passiva, que apenas dobre seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução.

É desse modo que a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação. Já, o *pensamento*, para o autor, não existe fora de sua expressão potencial e nem mesmo fora da orientação dessa expressão e do próprio pensamento. Defende que a palavra não é algo “dicionarizado”: ela constrói seu sentido no contexto sócio-histórico em que surge, bem como na situação enunciativa em que estão envolvidos os sujeitos que a usam.

Nesse sentido, o papel do outro, para quem se constrói o enunciado, é muito importante, pois esse outro não é ouvinte passivo, mas um participante ativo da comunicação discursiva. Desde o início, o falante aguarda uma resposta, espera uma *ativa compreensão responsiva* por parte de seu interlocutor. É como se todo o enunciado se construísse visando o encontro dessa resposta. Por isso, um traço essencial (constitutivo) do enunciado é seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*, afinal, cada *gênero do discurso*⁶, em cada campo da comunicação discursiva, tem a sua concepção típica de destinatário, o que o ajuda a se determinar como gênero. Dessa forma, o endereçamento do enunciado é uma *peculiaridade constitutiva*, sem a qual não há nem pode haver enunciado.

Esse pressuposto do endereçamento é mais uma faceta de oposição ao objetivismo abstrato: as unidades da língua - palavra e oração-, ao contrário, não são de *ninguém e para ninguém* (BAKHTIN, 2003), tendo em vista que a língua, enquanto sistema, possui muitos recursos linguísticos para exprimir o direcionamento formal dos enunciados os quais, entretanto, só atingem direcionamento real na enunciação. Para Bakhtin (2003, p.275):

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso (...). Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro, ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão).

⁶ Em sua obra *Estética da Criação Verbal* (2003), Bakhtin aborda sobre os *Gêneros do Discurso* defendendo que cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denomina gêneros do discurso.

Em síntese, toda a informação dirige-se a alguém, é suscitada por alguma coisa e tem algum objetivo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Cada enunciado deve ser visto como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo, afinal “cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados, de dada esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p.297). O enunciado tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso e, no âmbito desses limites, o enunciado reflete o processo do discurso nos enunciados do outro, ou seja, reflete os elos precedentes da cadeia discursiva.

Assim, Bakhtin (2003, p.272) compara os enunciados a elos, ao afirmar que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”, ou seja, todo o falante é, por si mesmo, um “respondente” em maior ou menor grau, porque ele pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também enunciados antecedentes. No entanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes da comunicação discursiva.

Por isso pode-se afirmar que vida e discurso não podem ser entendidos como elementos separados. Negar a relação entre vida e discurso é negar a possibilidade de atribuir sentido à própria língua. Bakhtin (2010, p.154) afirma que “a língua não existe por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta” e ressalta que “é apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se de seu poder vital e torna-se uma realidade”(op.cit).

Em resumo, para o autor, a reflexão linguística de caráter formal-sistemático é incompatível com uma abordagem histórica viva da língua, tendo em vista que o sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto. Desse modo, considera-se que a língua não se transmite. Ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada, eles penetram na corrente da comunicação verbal. Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna, pois é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (BAKHTIN, 2010). Dessa forma, o ato da fala, ou seu produto (o enunciado), não podem ser considerados como “individuais”, no sentido estrito do termo, nem mesmo podem ser explicados a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. Assim, como afirma Bakhtin (2010, p.99) “a enunciação é de natureza social” e decorrente dessa acepção as palavras não são neutras, são “signos”.

Se para Bakhtin a língua é dialógica e a enunciação é de natureza social, a palavra, entendida como SIGNO no processo de enunciação, aponta para uma situação socialmente determinada. Essa discussão faz-se necessária para a compreensão da natureza das operações metaenunciativas – que incidem sobre palavras ou expressões na construção de enunciados, como discutiremos no capítulo terceiro – as quais se constituem em uma atividade linguístico-discursiva relacionada às escolhas que os enunciadore/interlocutores realizam no ato da enunciação. Desse modo, mostrar que a palavra não é neutra, possui um endereçamento e não é de posse de quem a usa, mas de seu interlocutor também, é um pressuposto que antecipa a ação metaenunciativa nos textos falados, tema desta pesquisa. Todas essas premissas inerentes ao signo linguístico são tratadas por Bakhtin, em sua visão dialógica de língua.

Bakhtin utiliza o termo signo linguístico ao afirmar que todo signo é ideológico por excelência. Para Bakhtin (2010, p.31): “Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”.

O signo é instável e flexível pois atua e é reconfigurado de acordo com as necessidades contextuais. O autor defende que o signo atua conforme o contexto, ressignificando-se a cada nova interação. A oração, apenas como unidade da língua, não tem autor, “é de ninguém”. Só funcionando, como enunciado pleno, torna-se expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva. A língua acontece em seu uso e a enunciação (o uso da língua) só ocorre na interação entre os locutores. Para Bakhtin (2010, p.98),

na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto de contextos passíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B, ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística.

A língua se constitui em uma dinâmica que reflete variações sociais e variações nela mesma. Se por um lado, efetivamente a evolução da língua obedece às leis internas de um sistema, por outro ela é regida por fatores externos. Em outras palavras, o signo dialético, dinâmico e vivo, opõe-se ao “sinal” inerte, que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato. Bakhtin preconizou que o signo e a situação social em que ele se insere

estão indissolivelmente ligados. Por isso, para Bakhtin (2010, p.14) “a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne apenas nos indivíduos”.

A palavra, por sua vez, na perspectiva bakhtiniana é vista como a “arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os *conflitos de classe* no interior do sistema” (BAKHTIN, 2010, p.14). Também é dessa afirmação que decorre a afirmação de que a língua é utilizada pela classe dominante para reforçar o seu poder, ou seja, o signo é o lugar onde as classes antagônicas pertencentes à mesma comunidade linguística procuram tirar proveito próprio dos significados.

Para Bakhtin, a palavra está sempre carregada de um conteúdo e de um sentido ideológico e relativo à vida, pois é um signo ideológico, tendo em vista que,

não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 2010, p.95).

Destacam-se aqui três aspectos nos quais a palavra existe para o falante, segundo Bakhtin (2003): como palavra da língua, *neutra* e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela, em uma situação determinada, com uma intenção discursiva específica, ela já está compenetrada da minha expressão.

A palavra, em seu sentido dicionarizado, sem um contexto ou uso específico, ao contrário, “é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.” (BAKHTIN, 2010, p.37). No entanto, é devido ao seu papel de instrumento da consciência, que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica, seja ela qual for.

Partindo das aceções acerca da palavra feitas por Bakhtin, reiteramos que a escolha de uma palavra na construção de um discurso está condicionada pelo interlocutor, ou seja, há uma espécie de negociação entre o enunciador e o enunciatário. Tal negociação, em geral, é implícita e constitutiva dos textos, mas em alguns casos pode revelar-se explicitamente, denotando outros discursos que compõem o dizer. É o caso dos procedimentos metaenunciativos que se revelam na construção do discurso.

Voltando-se ao tema deste trabalho, as palavras quando utilizadas na construção de enunciados ou desdobradas em uma interação demonstram ao interlocutor que elas estão repletas de outros sentidos e que é o contexto da interação que revelará qual destes sentidos será alocado. Ou seja, as palavras assumem seu real sentido apenas no discurso e os discursos, por sua vez, constroem-se por meio de uma negociação de sentidos (muitas vezes velada) na relação discursiva entre os interlocutores.

Inerente ao conceito de dialogismo está a noção de polifonia. Dialogismo é um conceito mais amplo, definidor da natureza da língua; já a polifonia é uma forma de manifestação do dialogismo. Segundo Barros (1994, p.05) “emprega-se o termo polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem”.

Bakhtin inicialmente explorou o conceito de polifonia, já corrente por volta de 1920, atribuindo sentido e valores novos no estudo de romances, da relação entre o autor e a personagem, associando a polifonia ao nível do enunciado. Em Linguística, é possível ainda distinguir diferentes acepções para o termo, mas, de uma forma geral, entende-se que “polifonia é quando se estabelece um jogo entre várias vozes” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.388). Para Bezerra (2005, p.194),

o que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável.

Embora dialogismo e polifonia sejam dois conceitos bakhtinianos que se assemelham e se complementam, um não é sinônimo do outro. Para Barros (1994, p. 06), “reserva-se o termo dialogismo para o princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso”, enquanto “existem textos polifônicos e monofônicos, segundo as estratégias discursivas acionadas” (op.cit).

Podemos concluir que todos os textos são dialógicos, mas produzir efeitos de polifonia é uma opção decorrente de procedimentos discursivos que se utilizam nos textos, como corrobora Barros (1994, p.06):

o diálogo é a condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos.(...). Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando estas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir.

Assim, um texto, independente da situação de interação em que foi produzido é constitutivamente dialógico. Pensando que a linguagem em uso é enunciação e que é por meio desta que se assegura o aspecto interacional da linguagem, na seção a seguir detalham-se algumas perspectivas que os estudos da enunciação apontam.

1.3 ENUNCIÇÃO: “A COLOCAÇÃO EM FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA⁷”

Dos postulados de Bakhtin depreende-se que a verdadeira substância da língua é constituída pelo “fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN, 2010, p.127). Desse modo, defende-se que a língua acontece pela interação, pela enunciação, conceito que foi explorado por diferentes linguistas, mas que reforça que a língua só tem sentido quando se leva em conta seu caráter social.

Desde a organização da Linguística como ciência sistematizada, por meio dos estudos de Saussure em seu livro “Curso de Linguística Geral” (CLG), os estudos sobre a língua, enquanto sistema de signos adquiriram novos enfoques. O linguista precursor da Linguística moderna não priorizou, naquele momento, os fenômenos que associavam a língua às manifestações de seus falantes. É nessa ampliação de perspectiva, tomando a língua como um sistema em funcionamento, é que se insere o conceito de enunciação.

Com o intuito de compreender o próprio funcionamento e o alcance da língua, originaram-se estudos sobre a organização das palavras, a elaboração dos enunciados, a

⁷ BENVENISTE (2006, p.82),

articulação e os efeitos provocados pelos discursos. A língua passou a ser vista como um elemento de constituição dos sentidos; não representava apenas, mas também criava realidades, direcionando as relações sociais.

Émile Benveniste é um dos precursores e grande representante dos linguistas que se propuseram a estudar e definir a enunciação, entendendo que os mecanismos formais de enunciação e ou de realização do enunciado, deveriam estar presentes nos estudos da língua. A partir do pensamento de Benveniste surgem as teorias da enunciação, as quais “estudam as marcas do sujeito no enunciado e não o próprio enunciado”. (FLORES; TEIXEIRA, 2010, p.11).

Em relação à linguagem, Benveniste (2005, p.27) define que:

De fato é dentro da e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas freqüentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu.

A enunciação passou a ser um campo de estudo, muito embora, inicialmente, não lhe foi dada a devida importância em função do forte componente contextual que era exigido para que seus fenômenos fossem devidamente explicados. A teoria da enunciação de Benveniste “não vem a reafirmar o proposto por Saussure, mas sim, é responsável por instaurar um pensamento diferenciado acerca da linguagem” (FLORES; TEIXEIRA, 2010, p.30).

O conceito de língua como interação social reintroduz, nos estudos linguísticos, a reflexão sobre a noção de sujeito, deixando de lado a noção de língua como um “sistema neutro” e considerando-a como o lugar privilegiado de manifestações enunciativas. Esta noção apresenta-se na teoria da enunciação do linguista Émile Benveniste, que propõe que no ato enunciativo o sujeito não constitui apenas o sujeito locutor, mas também o sujeito-alocutário. Em outras palavras: ao instaurar a posição “*eu*”, instaura-se também um “*tu*” pressuposto: “(...) ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda a enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 2006, p.84). Assim, a enunciação estabelece a relação entre a língua e o mundo: ela permite representar os fatos no enunciado, constituindo, ela própria, um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço.

Com isso, Benveniste redefine o conceito de linguagem entendida como instrumento de comunicação. Falar em instrumento, quando se trata de língua, é colocar o homem em oposição a sua própria natureza, tendo em vista que as características da linguagem (conteúdo, funcionamento simbólico) impedem que ela seja comparada a um instrumento, pois se desse modo fosse, seria possível dissociar o homem da própria linguagem, o que não é possível, pois “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de *ego*” (BENVENISTE, 2005, p. 286). Para o autor, a língua é o “aparelho formal da enunciação”.

A definição proposta por Émile Benveniste (2006, p.82) trata a enunciação como “a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”, propondo um estudo sobre a subjetividade da linguagem, descrevendo a língua como o fundamento das relações intersubjetivas que ocorrem no discurso. Podemos, assim, entender a enunciação como o ato de produzir discursos, ou mesmo, como define Fiorin (2002) “o primeiro sentido da enunciação é o ato produtor de enunciados”. Charaudeau e Maingueneau (2004, p.193) corroboram com esta afirmação ao destacar que “a enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: por um lado, permite representar fatos no enunciado, mas, por outro, constitui por si mesma um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço”.

No Brasil, o linguista José Luiz Fiorin é um dos grandes representantes dos estudos da enunciação. Segundo ele “a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do *ego, hic et nunc*” (FIORIN, 2002, p.42), ou seja expressões latinas que designam o EU, o AQUI e o AGORA da enunciação. Sem dúvida, o enunciador está presente no discurso através de suas *marcas*. Na projeção da enunciação no enunciado, instalam-se as categorias de pessoa, tempo e espaço, ou seja, situam-nas em relação ao enunciador.

Esse conceito é proveniente dos postulados de Benveniste (2006, p.83), que foi o precursor em definir que “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. (...) é ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação”. Para ele a enunciação é um processo de apropriação, pois o locutor (aquele que fala, escreve, enfim, enuncia) se apropria da língua e do aparelho formal da enunciação para seus propósitos comunicacionais, instaurando categorias de pessoa (*eu*, que pressupõe a existência de um *tu*), de espaço (aqui) e de tempo (agora).

Desse postulado teórico observamos que “a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo”. (BENVENISTE, 2006, p.87). A relação eu-aqui-agora é o pressuposto da enunciação, uma vez que, em relação à categoria pessoa, Benveniste (op.cit, p.84) aponta para “a emergência dos índices de pessoa (a relação *eu-tu*) que não se produz senão na e pela enunciação”. Para o autor, ao dizer “*eu*”, o indivíduo que profere a enunciação estabelece um “*tu*” pressuposto, que será o alocutário.

Já em relação à categoria tempo, afirma que:

Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria tempo. (...) o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo.(op.cit, p.85).

As categorias de pessoa e tempo, aliadas ao espaço são definidoras da enunciação, considerando que sempre que se enuncia, enuncia-se para alguém, em um determinado tempo e espaço. Tal condição apresenta marcas no enunciado, o produto da enunciação, que possibilitam resgatar tais condições. Nesse sentido, define Benveniste (2006, p.86):

Assim a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente a existência. Porque eles não poderiam surgir nem ser empregados no uso cognitivo da língua. É preciso então distinguir as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de “indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui-agora” do locutor. Por exemplo: o “eu”, o “aquele”, o “amanhã” da descrição gramatical não são senão os nomes metalinguísticos do *eu*, *aquele*, *amanhã* produzidos na enunciação.

Com os estudos da enunciação intensificou-se o interesse pelo discurso, uma vez que se passou a entendê-lo como a colocação da língua em funcionamento. Nas teorias da enunciação a linguagem não é entendida apenas como um instrumento externo de comunicação e transmissão de informação, mas como uma forma de movimento entre os agentes do discurso. Segundo Fiorin (2002, p.30), “só depois das reflexões de Benveniste e Jakobson que o domínio da enunciação se ampliou e que se reconheceu a centralidade dessa categoria na constituição do discurso”. Destaca o autor que a enunciação pode até mesmo ser tratada como sistema, tendo em vista que a “diversidade infinita dos atos particulares de

enunciação opera sempre o esquema geral, que permanece invariante”(op.cit). Nessa perspectiva, o uso linguístico também passa a ser um objeto de relevante estudo na Linguística.

O conceito de enunciação é ancorado na concepção dialógica de linguagem em Bakhtin, uma vez que, para o autor, o fenômeno social da interação verbal se realiza por meio da enunciação ou de enunciações:

enquanto um todo, a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, com outras enunciações)(BAKHTIN, 2010, p.125).

Como já destacado, a enunciação é de natureza social e por isso está impregnada de conteúdo ideológico. Nesse sentido, Bakhtin afirma que não há separação (mesmo que no plano teórico) entre a língua e o conteúdo ideológico.

Assim, a enunciação, enquanto objeto de estudo propõe que “o discurso é o lugar da instabilidade” (FIORIN, 2002, p.15), opondo-se à estabilidade das formas, perspectiva que os estudos da Linguística buscaram historicamente. Se a enunciação é o ato *individual* de colocar a língua em funcionamento ou de transformá-la em discurso, torna-se necessário relacioná-la ao espaço do subjetivo e do individual.

O discurso é prenhe de respostas, pois o outro do qual fala Bakhtin é a condição do próprio discurso porque não identificado, nem como um interlocutor físico, nem com um objeto do discurso.

Desse modo, há uma especial relação entre o dialogismo e a enunciação presentes da teoria bakhtiniana: o dialogismo é um “atravessamento de outros discursos, constitutivo da própria língua, realizável por um jogo fronteiro. Acena também, para um atravessamento do sujeito por alteridade da interlocução” (FLORES; TEIXEIRA, 2010, p.59). Assim, conforme já discorrido, todos os discursos são dialógicos, pois não há uma fala original, sendo que os discursos sempre são formados por discursos outros. Já, a enunciação é uma espécie de tomada de posição, a instância que estrutura o valor do dito. Nesse sentido, mesma que a língua seja finita na definição dos seus limites e de suas regras, por outro lado, são infinitas as possibilidades modalizadoras de uso da língua feita pelo sujeito. Em outras palavras, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por

assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN, 2010, p.117).

No entanto, o discurso tem efeitos de sentido verdadeiros, o que não garante que de fato o seja. A análise das marcas linguísticas de pessoa, espaço e tempo, possibilita uma discussão maior na elucidação de alguns sentidos que se instauram no texto, mas que não são suficientes para elucidar todas as intenções do enunciador pressuposto.

Relacionando com os interesses desta pesquisa, é na enunciação que se evidenciam as atividades metaenunciativas, uma vez que estas deixam explícitas, nas manifestações discursivas em que se apresentam, as marcas dessa relação eu-tu existente entre enunciador e enunciatário, voltando-se para a expressão, com diferentes finalidades sobre o processo de interação e sobre termos e sentidos trazidos ao texto.

De acordo com o exposto, este primeiro capítulo teve como intuito reafirmar que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e, por consequência, do discurso que, por sua vez, é recheado de enunciados, provindo de discursos outros, balizando que essa é a concepção de língua em que se baseia esta pesquisa. Também, tem-se o intuito de destacar elementos da concepção bakhtiniana, que, de alguma forma, se relacionam aos conceitos teóricos a serem utilizados na análise desta pesquisa.

Em relação à enunciação, apresentá-la como a língua em funcionamento consiste em demonstrar que os estudos da enunciação são os que nos aproximam da constituição dos discursos, de suas condições de produção e de funcionamento, em especial quando se observam as atividades metaenunciativas, interesse deste estudo.

CAPÍTULO II

A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA

O dialogismo, princípio constitutivo de toda manifestação linguística, é um elemento essencial na concepção de língua em Bakhtin. À luz desse fundamento bakhtiniano, Authier-Revuz (1990,1998, 2004, 2011) preconiza o caráter heterogêneo da língua e, portanto, dos discursos. Assim como o dialogismo se opõe ao caráter monológico da língua, a heterogeneidade nega a existência homogênea dela. Assumir a heterogeneidade linguística como fundamento do estudo dos textos e dos discursos é necessário para o entendimento das bases teóricas deste trabalho.

A linguista francesa Jacqueline Authier-Revuz (1998, 2004, 2011) assume o dialogismo de Bakhtin para aprofundá-lo em sua concepção teórica da língua. Ela desenvolve o conceito de *heterogeneidade linguística*, concebendo que o discurso é atravessado por discursos outros e estabelecendo ser esse fator constitutivo dos discursos. Nesse sentido, assim se manifesta a autora (2004, p.69):

Todo o discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’. O *outro* não é um objeto (*exterior*, do qual se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito-falante que não é fonte-primeira desse discurso (grifos da autora).

Se o dialogismo de Bakhtin faz da interação com o discurso do outro a lei constitutiva de qualquer discurso, Authier-Revuz utiliza esse princípio a partir de “duas diferentes concepções: a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo entre discursos” (FLORES; TEIXEIRA, 2010, p.75). Por isso, é possível afirmar que a autora concebe o outro “como condição constitutiva do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.69), o que a leva a denominar de heterogeneidade linguística esse caráter interacional constituinte de todo e qualquer texto.

2.1 A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA

Como já dissemos no primeiro capítulo, o dialogismo e, no âmbito dele, a polifonia são elementos importantes para a concepção da heterogeneidade dos discursos. É esta heterogeneidade que possibilita que os discursos se utilizem de diferentes manifestações para produzir diferentes efeitos de sentido, sempre em uma relação de alteridade.⁸

Na definição de heterogeneidade linguística, Authier-Revuz (1990) refere duas formas pelas quais a alteridade se apresenta no discurso: a heterogeneidade *constitutiva* e a heterogeneidade *mostrada*. Todo discurso é heterogêneo por natureza, ou seja, a heterogeneidade é um traço de sua constituição, sendo, por isso qualificada de constitutiva. Quando a heterogeneidade se torna observável na superfície dos discursos, quando ela se *mostra*, reconhece-se, no âmbito da heterogeneidade constitutiva, a heterogeneidade *mostrada*. O que, em outras palavras, quer dizer que a heterogeneidade pode se mostrar ou não se mostrar na superfície dos discursos, mas em ambos os casos ela se revela constitutiva deles.

Assim, na teoria de Authier-Revuz sobre heterogeneidade linguística destaca-se que, no campo da enunciação, há dois planos distintos (mas não disjuntos) que estão em jogo de maneira solidária: o da heterogeneidade constitutiva *não mostrada* e o da heterogeneidade constitutiva *mostrada*, sendo que esta última é, ainda, subdivisível em heterogeneidade constitutiva mostrada *marcada* e heterogeneidade constitutiva mostrada *não-marcada*.

Para Authier-Revuz, a heterogeneidade é “condição de existência do fato enunciativo” (2004, p.175) e, por decorrência, dos enunciados enquanto produtos da enunciação. Segundo esse princípio, portanto, os textos (produtos da enunciação) são heterogêneos por natureza, ou seja, eles só têm existência nessa perspectiva (op.cit, p.165).

Pelo exposto, a autora assume a noção de heterogeneidade constitutiva como condição sem a qual não há discurso. Não manifestada necessariamente através de marcas linguísticas explícitas, mas resguardada pela orientação dialógica de todo discurso, essa noção é o princípio que sustenta a outra forma de heterogeneidade enunciativa: a mostrada, em suas duas variantes: a marcada e não-marcada.

⁸ Em análise do discurso, o princípio da alteridade (ou, ainda, o princípio da interação) é um dos quatro princípios que fundam o ato de linguagem, visto como uma troca entre dois parceiros que são, no caso, o sujeito comunicante (eu) e o sujeito interpretante (tu) (CHARAUDEAU, 1995 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.34-35)

Para Authier-Revuz (2004, p.179), a heterogeneidade constitutiva é a “que está presente nela, em ação, de maneira permanente, mas não diretamente observável”, enquanto a heterogeneidade mostrada denota que “há o heterogêneo manifesto sobre o fio, produzindo nele rupturas observáveis”. Por isso, identificam a heterogeneidade mostrada no fio do discurso todas as manifestações em que os outros discursos, as outras vozes, se explicitam, isto é, se *mostram*. Ou seja, a heterogeneidade constitutiva não é mostrada formalmente, por recursos linguísticos, mas é identificável e recuperável pelo leitor ou interlocutor quando este recorre a sua memória discursiva e o relaciona com outros. No dizer da autora (2004, p.21), quando se busca identificar a presença do outro no discurso “(...) chega-se inevitavelmente, à presença do outro – às palavras dos outros, às outras palavras – em toda parte sempre presentes no discurso, não dependente de uma abordagem linguística”.⁹

Em outras palavras, embora a heterogeneidade constitutiva não seja marcada na superfície do texto, é constituinte dele, sendo um princípio que fundamenta a própria natureza da língua.

Assim, quando se diz que a heterogeneidade constitutiva é uma heterogeneidade não-mostrada, o que se pretende afirmar é que não há recursos linguísticos ou textuais que a mostrem formalmente, mas sim que por meio do contexto ou de sua memória discursiva, o interlocutor pode recuperá-los. Como exemplo, pode-se citar que um discurso que pede justiça tem sentido em um contexto em que ela não existe, ou que está sendo colocada em dúvida. Há, por trás do discurso que pede justiça, outra voz/discurso dizendo que ela não está sendo respeitada, que não existe, ou que as injustiças prevalecem. Mesmo não estando explícita nos enunciados produzidos a ‘falta de justiça’, o interlocutor pode recuperar esse sentido, perceber essa outra voz que demonstra o caráter heterogêneo dos textos à medida que tem conhecimento e consciência dos discursos a que responde.

Em síntese, observa-se que a heterogeneidade está presente nos mais diferentes tipos de discursos, mas nos textos falados, objeto de estudo deste trabalho, ela se torna mais visível, em especial pelos procedimentos interacionais da construção da interação falada muitas vezes estarem explícitos por causa de seu caráter *on line* de processamento e realização. Pode-se admitir ainda que a interação face a face é uma das realizações linguísticas em que esse caráter se manifesta de maneira explícita (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.166).

⁹ No dizer da autora: “Nesta afirmação de que **constitutivamente**, no sujeito e no seu discurso está o **Outro**, reencontram-se as concepções de discurso, da ideologia, e do inconsciente, que as teorias da enunciação não podem, sem riscos para a Linguística, esquecer”(AUTHIER-REVUZ, 1990, p.29 – grifos da autora). Embora tenhamos conhecimento de que a teoria da autora se fundamenta também em pressupostos teóricos exteriores à área da linguística (Freud, Lacan), para este estudo utilizar-se-ão apenas as acepções relacionadas ao campo da enunciação.

Da heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso e, portanto, não localizável e não representável, para a heterogeneidade mostrada há um espécie de *continuum*: em um extremo não há marcas na enunciação, embora seja permeado de discursos outros (heterogeneidade constitutiva); em outro, as marcas são explícitas a ponto de delimitar o discurso do outro (heterogeneidade mostrada) (AUTHIER-REVUZ, 2004).

2.2 A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA MOSTRADA

Como dissemos, a heterogeneidade mostrada é um conceito inerente à heterogeneidade constitutiva do discurso e consiste em uma evidência do caráter dialógico das manifestações discursivas. As formas de heterogeneidade mostrada são aquelas por meio das quais “se altera a unicidade aparente da **cadeia discursiva**, pois elas aí inscrevem o outro (segundo modalidades diferentes, com ou sem marcas unívocas de ancoragem)” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.29)¹⁰. Há indícios nos textos que apresentam e contestam a homogeneidade do discurso, demonstrando que há o outro no discurso e que os discursos não são lineares.

Ao tratar das manifestações de heterogeneidade mostrada no discurso, Authier-Revuz (2004) declara que sua hipótese é a de que a heterogeneidade mostrada corresponde a uma forma de negociação necessária do sujeito com a heterogeneidade constitutiva.

Desse modo, por heterogeneidade mostrada entende-se como a “representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a alteridade que afeta a homogeneidade aparente de seu dizer, através de formas linguísticas detectáveis, na linearidade do discurso” (FLORES *et al*, 2009, p.136).

Em síntese, a heterogeneidade mostrada “incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação” (MAINGUENEAU, 1997, p.75) e pode ser marcada e não marcada, conforme detalhado nas seções a seguir, com exemplos que elucidarão melhor a “negociação” que ocorre no desvelar das manifestações discursivas.

¹⁰ Grifos da autora.

2.2.1 A heterogeneidade mostrada marcada

As manifestações de heterogeneidade mostrada marcada são linguisticamente descritíveis, ou seja, aparecem sempre sinalizadas por marcas linguísticas ou diacríticas, usadas de forma fixa e para esse fim. Dentre suas ocorrências está a negação, o discurso direto, o discurso indireto e as passagens entre aspas. Cada uma dessas manifestações de heterogeneidade é mostrada por marcas linguísticas e/ou diacríticas específicas e sempre repetidas: a negação é identificada pelas variadas formas que expressam a negação na língua; o discurso direto é sinalizado pelo verbo *dicendi*, seguido, em geral, de dois pontos, além de o discurso do outro vir ainda, muitas vezes, entre aspas; o discurso indireto vem marcado pelo verbo *dicendi*, seguido da conjunção integrante que introduz o discurso do outro; e, por fim, as passagens entre aspas, que tem a sua marcação nas próprias aspas.

Para Authier-Revuz, as formas marcadas de heterogeneidade mostrada atribuem ao outro um lugar linguisticamente descritível e claramente delimitado no discurso. Tal condição (de se apresentar marcada) se distingue dos discursos em que a presença da alteridade não se marca na sequência discursiva, mas pode ser reconhecida implicitamente, como nas ironias e no discurso indireto livre, por exemplo (casos categorizados como heterogeneidade mostrada não-marcada).

Nesse sentido, as marcas linguísticas apontam para o caráter heterogêneo dos textos, denotando seu processo de enunciação, ao mesmo tempo em que procuram “preservar a ilusão da homogeneidade desse processo” (FLORES *et al*, 2009, p.159), uma vez que não se situam sempre num mesmo plano, pois podem variar em diferentes formas de explicitação no nível do discurso, em uma espécie de *continuum*, de formas recuperáveis de presença do outro no discurso. Assim, considerando a marca uma explicação para um comentário que o enunciador faz sobre seu próprio dizer, o enunciador deve ser tomado não pelo que diz, mas no que diz, pois há o outro que ele coloca como sendo próprio.

A seguir apresentaremos especificidades de cada uma das manifestações de heterogeneidade mostrada marcada acima referidas.

a) A negação

A negação possui um caráter polifônico que fica evidenciado no discurso, uma vez que nela sempre são perceptíveis dois pontos de vista: enquanto um afirma uma proposição, o outro a refuta, ou seja, em um enunciado negativo há “uma proposição primeira e uma outra

que a nega, mas o recurso à distinção do locutor/enunciador permite ajustá-la e integrá-la a um quadro mais geral” (MAINGUENEAU, 1997, p.80).

Maingueneau (1997, p.80), ao se reportar a Ducrot, afirma que: “a enunciação da maior parte dos enunciados negativos é analisável como encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois “enunciadores” diferentes: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado e, o segundo, a rejeição desse ponto de vista”.

No enunciado “É proibida a entrada de animais”, há dois pontos de vista presentes e distintos: um que nega a entrada de animais e outro que a afirma. Em outras palavras, se um enunciador afirma que não se deve entrar com animais em determinado local é porque alguém costuma entrar ou que em um momento anterior ao enunciado entrava com animais nesse local. Esse encontro entre dois pontos de vista contrários é que caracteriza a negação como uma das manifestações da heterogeneidade mostrada marcada: *mostrada*, porque aparece na superfície do discurso e *marcada*, porque vem sinalizada por marcas linguísticas recorrentes, que são os advérbios de negação e outras formas de expressão da negação na língua.

b) O discurso relatado: o discurso direto e o discurso indireto

Nos textos, pode o narrador relatar ou citar – por isso também se fala em discurso citado - o discurso de um outro. Se, nesse processo, o narrador suspende a sua fala e concede a voz ao outro, ocorre uma manifestação em *discurso direto*. Se, no entanto, ele próprio faz a citação do enunciado do outro, identifica-se uma manifestação em *discurso indireto*. Segundo Authier-Revuz (2004, p.12), “sob essas duas diferentes modalidades, o locutor *dá lugar* explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso” (grifo da autora). Caracterizemos em mais detalhes cada uma dessas formas de manifestação de heterogeneidade mostrada.

O discurso direto mostra a existência de uma outra fonte enunciativa na enunciação, na medida em que o narrador delega a voz a um interlocutor. No dizer de Authier-Revuz (2004, p.12), “no discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples ‘porta-voz’ ”.

Para Maingueneau (2001, p.105), a particularidade do discurso direto é que “um mesmo ‘sujeito falante’ se apresenta como ‘locutor’ de sua enunciação (X disse: “...”), mas delega a responsabilidade da fala citada a um segundo ‘locutor’, o do discurso direto”.

Esse processo fica *marcado* nos textos por meio de características específicas, conforme mostram os enunciados seguintes:

[a] Luiz pergunta:

[b] - Por que chegaste tão tarde?

[c] - Tarde de modo algum - retruca João – Não chega a ser meio-dia!

[d] - Tarde sim. Esperávamos desde o amanhecer – replica Luiz.

O discurso direto é sempre introduzido por um verbo *dicendi*, (dizer, falar, afirmar, responder, perguntar, retrucar, entre outros). É o caso de *perguntar*, em [a]; *retrucar* e *replicar* em [c] e [d], respectivamente. Tais verbos *dicendi* podem aparecer antes do discurso direto (como em [a] introduzindo o enunciado [b]); no meio (como em [c]); ou depois da fala citada (como em [d]), ou até mesmo implícito no enunciado.

Existem ainda sinais diacríticos (dois pontos, travessão, aspas ou itálico) que auxiliam a *marcar* o enunciado citado e, assim, distingui-lo do restante do texto. Nos enunciados do exemplo proposto, observa-se que os dois pontos do enunciado [a] anunciam o enunciado [b], que aparece introduzido por um travessão. Os enunciados [c] e [d] também são introduzidos por travessão, uma vez que sinalizam a alternância de falas no diálogo. Em [c], os dois traços separam o discurso direto da voz do narrador.

Também na interação falada pode o falante convocar, em seu turno, a fala de um outro em discurso direto, conforme mostra o exemplo a seguir:

Segmento 01

L1 é bacana interessante tu falar nisso ah:: eu tinha eu tive uma empregada lá em casa ... uma moça muito...muito boazinha ... e:: ela ganhou um nenê ... então na... depois de dois ou três meses ela foi nos visitar ... e mostrou o nenê aí nisso a minha esposa **disse** *puxa mas ele é espertinho né?* e uma outra empregada que nós temos ((risos)) olhou pra ela e **disse** assim *mas veja só né? no meu tempo...no meu tempo as crianças nasciam de olhos fechados...aí **diz** a a mãe da criança assim...é mas hoje vejam o que o governo está fazendo...* ((risos)) não é piada é verdade (HILGERT, 2009, p.43).

No exemplo, percebe-se que o falante (L1) relata um diálogo que presenciou entre outras três pessoas. É possível identificar claramente o discurso de cada uma delas pelas marcas linguísticas utilizadas por L1, respectivamente, pelas formas *dicendi* **disse**, **disse** e **diz**. É claro que, na fala, podemos supor uma outra marca, que é o movimento descendente da entonação ao final do verbo *dicendi* ou imediatamente antes da manifestação da voz do outro.

O discurso indireto também revela um outro ato de enunciação na construção do texto, porém, o que o diferencia do discurso direto é o fato de não existir uma delegação de voz do narrador para o interlocutor. Assim, aquele que traz para sua enunciação a enunciação do outro o faz pelo uso de suas próprias palavras, de modo simultâneo. Segundo Bakhtin (2010, p.165), “o emprego do discurso indireto ou de uma de suas variantes implica uma análise da enunciação simultânea ao ato de transposição e inseparável dele”. Para Authier-Revuz (2004, p.12) “no discurso indireto o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte de ‘sentido’ dos propósitos que ele relata”.

Os traços que, recorrentemente, levam a identificar o discurso indireto como manifestação de heterogeneidade mostrada marcada são as seguintes: o que é citado vem também introduzido por um verbo *dicendi*; o enunciado pelo outro é traduzido na forma de uma oração subordinada objetiva direta do verbo *dicendi*, introduzida geralmente por conjunções integrantes *que* e *se* ou por um advérbio ou pronome interrogativo; em relação aos pronomes pessoais e advérbios de tempo e lugar, eles vêm sempre organizados em relação ao narrador, pois só o narrador/enunciador pode dizer *eu* e somente ele se encontra no lugar *aqui* e no momento *agora*.

O discurso indireto não é exclusividade de textos escritos, conforme se pode observar no exemplo:

Segmento 02

L2 () é óculos escuros ... meia-noite que mais ou menos ele chegou na casa da mulher ... ele é um:: guri grande calça larga ele chegou lá e disse assim a senhora não se assuste mas eu vou dormir aqui hoje ((risos)) *diz [que a mulher disse [que que é? ((risos)) mas tinha um outro acompanhando ele né? então diz [que:: acertou ... mas não há preocupação nenhuma viu?... (...)* (HILGERT, 2009, p.54)

No exemplo, é possível perceber a presença de discurso indireto nos termos destacados: “*disse que a mulher disse que...*” e “*então diz que:: acertou...*”. Em ambos há a introdução do segmento por um verbo *dicendi* (diz, disse e diz) seguido da conjunção integrante **que**.

Em relação às diferenças existentes entre o discurso direto e o indireto, Maingueneau (2001, p.108) destaca que “enquanto o discurso direto supostamente repete as palavras de um outro ato de enunciação e dissocia dois sistemas enunciativos, o discurso indireto só é discurso citado por seu sentido, constituindo uma tradução de enunciação citada”.

c) As aspas

O uso de aspas constitui, na construção do enunciado, um procedimento de metadiscursividade¹¹, ou seja, elas são um recurso diacrítico de que o enunciador se vale para dizer algo sobre a palavra, a expressão, o segmento posto entre aspas. O enunciador, de certa forma, toma distância de um determinado segmento de sua enunciação e, ao colocá-lo entre aspas, sobre ele faz incidir nova enunciação. Ou seja, ao usar aspas o enunciador se pronuncia sobre o segmento aspeado. É por essa razão que o uso de aspas evidencia, na construção do texto, a heterogeneidade constitutiva do discurso, no caso a heterogeneidade mostrada, e *marcada* justamente pelo sinal diacrítico representado pelas aspas.

Segundo Maingueneau (2011, p 161), “as aspas são uma espécie de lacuna que precisa ser preenchida interpretativamente” pelo enunciatário. Constituem, antes de mais nada, de acordo com o mesmo autor (op.cit., p. 91), “*um sinal construído para ser decifrado por um destinatário*” (grifo do autor). Usá-las num texto implica, portanto, em o autor confiar que o leitor tenha competência para interpretá-las. No dizer de Maingueneau (op.cit., p. 91), “o sujeito que utiliza as aspas é obrigado, mesmo que disto não esteja consciente, a realizar uma certa representação de seu leitor”, ao delegar a ele sua expectativa de interpretação. Caso o leitor não tenha essa competência, a compreensão da leitura fica, evidentemente, comprometida. As aspas deixam explícito que as palavras aspeadas precisam ser consideradas de maneira diferenciada no discurso. Servem tanto para alertar o receptor dessa expectativa, quanto para o enunciador preservar a sua face, apontando que as palavras não são suas. Assim, ao utilizar de aspas em um discurso escrito, de certo modo, o enunciador aponta para o leitor que a palavra aspeada está “à distância” (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Quanto a esse aspecto metadiscursivo de estranhamento que as aspas podem atribuir ao discurso do enunciador, afirma Bakhtin (2010, p.169):

As palavras e expressões de outrem integrados no discurso indireto e percebidos na sua especificidade (particularmente quando são postos entre aspas), sofrem um “estranhamento”, para usar a linguagem dos formalistas, um estranhamento que se dá justamente na direção que convém às necessidades do autor: elas adquirem relevo, sua “coloração” se destaca mais claramente, mas ao mesmo tempo elas se acomodam aos matizes da atitude do autor – sua ironia, humor, etc.” (BAKHTIN, 2010, p.169).

¹¹ A metadiscursividade (discurso sobre o discurso), brevemente referida na introdução deste trabalho, será amplamente discutida no capítulo terceiro, uma vez que, no âmbito dela, se situa a metaenunciação.

Como vimos, as aspas promovem uma operação de distanciamento entre o enunciado e a enunciação. Authier-Revuz (apud MAINGUENEAU, 1997, p. 90), atribui várias funções à operação de distanciamento promovida pelas aspas:

Aspas de *diferenciação*, destinadas a mostrar que nos colocamos além destes enunciados, irreduzíveis às palavras empregadas; aspas de *condescendência*; aspas *pedagógicas*, na vulgarização; aspas de *proteção*, para indicar que a palavra utilizada é apenas aproximativa; aspas de *ênfase*, etc. Ocorre com frequência que uma deontologia da linguagem exige a colocação entre aspas, particularmente quando se trata de empregar palavras pertencentes a uma língua estrangeira, a outro nível de língua ou a vocábulos especializados. Mas, mesmo nestes últimos casos, nenhuma agramaticabilidade ocorre caso as aspas não sejam usadas: não as colocando onde são esperadas, o discurso significa que elas pertencem plenamente a seu espaço.

A função das aspas é sempre dependente do contexto em que são usadas, aliás exigência que também vale para a identificação dos sentidos dos recursos linguísticos de um texto. Fora de contexto é impossível, em princípio, interpretar o uso das aspas, pois elas são “o vestígio de uma operação que precisa ser reconstruída pelo enunciatário, e isso só é viável no conjunto do movimento da enunciação” (MAINGUENEAU, 1997, p.90).

Vejamos, ao final, um exemplo de interpretação das aspas em seu contexto de uso:

Moça linda bem tratada
Três séculos de família,
Burra como uma porta
Um “**amor**”.
(Mário de Andrade. *In: Poesias completas*, 1987, p.380).

Ao aspear o termo em destaque, “*amor*”, o poeta Mário de Andrade confere-lhe um estatuto outro, que cabe ao leitor identificar. Aqui “amor” não é empregado em seu sentido corrente, mas sim em seu sentido irônico. Ou seja, o enunciador afirma “amor” (em seu sentido corrente) no enunciado, mas nega-o na enunciação (no propósito de seu dizer). E o que leva o leitor a essa interpretação é o contexto em que ocorre o uso das aspas, particularmente ao considerar os versos anteriores em que a moça é definida como “*burra como uma porta*”.

2.2.2 A heterogeneidade mostrada não-marcada

A heterogeneidade se mostra não marcada em manifestações que não são identificáveis por formas linguísticas ou diacríticas fixas. Em outras palavras, são as manifestações de heterogeneidade que se revelam na superfície do texto em formatos variados e imprevisíveis de ordem textual, para-textual ou contextual. Nessa categoria podem-se incluir o discurso indireto livre, a intertextualidade por imitação, a ironia, a pressuposição e as glosas do enunciador. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p.261), na heterogeneidade mostrada não-marcada, “o co-enunciador identifica as formas não-marcadas, combinando em proporções variáveis a seleção de índices textuais ou para-textuais diversos e a ativação de sua cultura pessoal”.

A seguir apresentaremos detalhes sobre cada uma das referidas formas de heterogeneidade mostrada não marcada. A final, teceremos breve comentário sobre as glosas do enunciador - que, na verdade, são as manifestações metaenunciativas – com vistas à introdução do capítulo seguinte, no qual a metaenunciação será focalizada de forma específica.

a) O discurso indireto livre

O discurso indireto livre leva essa denominação na medida em que se constitui da mistura de procedimentos do discurso direto e do discurso indireto. Segundo Bakhtin (2010, p. 182), a primeira menção desse fenômeno como uma forma especial de citação do discurso, ao lado do discurso direto e indireto, foi feita por Tober, em 1887, o qual “definiu o discurso indireto livre como uma “peculiar mistura de discurso direto e indireto”. Essa forma mista, segundo Tobler, deriva o seu *tom* e a *ordem das palavras* do discurso direto e os *tempos verbais e pessoas* do discurso indireto”.

Para Maingueneau (1997, p.97), “o discurso indireto livre se localiza precisamente nos deslocamentos, nas discordâncias entre a voz do enunciador que relata as alocações e a do indivíduo cujas alocações são relatadas.” No discurso indireto livre, o enunciado não pode ser atribuído nem a um (enunciador) nem ao outro (indivíduo de quem trata o enunciador); também não é possível separar no enunciado as partes que dependem univocamente de um ou de outro.

Vejamos exemplos, presentes no Conto Majestic Hotel, de Sérgio Faraco (1991):

Queria avisá-la, **cuidado, ele quer te roubar de mim e de papai**, mas não se animava, receoso de que sorrisse novamente aquele sorriso perigoso. (p.92)
 Não quis abrir, sentido, e ela mesma o fez. **Gostaste, amor?** Ele olhou e já não estava mais sentido. Estava feliz. Afinal, ela tinha voltado, e com ela não viera um general, só aquele soldadinho envolto no perfume dela, tão bonitinho, o mesmo que agora ele apertava na mão e que, entre as lembranças do Majestic Hotel, era sua única certeza (p.94).

Nos exemplos, destacados em negrito, percebe-se que o narrador não se utiliza de marcas para introduzir a fala das personagens. O discurso delas está no mesmo plano da narração, necessitando de um leitor atento que possa identificá-las. Percebe-se no segmento “*cuidado, ele quer te roubar de mim e de papai*”, uma fala do menino (que já adulto narra as reminiscências apresentadas no conto), mesclada com o plano da narração. Já, o segmento “*Gostaste, amor?*” constitui-se em uma fala da personagem mãe, também mesclada à enunciação do narrador. O leitor precisa estar atento a quais são as vozes que estão presentes (mostradas) no discurso, embora elas não sejam anunciadas por marcas fixas, cristalizadas e ou explícitas (como verbos *dicendi*, travessões, ou mesmo aspas de demarcação).

No discurso indireto livre o enunciador traz, de certa forma, o discurso alheio para o seu próprio discurso, para a sua situação enunciativa, dentro da qual ele deixa falar o outro, na medida em que preserva características específicas de seu dizer. Não é possível distinguir claramente as duas vozes, como acontece no discurso direto, nem mesmo é possível perceber que uma enunciação foi absorvida pela outra, como se verifica no discurso indireto. De acordo com Maingueneau (2001, p.153), “em um fragmento do discurso indireto livre, não se pode dizer exatamente que as palavras pertencem ao enunciador citado e que as palavras pertencem ao enunciador citante”. Devido a tais características, o discurso indireto livre é efetivamente uma manifestação de heterogeneidade mostrada não-marcada.

b) A intertextualidade por imitação

Maingueneau (1997, p.86) define intertextualidade como um tipo de citação que uma determinada formação discursiva define como legítima através de sua própria prática. Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p.288), o termo intertextualidade “designa ao mesmo

tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos”. Os autores entendem ainda que o intertexto “seria um jogo de retomada de textos configurados e ligeiramente transformados, como na paródia” (op.cit., p.286). Em outras palavras, a intertextualidade supõe a presença de um texto em outros, como é o caso da citação, da alusão, da estilização.

A intertextualidade por imitação é o processo de o enunciador construir seu enunciado incorporando nele elementos do enunciado de um outro enunciador, por meio de imitação. Em geral, essa forma de intertextualidade acontece pela paródia e pela estilização.

Segundo Fiorin (2008b, p.42) “a paródia é uma imitação de um texto ou de um estilo que procura desqualificar o que está sendo imitado, ridicularizá-lo, negá-lo”, enquanto a estilização “é a imitação de um estilo, sem a intenção de negar o que está sendo imitado, de ridicularizá-lo, de desqualificá-lo” (op.cit, p.43). Ou seja, na paródia o processo imitativo assume uma direção diversa do sentido daquilo que está sendo parodiado, enquanto na estilização “as vozes são convergentes na direção do sentido, as duas apresentam a mesma posição significativa” (op.cit, p.43). Tanto para a compreensão da paródia, quanto da estilização, o leitor/ receptor precisa recorrer a sua memória textual, a seus conhecimentos a respeito de textos já produzidos ou às maneiras peculiares de expressão dos autores.

Como exemplos, podemos citar as inúmeras paródias e estilizações existentes acerca do poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, conforme alguns excertos no quadro 01:

Quadro 1- Estilização e paródia da *Canção do exílio*

(1) Canção do Exílio <i>Gonçalves Dias</i>	(2) Canção do exílio às avessas <i>Jô Soares</i>	(3) Canção do exílio facilitada <i>José Paulo Paes</i>	(4) Nova Canção do exílio <i>Carlos Drummond de Andrade</i>
Minha terra tem palmeiras, Onde canta o sabiá As aves que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. (...)	Minha Dinda tem cascatas Onde canta o curió Não permita Deus que eu tenha que De voltar pra Maceió. Minha Dinda tem coqueiros Da Ilha de Marajó. As aves, aqui, gorjeiam Não fazem cocoricó (...)	lá? ah! Sabiá ... papá... maná... sofá... sinhá... cá? bah!	Um sábia Na palmeira, longe. Essas aves cantam Um outro canto O céu cintila sobre flores úmidas. Vozes na mata e o maior amor. (...)

Fonte: a autora (2013)

No quadro 01, a coluna (1) contém a estrofe inicial do poema original, clássico da primeira fase do romantismo brasileiro, em que o poeta, distante de sua terra, canta as belezas

nela existentes. Na coluna (2), o texto de 1992, veiculado em revista de circulação nacional, constitui-se em uma paródia, cujo sentido está em relação polêmica com o sentido do texto original, na medida em que o autor denuncia e ironiza a reforma da residência oficial do então presidente da República Fernando Collor de Mello. Já, nas colunas (3) e (4), os poemas caracterizam-se pela estilização, pois os seus sentidos sintonizam com os do texto original, já que ratificam o caráter ufanista e nacionalista do texto de Gonçalves Dias.

A intertextualidade, portanto, é uma forma de mostrar a heterogeneidade constitutiva na superfície dos textos, mas *não* é marcada, na medida em que se apresenta nas mais variadas formas de representação textual.

c) A Ironia

A ironia, também denominada de antífrase, é um procedimento linguístico-discursivo, na fala ou na escrita, que pode ser explicado sob diferentes pontos de vista teóricos e em função de diferentes interesses de estudo. C. Fointainer (1821, *apud* Maingueneau, 2001, p.94) afirma que a ironia consistiria “em dizer por uma derrisão, ou humorística, ou séria, o contrário do que se pensa ou do que quer que se pense”. Do ponto de vista da enunciação, o discurso irônico implica sempre duas instâncias de enunciação, uma que afirma no enunciado e outra que, ao mesmo tempo, nega essa afirmação.

A ironia pode ser comparada com diferentes outras formas de heterogeneidade mostrada: em relação ao discurso indireto livre, enquanto ele institui um jogo na fronteira entre o discurso citado e o que cita, “a ironia subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor” (MAINGUENEAU, 1997, p.98 - grifos do autor). Em relação ao fenômeno da negação, pode-se dizer que a ironia não deixa de ser uma negação ou uma rejeição, com a diferença de que “a negação pura e simplesmente rejeita um enunciado por meio de um operador explícito e a ironia possui a propriedade de poder rejeitar sem passar por um operador dessa natureza” (op. cit, p.98). Em relação ao uso das aspas, diferentemente da utilização desse recurso, a ironia não mostra apenas que uma palavra ou um grupo de palavras são inapropriadas; “ela é inseparável de um desejo de derrisão (eventualmente voltado contra o próprio enunciador)” (MAINGUENEAU, 2001, p.100).

A ironia é um recurso presente nas diferentes manifestações discursivas, sejam medialmente escritas ou orais. Observe no exemplo abaixo, um segmento de interação falada:

Segmento 03

DOC. () qual seria a solução... individual para o homem consciente dessas coisas?

L2 individual? eu acho que não existe

[

L1 eu tenho... eu não tenho... a solução... a solução a solução não é

L2 a solução seria Cristo voltar à terra

L1 ((risos)) não... a solução ((pigarreu)) olha me parece o seguinte... falando sério...

L2 não existe solução... não existe solução... (HILGERT, 2009, p.26)

Percebe-se no destaque que o enunciado possui um caráter irônico, uma vez que não é esse o sentido real, nem o que se quer que os ouvintes (L1 e DOC.) entendam literalmente. Como L2 quer reforçar seu posicionamento de ‘*acho que não existe (solução)*’, utiliza um enunciado irônico (“*a solução seria Cristo voltar a terra*”), ação não real nem provável, para dizer justamente o contrário do que os termos apontam (Como não é possível Cristo voltar à terra, não há solução). Conforme aponta Maingueneau (2011, 175), “a enunciação irônica apresenta a particularidade de desqualificar a si mesma, de se subverter no instante em que é proferida”. Desse modo, pode-se entender esse dizer como uma encenação na qual o locutor expressa algo, com suas palavras, que não deseja serem entendidas no sentido em que proferiu, “atribuindo a responsabilidade dessa fala inadequada a um outro” (op. cit, p.175).

Também vale considerar que há casos em que “o enunciador toma alguma distância, sem deixar que o co-enunciador perceba, de maneira nítida, a ruptura entre os dois pontos de vista” (op cit, p.178). Ou seja, sua interpretação depende de o receptor entender o contexto e os propósitos comunicacionais do enunciador, por isso “é da essência da ironia suscitar a ambiguidade e, com frequência, a interpretação não consegue resolvê-la” (MAINGUENEAU, 1997, p. 99). Nesse sentido, “a ironia é um *gesto* dirigido a um destinatário, não uma atividade lúdica, desinteressada” (p.99) e o enunciado precisa ser interpretado como portador de um sentido diferente do que ele propõe “literalmente” (2001, p.94), conforme corrobora Maingueneau (2001, p.100).

O interesse estratégico da ironia reside no fato de que ela permite ao locutor escapar às normas de coerência que toda a argumentação impõe: o autor de uma enunciação irônica produz um enunciado que possui, a um só tempo, dois valores contraditórios, sem, no entanto, ser submetido às sanções que isto deveria acarretar. A ironia parece então “uma armadilha que permite frustrar o assujeitamento dos enunciadores às regras da racionalidade e da conveniência públicas” (aspas do autor).

Em suma, por sempre envolver duas instâncias de enunciação, a ironia, tenha ela função humorística ou séria, mostra, na superfície do texto, a heterogeneidade constitutiva do discurso, mas não vem marcada por formas linguísticas fixas que a identifiquem. Ela se revela por meio das mais variadas e surpreendentes expressões textuais.

d) A pressuposição

Na língua, fazemos, com frequência, afirmações em que estão implícitas, necessariamente, outras afirmações pressupostas. No título da reportagem, “Finalmente a chuva parou” afirma-se que a chuva parou, o que implica a afirmação pressuposta de que choveu antes. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p.404), pressupostos são “tipos particulares de conteúdos inscritos nos enunciados”.

Afirmações como essas são constituídas por dois enunciados, um posto e outro pressuposto. Nesse sentido, em toda pressuposição convergem as vozes de dois enunciadore, aquele que enuncia uma informação nova que só é possível enunciar com base na enunciação de uma informação anterior. Nesse sentido, Charaudeau e Maingueneau (2004, p.404) assim se expressam:

(...) os pressupostos correspondem a realidades supostas já conhecidas do destinatário (evidências partilhadas ou fatos particulares decorrentes de seus saberes prévios), e constituem um tipo de pedestal sobre o qual se formulam os postos (que, ao contrário, presume-se que correspondem a informações novas), garantindo a coesão do discurso, quando os postos se encarregam de sua progressão.

A pressuposição é um elemento que integra o sentido implícito de certos enunciados. Na linguagem, é anunciada por itens lexicais ou estruturas gramaticais, tais como o emprego de tempos e formas verbais, de certos advérbios e construções sintáticas e outros recursos.

Concluindo, pode-se dizer que as afirmações que em si inscrevem uma afirmação pressuposta resultam de uma dupla enunciação: há um enunciadore que afirma o posto e outro que afirma o pressuposto. Portanto, enunciados dessa natureza dão evidência à heterogeneidade constitutiva mostrada na construção do texto. Mas, como as anteriores,

também não é marcada, na medida em que sua identificação não está vinculada a formas linguísticas fixadas no uso linguístico.

e) As glosas

Finalmente apresentamos, como manifestação da heterogeneidade constitutiva mostrada não marcada, as *glosas*. Identificamos com essa denominação o pronunciamento do enunciador sobre alguma passagem de seu próprio discurso. Consiste num procedimento metadiscursivo em que enunciador, em termos gerais, comenta ou avalia, o seu próprio dizer e não o dito. Trata-se, portanto, de uma enunciação sobre a enunciação em curso, ou seja, uma metaenunciação, que mostra de forma evidente a heterogeneidade constitutiva do discurso.

Já nos referimos à metaenunciação como forma de mostrar a heterogeneidade do discurso, quando tratamos das aspas. Elas representam, na verdade, um dizer sobre o dito, isto é, sobre a palavra ou expressão posta entre aspas e, nesse sentido, constituem igualmente uma metaenunciação. As glosas são, como elas, manifestações metaenunciativas, mas com a essencial diferença de serem verbalizadas pelo enunciador. Esse fato implica também uma singular diferença entre a metaenunciação realizada pelas aspas e a realizada pelas glosas, do ponto de vista do leitor. A interpretação e identificação do sentido metaenunciativo das aspas em relação ao elemento aspeado são da competência e responsabilidade do enunciatário (do leitor), enquanto que nas glosas esse sentido é apresentado e explicitado ao enunciatário pelo enunciador (o autor).

Para explicitar de forma concreta a noção de glosa, observemos um segmento de fala:

Segmento 04

L2 bom eu **sou** magro e talvez [de sem-vergonha] está? [como dizem na gíria] porque:: ... não é que eu seja um bom prato mas eu como muito seguido ... eu de manhã ... eu tomo café... café de copo mas é um cafezinho legal ... não é café com leite... pão manteiga frios chimia ... entende (HILGERT, 2009, p.58)

No segmento destacam-se duas passagens entre colchetes em sequência: [de sem vergonha] e [como dizem na gíria]. No desdobramento da enunciação, a segunda passagem é

uma nova instância enunciativa que incide sobre a primeira. Ou seja, a primeira faz parte da enunciação em curso e a segunda, dentro da primeira, é uma nova instância enunciativa em que o enunciador se pronuncia sobre a anterior. Essa segunda passagem constitui a glosa, isto é, a atividade metaenunciativa cujo escopo¹² é a primeira.

Essa glosa, em sua função metaenunciativa, atribui a seu escopo outra fonte enunciativa, nesse caso, o discurso corrente da gíria. *Magro de sem vergonha* é uma expressão popularmente utilizada para pessoas que, apesar de comerem bem, não engordam com facilidade. O falante interrompe o fluxo da enunciação e, como quem toma distância do que disse, se manifesta sobre a expressão-escopo.

As atividades metaenunciativas, como mostra esse caso, deixam evidências da heterogeneidade constitutiva dos discursos no enunciado, mas não são identificadas por marcas linguísticas fixas, cristalizadas. Constituem, portanto, formas mostradas de heterogeneidade, mas não marcadas.

São essas atividades metaenunciativas, inerentes à construção dos discursos em geral, que constituem o objeto de nossa pesquisa nesta tese. Trataremos delas nos limites de sua ocorrência em interações faladas, conforme já adiantamos na introdução deste trabalho. Neste capítulo tivemos o objetivo de lhes definir a natureza no âmbito da concepção de língua de Bakhtin e, em decorrência, na perspectiva da heterogeneidade linguística de Authier-Revuz.

Dedicaremos o próximo capítulo especificamente às atividades metaenunciativas, aprofundando o seu estudo tanto no que se refere à configuração mais precisa de sua natureza linguístico-discursiva, quanto no que respeita a suas funções e sentidos para a construção da intercompreensão nas interações face a face. É desse capítulo que deverão emergir as categorias de análise de nossos dados de pesquisa.

¹² Escopo é um termo derivado do grego *skopos*, que tem por significado original “aquilo que se pretende atingir”. Na acepção do campo linguístico utilizado neste trabalho, o termo escopo equivale ao enunciado – origem, ou seja, o segmento sobre o qual a atividade metaenunciativa incide.

CAPÍTULO III

A METAENUNCIÇÃO COMO FORMA DE HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA

Em linhas gerais, entende-se por metaenunciação as atividades linguístico-discursivas nas quais há um desdobramento do dizer, ou, como define Authier-Revuz (1998, p.84), nas ocorrências em que “o falante, no desdobramento da sua interação, se reporta ao dizer em si e não ao dito” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.84). A metaenunciação é integrante, pois, das atividades metadiscursivas, as quais, no processo de construção do discurso se voltam ao dizer enunciativo em si, ou seja, tratam do “dizer sobre o dizer”.

Em sua origem, o conceito de metadiscursividade e, por conseguinte, de metaenunciação, estão atrelados à noção de metalinguagem, tal como proposta por Jakobson (2005, p.118-162) em seu artigo “Linguística e Poética”, quando institui a função metalinguística, no contexto das funções da linguagem. Para conceituar a metaenunciação, na perspectiva deste trabalho, aborda-se a relação entre os conceitos de metalinguagem, metadiscorso e metaenunciado, partindo da noção de metalinguagem em Jakobson (2005) e Borillo (1985); passando pela noção de metadiscursividade, tal como a compreendem autores como Maingueneau (1997), Jubran (1999, 2002), Risso e Jubran (1998), Koch (2004) e Hilgert (2001, 2002, 2006), e, por fim, destacando, no contexto da metadiscursividade, os estudos de Authier–Revuz (1998, 2004) sobre metaenunciação. Esta, a metaenunciação, terá um enfoque específico no capítulo destinado às análises.

3.1 NOÇÕES GERAIS DE METALINGUAGEM

O termo metalinguagem tem sua origem nos estudos de Roman Jakobson quando este, no contexto da Linguística estrutural¹³, desenvolveu a noção de “funções da linguagem”.

¹³ Já no início do texto “Linguística e Poética”, Jakobson demonstra essa relação de seus estudos com a Linguística estrutural, uma vez que reconhece “dois problemas centrais com os quais o estruturalismo se deparava na época, traduzindo-os em termos de duas necessidades básicas: a necessidade de uma revisão a

Saussure formulou um conceito de língua concebida como uma estrutura uniforme, representada por um código global. Para Jakobson (2005), esse código global representava um sistema de diversos códigos simultâneos, inter-relacionados, sendo que cada qual era caracterizado por uma função diferente.

Partindo disso, Jakobson (*op. cit.*) retoma os estudos anteriores feitos por Bühler, que, a partir de uma perspectiva comunicacional, havia apresentado três funções da linguagem: função “expressiva” ou “sintomática” (centrada no destinador); função de “sinal” (centrada no destinatário) e função de “descrição” ou “representação” (centrada no contexto).

Jakobson desenvolveu um esquema sistematizado sobre as funções da linguagem, mantendo (mas renomeando) as três já sugeridas por Bühler e introduzindo mais três funções. Desse modo, o esquema de comunicação de Jakobson foi baseado em seis elementos: remetente, destinatário, mensagem, referente/objeto, código e canal. Cada elemento corresponde a uma função comunicacional específica: a função referencial (centrada no objeto), a função poética (centrada na mensagem), a função fática (para verificar o meio/canal da comunicação), a função emotiva (centrada no emissor) e a função metalinguística (centrada no código), conforme se pode observar no esquema a seguir:

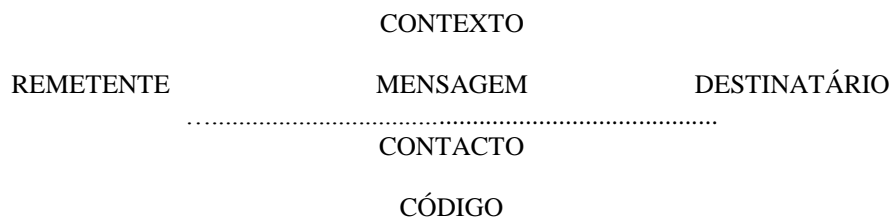


Figura 1- Elementos das funções da linguagem
Fonte: Jakobson (2005, p.123)

Em razão dos objetivos deste trabalho, não nos deteremos na abordagem da natureza de cada uma das funções por ele propostas, mas sim, nos restringiremos a apresentar o conceito de função metalinguística e como este foi ampliado em estudos subsequentes, até a noção de metaenunciação.

A função metalinguística apresentada nos estudos de Jakobson (2005) centrava-se no código verbal, conforme o papel a ela atribuída no esquema das funções da linguagem. Desde então, de um modo geral, entende-se o termo metalinguagem como relacionado a uma

propósito da 'hipótese monolítica da linguagem' e o reconhecimento da 'interdependência entre as diversas estruturas de uma mesma língua.' (LIMA, 2009, p.59).

linguagem que serve para falar da linguagem, isto é, uma segunda forma linguística para falar de uma primeira manifestação linguística.

A metalinguagem é centrada no próprio código verbal e delimita o sentido atribuído ao termo. Ela é de suma importância na compreensão da língua, pois para Jakobson (2005, p.47), “a interpretação de um signo linguístico por meio de outros signos da mesma língua, sob certo aspecto homogêneo, é uma operação metalingüística que desempenha papel essencial na aprendizagem da linguagem pela criança”, tendo em vista que possui o intuito de atribuir significados. Também reitera que “todo processo de aprendizagem da linguagem, particularmente a aquisição, pela criança, da língua materna, faz largo uso de tais operações metalingüísticas” (op.cit, p.127).

Quando define o conceito de metalinguagem, Jakobson rompe, de certo modo, com o que figurava nos estudos linguísticos até então, segundo o qual a metalinguagem era concebida apenas como um instrumento utilizado por lógicos e linguistas para se reportar à linguagem, ou seja, uma linguagem cuja mera função seria falar da própria linguagem. Segundo Jakobson, a metalinguagem também se fazia presente no discurso cotidiano, como se pode observar em sua definição de função metalingüística:

Uma distinção foi feita na Lógica moderna, entre dois níveis de linguagem, a “linguagem objeto”, que fala de objetos, e a “metalinguagem”, que fala da linguagem. Mas a metalinguagem não é apenas um instrumento científico necessário, utilizado pelos lógicos e pelos lingüistas; desempenha também papel importante em nossa linguagem cotidiana. (...) praticamos a metalinguagem sem nos dar conta do caráter metalingüístico de nossas operações (JAKOBSON, 2005, p. 127).

No dizer de Jakobson (2005, p.46), ainda é possível destacar a distinção entre *linguagem-objeto e metalinguagem*. Para o autor, o mesmo estoque linguístico pode ser utilizado tanto para uma quanto para outra, nesses dois níveis diferentes de linguagem. Desse modo, podemos falar a respeito do português (como linguagem objeto), em português (como metalinguagem) e interpretar as palavras e frases da Língua Portuguesa, utilizando de sinônimos, paráfrases, repetições, etc., na Língua Portuguesa. As operações dessa natureza fazem parte das atividades linguísticas habituais de qualquer usuário, embora sejam qualificadas de metalingüísticas pelos lógicos, elas existem no discurso cotidiano e possuem funções reais na comunicação dos usuários do código Língua Portuguesa.

Nesse sentido, Jakobson reitera e exemplifica que, sempre que o indivíduo tem

necessidade de verificar se está utilizando o mesmo código que seu interlocutor, ele desempenha a função metalinguística, a qual ele mesmo denomina como glosa. Justifica ainda que o “recurso à metalinguagem é necessário tanto para a aquisição da linguagem como para seu funcionamento normal” (*op. cit.*, p.47).

Para definir a importância do conceito de metalinguagem na compreensão da metaenunciação, cabe ressaltar que Jakobson (2005, p.127), ao definir a função metalinguística, concebia a linguagem como código: “sempre que o remetente e/ou destinatário têm a necessidade de verificar se estão no mesmo código, o discurso focaliza o CÓDIGO; desempenha uma função METALINGUÍSTICA, (isto é de glosa)¹⁴”. Tal condição identifica a metalinguagem e a função metalinguística como propriedades gerais da linguagem, concebidas numa visão estrutural da língua. Assim, as palavras serviriam para explicar outras palavras, ou seja, os referentes da metalinguagem seriam objetos-de-língua e não objetos de discurso.

No entanto, mesmo contextualizada em um viés de língua sistêmica, a teoria de Jakobson não deixa de apontar a perspectiva da língua em funcionamento, pois quando o autor institui a “função fática”, que segundo o esquema das funções da linguagem é a que tem por objetivo testar o canal de comunicação, ele demonstra também sua preocupação com o interlocutor, apontando para a existência e importância da língua no contexto das interações. Embora os estudos do autor não enfatizem a metalinguagem (ou a função metalinguística) no âmbito de uma concepção discursiva da língua, há uma breve referência sobre perspectiva do uso, quando afirma que a metalinguagem desempenha importante papel importante em nossa linguagem cotidiana.

Tal conceituação fomentou um avanço considerável para a abordagem da função metalinguística, noção que se apresenta vigente até os dias de hoje, mesmo após tantos avanços e discussões posteriores no campo da Linguística, pois nela já transparece a noção de interação (remetente /destinatário/ uso de mesmo código).

Em decorrência da disseminação dos estudos bakhtinianos no ocidente, bem como do surgimento de diversos campos nos estudos linguísticos, muitos estudiosos de períodos posteriores a Jakobson começaram a se dedicar à investigação da autorreflexividade do discurso. Alguns desses estudos utilizaram-se da metalinguagem como ponto de partida. Assim, de acordo com Lima (2009, p.62), hoje há grande diversidade terminológica, a qual reflete “posições teóricas distintas: metalinguística (em Jakobson 2005 e Rey-Debove 1978);

¹⁴ Grifos do autor (palavras CÓDIGO e METALINGUÍSTICA, em fonte caixa alta no texto original).

metacomunicação (em Watzlawich et al., 1973; Gaulmyn, 1987; e Cunha, 2002); metadiscorso (em Borillo, 1985; Maingueneau, 1997; Risso e Jubran, 1998; Jubran, 1999 e 2002; Risso, 1990 e 2000; Koch, 2004), metaenunciação (Authier-Revuz, 1998 e 2004)”. Tal diversidade aponta para diversos posicionamentos frente a um mesmo objeto: a autorreflexividade da língua.

Dos estudos posteriores a Jakobson sobre metalinguagem destacam-se os de Rey-Debove (1978), autora que apresenta uma diferenciação entre a “metalinguagem científica” e a “metalinguagem corrente”, esta última entendida como aquela que se manifesta em discursos não especializados, dando continuidade à perspectiva apontada por Jakobson, que há ocorrências de metalinguagem no discurso cotidiano. Segundo Lima (2009, p.61), a principal contribuição de Rey Debove para as abordagens mais contemporâneas sobre metalinguagem reside no fato de ser a primeira a associar “a metalinguagem a uma atividade de formulação de texto”, embora seus estudos não avancem em relação à metalinguagem na construção dos discursos, como muitos outros desenvolvidos em abordagens posteriores.

Borillo (1985, *apud* RISSO; JUBRAN,1998. p.229), destaca que Jakobson, ao se referir à linguagem cotidiana, estaria acrescentando as condições enunciativas à noção de mensagem centrada sobre o código, como elementos do processo de interação, tais como destinador e destinatário. Nesse sentido, na ocorrência de enunciados metalinguísticos, percebe-se a necessidade dos actantes da enunciação checarem, pela referência ao código, a eficácia comunicativa da mensagem.

Retomando a observação de Jakobson, que nos leva a associar às operações metalinguísticas ao ato de enunciação, entendemos que representa um primeiro passo para aproximá-las das operações metadiscursivas, pois “a perspectiva pragmática da linguagem enfatizando a contextualização das realizações verbais, leva a uma confluência entre os procedimentos metalinguísticos e metadiscursivos” (RISSO; JUBRAN, 1998, p.229). Tal fato ocorre “na medida em que as remissões às estruturas da língua passam a ser enfocadas pelo ângulo de seu funcionamento em situações comunicativas” (op.cit).

Ainda, referente à premissa de metalinguagem atrelada à situação de enunciação, Borillo (1985 *apud* RISSO; JUBRAN, 1998, p. 229) define que

a metalinguagem é na verdade um discurso centrado sobre o código, mas código tomado em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua enquanto sistema, quanto à sua ativação em situação de comunicação, i. é, movido por um locutor, que se dirige a um destinatário — real ou virtual — em circunstâncias particulares.

Nesse sentido, Jubran (1999), de acordo com uma perspectiva textual-interativa, define que a metalinguagem institui não só relações de signo para signo, mas também relações de língua em situação de comunicação, englobando um locutor que se dirige a um interlocutor, utilizando-se de enunciados de caráter metalinguísticos com propósitos interacionais.

E, pensando na metalinguagem com propósitos interacionais, em especial se tratando de interações face a face como as que serão abordadas neste estudo, em Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 328) encontramos o estudo do metadiscorso associado à análise da conversação, quando afirmam que

em análise da conversão, essa noção é de uso muito mais recente e aparece essencialmente sob uma forma adjetival, para qualificar enunciados. Assim, entre o conjunto de enunciados *metalinguajeiros*, isto é, que provêm da função metalingüística do esquema de Jakobson, Gaulmyn (1987a: 169) distingue os enunciados *metacomunicacionais*, “que se referem à conduta da interação: ‘vou fazer-lhe uma primeira pergunta’”; os enunciados *metadiscursivos*, “que se referem ao discurso proferido: ‘portanto, isso também quer dizer...’ ” e os enunciados *metalingüísticos*, “que se referem a língua e a seus usos”. Os enunciados metacomunicacionais têm por função, portanto, regular os conflitos potenciais da tomada de palavra.

De uma forma geral, se Jakobson (2005) aponta para a importância do contato e do contexto, se pressupõe que as condições enunciativas que regem a ocorrência de enunciados metalinguísticos são decorrentes da necessidade de destinador e destinatário verificarem (pela referência ao código) a eficácia comunicativa da mensagem. Essa premissa torna possível aproximar a função metalingüística de outras denominações correntes, relacionadas à autorreflexividade da língua, como metadiscorso e metaenunciação. Se a linguagem se constitui na interação, ela acontece e se constrói no desdobramento do discurso. E, nesse âmbito, a metadiscursividade pode colaborar com o estabelecimento de sentidos novos no contexto, uma vez que não explica apenas o código, mas sim pode trabalhar com o dizer na realização do discurso, em diferentes contextos.

3.2 METADISCURSO

A metadiscursividade diferencia-se da metalinguagem pela centralização no discurso e

seu contexto, pela não abstração do interacionismo do código na ação verbal, que envolve enunciado e enunciação. O metadiscorso tem como propriedade primeira a reflexão do discurso sobre si mesmo integrando enunciado e enunciação, ou seja, o que se diz e o próprio ato de dizer. Essa é a particularidade do metadiscorso: é um discurso e, ao mesmo tempo, um comentário sobre si mesmo, uma autoexplicação, ou seja, um discurso sobre o discurso.

Nesse sentido, as atividades metadiscursivas são operações de auto-reflexividade da língua, realizadas pelo locutor, em relação ao seu discurso ou ao de seu interlocutor. Esse locutor procura adequar os enunciados, realizando intervenções que podem avaliar, ajustar, comentar a forma “do dizer”, relacionando muitas vezes o enunciado em questão e a enunciados “outros”, demonstrando que os discursos têm a capacidade de desdobrarem-se sobre si mesmos. Assim, nas operações metadiscursivas há um movimento de autorreflexividade da língua em uso, no qual o fazer discursivo é referenciado no próprio discurso. Tal estratégia, muitas vezes é utilizada como um recurso para que o enunciador monitore a compreensão do interlocutor, buscando estabelecer sentidos, contribuindo para o desenvolver da interação.

Quando se trata do metadiscorso em relação à metalinguagem, pode-se afirmar que, por se referir ao “dizer sobre o dizer” em situações comunicativas, o metadiscorso prescinde de uma focalização no contexto discursivo, ou seja,

pela característica da auto-reflexividade, a metadiscursividade tem um ponto em comum com a metalinguagem, compreendida como fenômeno de auto-referenciação da língua: a frase metalingüística centra-se no próprio código verbal que está na base de sua formulação, incidindo sobre propriedades de forma e significado dos signos lingüísticos. Remetendo, assim, à estrutura da língua enquanto sistema, a metalinguagem, tomada por este ângulo, diferencia-se da metadiscursividade, por prescindir de um elemento fundamental para a operação metadiscursiva, que é a focalização do contexto discursivo (RISSO; JUBRAN, 1998, p.229);

Nesse sentido, o metadiscorso nada mais é do que uma linguagem que trata da linguagem, no momento em que o discurso está acontecendo; ou seja, a função metadiscursiva retoma a função metalingüística de Jakobson, quando esta se concretiza no discurso. A perspectiva discursiva em que se ampara o metadiscorso está relacionada também com os pressupostos bakhtinianos de língua como interação, pois “só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação” (BAKHTIN, 2010, p.138).

Como já abordado no segundo capítulo, o discurso possui uma heterogeneidade

constitutiva e ela se evidencia (seja mostrada ou não) de diferentes formas, tanto no texto oral como nos escritos, sendo as formas metadiscursivas a prova evidente de tal heterogeneidade, pois por meio delas fica explícita a presença de outras vozes no discurso, que se revelam presente na enunciação.

Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p.326), o metadiscurso acontece no contexto discursivo: “o locutor pode a qualquer momento comentar sua própria enunciação no interior dessa mesma enunciação: seu discurso é recheado de discursos”. Desse modo, é possível ao mesmo tempo em que se realiza a enunciação, avaliá-la, comentá-la, solicitando a aprovação do co-enunciador e demonstrando que se é um ouvinte atento ao desvelar do texto.

De acordo com Jubran (2005), quando na interação verbal registram-se procedimentos por meio dos quais “o próprio locutor interfere no andamento de sua fala” (op.cit, p.298), ele está realizando uma operação metadiscursiva “porque glosa suas próprias palavras” (op.cit p.299), através de um dizer que se volta sobre si mesmo, em um “movimento auto-reflexivo particularizador da metadiscursividade” (op.cit). A autora situa ainda que as glosas

dão mostras da atividade interacional de referenciação: elas refletem, no texto, a criação de condições de acessibilidade aos referentes que estão sendo mobilizados no intercurso verbal para o efetivo funcionamento comunicativo do texto e processamento (JUBRAN, 2005, p.299).

Para Maingueneau (1997, p.93), a heterogeneidade “pode resultar da construção pelo locutor de níveis distintos no interior de seu próprio discurso”, o que constitui o fenômeno das glosas que acompanham o que o locutor diz. Nesse sentido, “o dito é constantemente atravessável por um metadiscurso mais ou menos visível que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referência” (op.cit).

Authier-Revuz (1998) realizou estudo detalhado das glosas do enunciador, enquanto heterogeneidade mostrada no discurso. Nesse estudo, dá destaque especial às aspas, situando-as como glosa para o texto escrito, pois afirma que as aspas são uma forma de manter as palavras distanciadas do interlocutor, função principal das glosas. A aplicação de aspas denota um distanciamento do termo aspeado no texto escrito. Nesse sentido, o mesmo distanciamento se atribui às glosas em geral, denotando que estas funcionam como “marca de uma operação metalinguística local de distanciamento: uma palavra, durante o discurso, é designada na

intenção do receptor como o objeto, o lugar de uma suspensão de responsabilidade” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.219).

Reforçando essa ideia de glosa como uma forma de distanciamento, denotando um discurso - outro, a autora afirma que

em todos os casos, à suspensão de responsabilidade, que manifesta um questionamento do caráter apropriado da palavra ao discurso no qual é utilizada – nos dois sentidos desta: “pertencente a” e “adaptado a”- corresponde uma glosa, implícita, remetendo a um discurso - outro (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.220).

Maingueneau (1997, p.94) define ainda que “cada glosa apresenta-se como uma exibição de um debate com as palavras, o qual se pretende exemplar” e, assim, tem-se a ideia que “o sujeito cuja imagem é construída pelas glosas é um sujeito que domina o discurso.” (op.cit).

Ao tratarem a metadiscursividade como a “glosa” do próprio discurso, destacando sua propriedade de auto-reflexão, Risso e Jubran (1998, p.228) destacam que

a propriedade básica particularizadora da metadiscursividade é a da auto-reflexividade do discurso: este se elabora focalizando-se a si mesmo, pela conjunção do que é dito com o ato de dizer. Por reportar o discurso ao ato de enunciação que o cria, auto-referenciando-se, o metadiscorso constitui-se simultaneamente como discurso e como glosa sobre o discurso.

Também é válido destacar que o metadiscorso não está reservado a interações espontâneas, nem está ausente dos discursos cuidadosamente controlados, tanto orais quanto escrito/gráficos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004), pois sua existência revela o monitoramento do falante, demonstrando que há uma dimensão inevitavelmente dialógica no texto, maior ainda em se tratando das interações faladas, nas quais há a interação face a face.

Na medida em que a análise da conversação procura analisar as interações entre falante e ouvinte, busca compreender também, como os falantes buscam o entendimento entre si, o que implica saber que estratégias usam no monitoramento do discurso do outro, que sentidos emergem desses enunciados. De certa forma, podemos considerar que o metadiscorso busca elidir os efeitos da subjetividade do ouvinte, aproximando-a, ao máximo, de seu real

objetivo comunicacional. Em outras palavras, a metadiscursividade é uma forma de condução do discurso, pois, na medida em que as estratégias metadiscursivas são utilizadas, o locutor age sobre seu discurso e sobre o discurso de seu co-enunciador.

Na perspectiva da metadiscursividade, são excluídos da análise enunciados metacomunicativos de outra ordem, como os que se referem ao desenvolvimento da conversa ou mudança de tópico, como no exemplo:

Segmento 05:

Doc – então **vamos falar de** uma coisa menos além **vamos falar de** dinheiro está?

L2 – ah coisa boa ((risos))

Doc – bom

L1 – coisa danada

Doc – **vamos falar de dinheiro** (HILGERT, 2009, p.101)

Observa-se aqui que o segmento repetido pelo documentador “*vamos falar*” indica um desejo de mudança de tópico pelo documentador que procura conduzir a conversa entre os dois locutores. O mesmo ocorre no exemplo 06, no qual o documentador propõe outro tópico para desenvolverem a conversa. Nota-se que o documentador não está explicando um termo, bem como a expressão “vamos falar” não incide sobre alguma expressão, apenas tem uma função comunicacional de condução do tópico, o que exclui a possibilidade de ser um caso de metadiscurso.

Segmento 06:

Doc – bom **vamos falar um pouquinho de:: sobre religião** mas não assim coisas particulares entende?... por exemplo o que vocês acham do celibato ... do clero? (HILGERT, 2009, p.97)

Segundo Risso e Jubran (1998), como propriedade discursiva que pode estar presente em toda e qualquer manifestação textual, a metadiscursividade adquire uma densidade particular, no caso específico da língua falada, pelo fato de as contingências da produção oral promoverem uma acentuada manifestação dos fatores enunciativos na estruturação do texto. Considerando que o “texto” conversacional é produzido na interação face a face e de forma dinâmica e momentânea, tal fato favorece a observação de traços da enunciação em sua superfície, já que são materializáveis e acessíveis linguisticamente.

As atividades metadiscursivas não se realizam de forma isolada no processo de

construção do texto. Ao contrário, é comum que reformulações e avaliações se conjuguem numa única iniciativa de formulação. Uma avaliação desencadeia, muitas vezes, uma reformulação de correção parafrástica. Outras vezes, por meio de um segmento metadiscursivo é traduzida a hesitação, que caracteriza a busca de uma denominação adequada.

Segmento 07:

L1 – não é que segundo a a:: lei cinqüenta e seis noventa e dois que ... é a organizou ... o nosso ensino atual ... em todo o Brasil a lei federal ... diz que o aluno não deve mais ser reproVAdo ... que ele tem que fazer estudos de recuperação quer dizer não *roda* ... **no sen/ no sentido antigo** mas ... de qualquer maneira o aluno que não alcanÇAR ... o nível desejado através de estudos de recuperação ... vai ter que repetir o ano não adianta não não há outra situação. (HILGERT, 2009, p.86)

No segmento 07, percebe-se que o termo “*roda*” é avaliado pelo enunciado metadiscursivo “*no sentido antigo*”, associado à ideia de reprovação, assunto de que o falante trata. Vale observar que o enunciado “não roda” possui uma relação parafrástica com a ideia de que “*não deve ser reprovado*”, relação apontada pelo marcador “*quer dizer*”.

Por meio do exemplo, pode-se perceber que a operação metadiscursiva tem como foco o próprio discurso em construção ou a construção do discurso em si, não incidindo, de forma específica, sobre o conteúdo informacional. Os enunciados metadiscursivos colocam em evidência o processamento verbal das informações, pois avaliam, comentam e qualificam a elaboração do texto, ao mesmo tempo em que “mantêm-se exteriores aos conteúdos das proposições tópicas” (RISSO; JUBRAN, 1998, p.230). Assim, o metadiscorso não modifica o fluxo informacional, mas sim monitora a atividade enunciativa, situando informações no quadro enunciativo, buscando estabelecer sentidos e garantir a eficácia do processo de interação.

No contexto da análise da conversação, as autoras alemãs Gülich e Kotschi (1991), em seus estudos sobre os procedimentos de qualificação discursiva já reconheciam que estas atividades (de caráter metadiscursivo) não tinham ação sobre a estrutura da informação, e destacavam que tais manifestações em geral eram comentários e avaliações sobre o dizer, o que apontava para um discurso que estava em fase de elaboração¹⁵.

¹⁵ De acordo com Gülich e Kotschi (1991), distinguem-se três tipos de atividades de produção discursiva: verbalização, tratamento e qualificação. Esta última consiste na atividade explícita de avaliar e comentar soluções formulativas encontradas pelos interlocutores, fazendo com que seja algo como uma manifestação explícita do constante monitoramento cognitivo que os falantes fazem de sua produção discursiva. Embora não

Nesse sentido, em uma interação, a operação metadiscursiva é uma forma de “controle” da atividade discursiva, tendo em vista que o fluxo informacional do dizer é suspenso. Tal ação revela que o enunciador procura manter o controle linguístico e discursivo dessa interação. Voltando-se para o seu dizer ou para o dizer de seu interlocutor, o enunciador quer garantir que o seu dizer seja compreendido pelo ouvinte, com os sentidos que ele almeja.

3.2.1 Acepções e classificações do metadiscurso

De acordo com o exposto, Maingueneau (1997, p.94) faz uma síntese da noção geral de metadiscurso, considerando que este não é “apenas um conjunto de acréscimos contingentes destinados a retificar a trajetória da enunciação, colocá-la em conformidade com as intenções do locutor, mas a “derrapagem” verbal que produz sentido”. Ainda, segundo Maingueneau, o metadiscurso pode ser analisado à luz da Pragmática¹⁶, bem como pela Análise do discurso, sendo que,

de um ponto de vista ingênuo, o metadiscurso é apenas um conjunto de acréscimos contingentes destinados a retificar a trajetória da enunciação, colocá-la em conformidade com as intenções do locutor. A AD¹⁷, em geral, lida com textos cuja produção é relativamente bem controlada, de forma que, com frequência, o metadiscurso mostra-se como tal, a derrapagem verbal produz sentido. Longe de ser um procedimento para corrigir falhas na comunicação, ele constitui um sintoma e deve ser apreendido através deste estatuto (MAINGUENEAU, 1987, p.94 *apud* POSSENTI, 2000, p.99).

Mesmo visto sob diferentes pontos de vista, por diferentes teóricos da linguagem, é possível observar que o metadiscurso é uma manifestação de heterogeneidade mostrada no discurso, explícita. No entanto sua forma não é marcada, representada por formas fixas ou

se adote, neste trabalho, a perspectiva das autoras alemãs, as características do metadiscurso estão relacionadas ao contexto de qualificação discursiva proposto por elas.

¹⁶ Pragmática é a ciência do uso linguístico e “estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística” (FIORIN, 2004, p.161). Um dos domínios da Linguística que exige uma compreensão da pragmática é a enunciação, a qual, que segundo o autor, consiste no “ato de produzir enunciados, que são realizações linguísticas concretas”.

¹⁷ AD – Análise do discurso.

cristalizadas. Alguns autores propõem diferentes formas de classificar o metadiscorso, em especial por suas funções no texto em relação à interação. Vejamos algumas delas.

Maingueneau (1997, p.93), retomando Borillo, destaca que “é difícil definir o metadiscorso” no que se refere às diferentes formas de atividades metadiscursivas, apontando para a existência de duas definições: uma “definição estreita”, com sentido muito próximo à “metalinguagem dos lógicos”; outra, como uma “definição ampla”, que considera o metadiscorso diluído no próprio discurso, partindo do princípio de que o próprio ato de falar já é uma fala sobre a fala.

Por isso, de acordo com uma ordem funcional, o autor propõe uma classificação que dê conta das manifestações explícitas de metadiscursividade, com escopos claramente identificáveis no discurso. Mesmo admitindo que seja difícil apresentar uma classificação¹⁸ que abranja todas as ocorrências possíveis, uma vez que a função metadiscursiva pode se realizar por meio de estruturas linguísticas muito variadas, o autor propõe alguns tipos de metadiscorso, com base nas funções mais comuns:

- a) o metadiscorso para *construir uma imagem de locutor*, contemplando expressões como “para parecer formal”, “para falar como os eruditos”, etc.;
- b) *marcar uma inadequação dos termos*, em expressões como “se é possível afirmar”, “se é que se pode dizer assim”, entre outras;
- c) *autocorrigir-se*, como na expressão “deveria ter dito”;
- d) *confirmar*, com formulações como “é exatamente isto que estou dizendo”;
- e) *solicitar permissão* para empregar certos termos, como em “se você me permite a expressão”;
- f) *fazer uma preterição*, em “eu ia dizer que”;
- g) *corrigir antecipadamente* um possível erro de interpretação, “no sentido X da palavra” (MAINGUENEAU, 1997, p.93-94).

Borillo (*apud* RISSO; JUBRAN, 1998, p.229), apresenta uma classificação pautada em critérios mais gerais, segmentando o metadiscorso em três modalidades:

- a) A que se reporta ao discurso, destacando aspectos do código em uso na construção textual: expressões como “isto é”, “Ou seja”, “vamos dizer”, “digamos”, entre outras são frequentemente utilizadas pelo enunciador com a função de explicar a expressão utilizada,

¹⁸ Maingueneau (1997, p.93) afirma que a classificação proposta são “algumas rubricas”, visto que sua intenção é propor uma classificação operatória e de ordem funcional do fenômeno enunciativo, sem rigor nem exaustividade, visto que é muito grande a diversidade de estruturas linguísticas que contribuem para o metadiscorso.

demonstrando sua permanente preocupação com o monitoramento da construção do discurso, a fim de se fazer compreender e atingir os propósitos da comunicação.

b) A que se reporta ao discurso como evento argumentativo, focalizando especialmente aspectos relativos à construção do tópico ou do texto enquanto macrotópico: nesta classificação expressões como “retomando o que eu falava anteriormente”, “recapitulando”, “voltando ao tema principal”, entre outras, apontam para elementos metadiscursivos de cunho argumentativo, manifestações muitas vezes utilizadas com a finalidade de manter a coerência e a coesão na progressão do texto.

c) A que se reporta ao discurso como evento enunciativo - interlocutivo, a fim de esclarecer circunstâncias de sua condução e envolvendo procedimentos de negociação de sentidos: expressões como “como assim?”, “o que você quis dizer com isso?” e outras semelhantes, as quais são utilizadas para negociar sentidos entre os interlocutores para a evolução da interação.

Finalizando as considerações sobre o metadiscurso, entende-se que ele é utilizado por meio de variados tipos de estratégias discursivas, que segundo Koch (2004, p.121), constituem-se em estratégias textual-interativas, que têm em comum o fato de tornarem visível “um trabalho do locutor sobre a língua, sobre seus efeitos e suas circunstâncias pragmáticas”. Ou seja, o metadiscurso, entre outras funções, faz com que os interlocutores envolvidos se voltem sobre “o modo como aquilo que se diz é dito” (op.cit.), ou ainda, conforme abordado pela autora:

1. enquanto as estratégias metaformativas têm como escopo o texto (e, portanto, o dito), as “lógico”-pragmáticas têm como objeto a relação intersubjetiva (o “modus”) e as metaenunciativas dobram-se mais sobre o “dizer-enquanto-se-diz”;
2. apenas as metaenunciativas são claramente autonímicas, isto é, nelas há maior explicitação da representação que o enunciador (sujeito da enunciação) faz de seu dizer;
3. o escopo das estratégias metaformativas é nitidamente textual, o das “lógico”-pragmáticas são as atitudes, os juízos a respeito do mundo, a própria interação, ao passo que as metaenunciativas são tipicamente enunciativo-discursivas;
4. os três tipos de estratégias diferenciam-se pelo grau de reflexividade, que atinge o grau máximo nas metaenunciativas (KOCH, 2004, p.121).

Tal consideração da autora reforça a relação existente entre metadiscurso e metaenunciado, evidenciando que ambos possuem como característica a reflexividade, mas

que nas operações metaenunciativas há uma maior explicitação da representação que o enunciador faz do seu dizer, conforme se aborda na seção a seguir.

3.3 A METAENUNCIACÃO

Partindo da discussão sobre metadiscurso, Authier -Revuz (1998, p.14-15) tem uma visão particular acerca dele, que, segundo a autora “está situado em duas balizações teóricas: a da metalinguagem e a da enunciação”. Nesse sentido, afirma que:

através de uma série de oposições, a configuração visada é progressivamente especificada como tendo relação:

- com metalinguagem **natural**, observável no discurso (...), o poder de reflexividade das línguas naturais, que é ao mesmo tempo “restrição”(...)
- com a metalingüística **comum** (...) que dá acesso às representações de sujeitos ao sujeito da linguagem (da língua, do sentido, da comunicação...).
- com o **metaenunciativo**, auto-representação do dizer se fazendo (...) em que o discurso sobre a prática da linguagem, emergindo desta em pontos do dizer que requerem mais dela do que um comentário, conjuga os dois planos da prática e da representação – como parte dessa prática (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.15).

Nesse sentido, entende-se por atividade metaenunciativa ou, simplesmente, por metaenunciação, todo procedimento linguístico-discursivo em que o falante, no desdobramento da interação, se reporta ao dizer em si e não ao dito. As formas metaenunciativas são “estritamente reflexivas” e “correspondem a um desdobramento no âmbito de um único ato de enunciação; há um dizer do elemento linguístico realizado por um comentário desse dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.84).

Nas palavras de Hilgert (2006, p.166-167), “a atividade metaenunciativa é, portanto, um dizer sobre o dizer. Nela o falante distancia-se, por um momento, do ‘conteúdo’ e observa as palavras com as quais o expressou” (HILGERT, 2006, p.167). Ou seja, evidencia o movimento de auto-reflexividade, no qual “o fazer discursivo é referenciado no próprio discurso” (RISSO; JUBRAN,1998).

Para Authier-Revuz (1998; 2004), a metaenunciação representa linguisticamente o ato de dizer em que o enunciador se desdobra em dois, um que diz e o outro que se pronuncia de alguma forma sobre esse dizer. Nas operações metaenunciativas, durante sua enunciação, “o

falante, de certa forma, suspende abordagem do conteúdo da conversa e se volta a algum aspecto da expressão linguística desse conteúdo¹⁹” (HILGERT, 2006, p.163). Tal operação, por vezes, faz-se necessária pelos propósitos comunicacionais do enunciador, que de uma forma ou de outra, por meio do metaenunciado, monitora a compreensão de seu falante e dos sentidos que ele atribui aos termos aplicados no conteúdo do seu dizer.

É preciso entender a metaenunciação no contexto da metadiscursividade, já que esta última, na evolução do texto consiste em um dizer sobre o dizer. Entretanto, a faceta metaenunciativa decorre do fato de este dizer sobre o dizer possuir uma duplicidade enunciativa: há um enunciador que se pronuncia, que diz; e, há outro que analisa, interpreta, comenta o dizer. Para Authier-Revuz (2004, p.13), o locutor assume diferentes posições na enunciação, pois “sua figura normal de usuário das palavras é desdobrada, momentaneamente, em uma outra figura, a do observador das palavras utilizadas”.

A metaenunciação pode ser vista de forma diferente por diferentes correntes da Linguística. Para os analistas do discurso, metaenunciação é o processo pelo qual os locutores comentam aquilo que dizem e tais enunciações

têm a função de marcar “não-coincidências”, seja entre locutores (dois locutores não empregariam as mesmas palavras), seja entre discursos (já que um discurso pode ser afetado por outro), seja entre as palavras e as coisas (as palavras seriam “incapazes” de nomear de forma transparente), seja das palavras consigo mesmas (as palavras podem ter mais de um sentido) (POSSENTI, 2000, p.99).

Percebe-se nessa conceituação a forte presença das não-coincidências propostas por Authier-Revuz. Já, esta autora, por sua vez, distingue as diferenças entre as diferentes abordagens da metaenunciação:

A consideração dos fatos metaenunciativos, com o que eles implicam de auto-representação do dizer (...) coloca de modo especificamente agudo a questão da escolha dos exteriores teóricos, relativos à questão do sujeito e de sua relação com a linguagem, nos quais se apóia a descrição: a linha de fratura fundamental que passa entre o sujeito-origem – da psicologia e das suas variantes “neurais” ou sociais – e o sujeito-efeito – aquele assujeitado ao inconsciente, da psicanálise, ou o das teorias do discurso que postulam a determinação histórica em um sentido não individual – é aqui crucial.” (AUTHIER-REVUZ, 1998 p.16)

19 Segundo Hilgert (2006, p.163), “É evidente que separar conteúdo de expressão é aqui uma estratégia didática para poder dar evidência à metadiscursividade, pois, efetivamente, no *hic et nunc* da enunciação, todo procedimento que privilegie a expressão está, na verdade, construindo o sentido, isto é, desenvolvendo o conteúdo”.

Neste trabalho, a manifestação metadiscursiva será tratada no âmbito dos estudos da enunciação (conforme apontado no primeiro capítulo). Vale ainda dizer que tais manifestações explicitam a natureza heterogênea dos textos e, por conseguinte, da linguagem (conforme abordado no segundo capítulo). A enunciação, por sua vez, é “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p.82). O locutor que fala mobiliza a língua por sua conta, transformando-a em discurso com a intenção de produzir sentidos; ou seja, a enunciação não pode estar desvinculada da construção de sentidos.

Como a enunciação é definida pelo sujeito que diz EU, o locutor tem lugar de destaque no ato enunciativo, tendo em vista que sua relação com a enunciação só é possível por meio do aparelho formal da enunciação. É quando faz uso desse aparelho que o locutor é capaz de realizar o ato enunciativo em si e se marcar no discurso. É a subjetividade afetando o sistema formal da língua, já que a metaenunciação, neste trabalho, é vista como uma forma linguística capaz de marcar a inserção do sujeito que enuncia e seu esforço de negociação com a própria enunciação.

Pode-se considerar, no contexto da teoria da enunciação de Benveniste, que já se previa a propriedade reflexiva da língua, a qual torna possível à língua falar dela mesma. Segundo o autor, a partir dessa reflexibilidade é possível criar um segundo nível de enunciação: “É nesta faculdade metalingüística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas” (BENVENISTE, 2006, p.66). Nessa capacidade metalingüística da enunciação é que se ancora a modalização autonímica, a análise da metaenunciatividade, proposta por Authier-Revuz (1998, 2004, 2011). Em outras palavras, a partir do campo teórico da enunciação, enfatizando as não-coincidências do dizer e sua representação metaenunciativa, esta pesquisa focaliza o estudo linguístico e discursivo da modalização autonímica proposto por Authier-Revuz.

Neste trabalho, baseamo-nos nas pesquisas da autora para investigar, na perspectiva da enunciação, como se estruturam tais enunciados nos textos falados produzidos em um diálogo entre dois informantes (D2). As pesquisas de Authier-Revuz acerca dos fenômenos da linguagem constituem um conjunto de estudos sobre a propriedade de reflexibilidade da linguagem, ou ainda a capacidade que a linguagem tem de ser sua própria metalinguagem.

A tese de Authier-Revuz é um trabalho minucioso que especifica, no grande conjunto das formas da reflexibilidade metalingüística, pois representa, segundo Flores e Teixeira (2010, p.79-80), “o subconjunto da reflexibilidade do dizer sobre ele mesmo que singulariza

as formas da modalidade autonímica”. Para os autores, nos estudos de Authier-Revuz destacam-se três propriedades pelas quais as formas da modalidade autonímica podem ser descritas:

- 1.São formas metaenunciativas, isoláveis como tais na cadeia, caracterizando por referir um segmento que aí está dado.
- 2.São formas estritamente reflexivas que correspondem ao desdobramento, no quadro de um ato único de enunciação, do dizer de um elemento por um comentário simultâneo desse dizer, que se dá nos limites da linearidade.
- 3.São formas opacificantes da representação do dizer, em que o elemento da enunciação ao qual elas aludem é um fragmento da cadeia que associa significado e significante – bloqueando a sinonímia – e não somente um conteúdo que poderia ter um sinônimo. Dito de outro modo, as formas da modalidade autonímica põem em jogo, na representação do dizer, “as palavras que se referem ao dizer”. É essa interposição, no dizer, da consideração da forma pela qual ele é feito que Authier-Revuz chama de opacificação (FLORES; TEIXEIRA, 2010, p.79-80).

Da teoria da autora se depreende que o signo é como um vidro transparente, a partir do qual se permite ver outra coisa além dele próprio. Segundo Authier-Revuz (1998, p.16-17), “o enunciador está em condição de (se) representar sua enunciação e o sentido que ele aí ‘produz’, e que talvez lhe seja transparente”. Em casos como esse é possível considerar que “as formas de representação que os enunciadores dão de seu próprio dizer sejam um reflexo direto do real do processo enunciativo”(op.cit.). Nesse sentido, tal transparência reside no fato de representar “a coisa” significada, sem ele mesmo se refletir nessa representação. Porém, o signo pode também não remeter a outra coisa a não a ser ele mesmo, perdendo a transparência que lhe permitia ver “a coisa” através dele, sendo que, então, se torna opaco. De outro modo, é possível afirmar que quando o locutor se serve do signo e faz uso dele, é transparente, pois, nesse caso, “o que o signo é ele próprio como signo não aparece: o que aparece é a coisa significada. Inversamente, pode-se tratar o signo como coisa, mencioná-lo, colocá-lo entre aspas, opacificando-o” (FLORES; TEIXEIRA, 2010, p.81).

De acordo com o exposto, falar de metaenunciação baseando-se em Authier-Revuz é tratar do que a autora chama de modalização autonímica, categorizando como “não-coincidências do dizer”.

3.3.1 Authier-Revuz e a modalização autonímica: as não-coincidências do dizer.

Do conceito de metaenunciação apresentado nos trabalhos da linguista francesa Jaqueline Authier-Revuz (1998; 2004) se pressupõe um desdobramento enunciativo: há um dizer que se manifesta no enunciado e há outro que se manifesta de maneira a pronunciar algo sobre a expressão utilizada em seu dizer. Partindo dessa premissa, a do desdobramento metaenunciativo, ancoramos as análises desta pesquisa, mais precisamente, nas quatro formas de metaenunciatividade, as modalizações autonímicas, denominados pela autora como “não-coincidências do dizer”.

Para contextualizar, busca-se em Charaudeau e Maingueneau (2004, p.83-84) uma trajetória do termo modalização autonímica. Aristóteles já previa que, por meio da metalinguagem, era uma falha as línguas porem em perigo a existência de uma ligação natural entre palavra e coisa, o que hoje é chamado de *fato autonímico*, que se manifesta quando a palavra refere-se à própria palavra e não às coisas. Santo Agostinho, por sua vez, considerava que o signo tinha dupla face e propôs que havia palavras que funcionavam como “*signos de coisas*”, e outras que eram “*signos de signos*”. Já, Rey-Debove, acrescentou um novo viés afirmando que, do ponto de vista semântico, o *signo autonímico* é um signo de metalinguagem que designa o signo da linguagem que é seu homônimo, e ao mesmo tempo, que é uma parte de seu significado comum.

Destas premissas e a partir de uma perspectiva enunciativa, Authier-Revuz considerou a estrutura que denominavam “*conotação autonímica*” sob a perspectiva de uma modalização reflexiva do dizer, sendo que tal mudança de ponto de vista a leva a pensar a questão sob o ângulo da *modalização autonímica*. Desse modo, essa modalização corresponde a “um modo dividido que opacifica o dizer, no qual o dizer: realiza-se ao falar das coisas com palavras; representa-se enquanto se constitui; apresenta-se, pela autonímia, em sua própria forma” (AUTHIER-REVUZ (1995, p.33 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.84).

Nesse sentido, a modalização autonímica se manifesta sempre que o enunciador comenta seu próprio dizer. O “comentário” que se realiza testemunha um desdobramento da enunciação e pode, em sua forma mais reduzida, resumir-se à presença de aspas ou exprimir-se por enunciados metadiscursivos. Assim, sendo um “fato de enunciação modalizado por uma auto-representação opacificante”, a modalização autonímica opõe-se à conotação autonímica, apreendida em termos de signo com conotação, e essa abordagem permite

ampliar os fatos considerados” (op.cit).

Authier-Revuz (1998, p.141), a partir dos estudos de Rey-Debove, define a modalização autonímica a partir da ideia de uso + menção. Para esclarecer tal conceito, observa-se o exemplo analisado pela própria autora no artigo “Observações no campo do discurso relatado”²⁰:

Exemplo: A *villa* de João, *como ele chama seu quartinho*, está em mau estado.

De acordo com a autora, no enunciado, o enunciador usa um elemento X (*villa*) e acrescenta ao uso do elemento-padrão um retorno a esse uso, comentário reflexivo (*como ele chama seu quartinho*) no qual intervém a menção ao elemento X visto como palavra (a palavra *villa*). Nas palavras de Authier-Revuz (1998, p.141): “o enunciador fala da coisa *villa*, e, além disso, fala da palavra “*villa*” com a qual ele fala da coisa”. Tal procedimento ocorre porque em algum ponto o dizer apresenta-se como não óbvio: “em vez de, em uma aparente transparência, no apagamento de si, exercer sua função mediadora de nomeação, o signo interpõe-se em sua materialidade – com seu significado e seu significante – como um objeto que, encontrado no trajeto do dizer, coloca-se como objeto deste” (1998, p.179).

Desse exemplo podemos situar o processo de metaenunciação: a enunciação do signo se dobra em uma representação dela mesma. Tal desdobramento se refere à enunciação em geral, mais particularmente, ao que se poderia chamar de complexidade enunciativa.

Em enunciados desse gênero, pode-se ver nitidamente a presença do heterogêneo mostrado na linguagem, o que, segundo Authier-Revuz, pode ser caracterizado em dois planos: o da forma e o da sua função na enunciação. Assim, trata-se de formas metaenunciativas, isoláveis como tais sobre a cadeia, que têm a propriedade de referir a um segmento dado da cadeia: são formas estritamente reflexivas, correspondendo, no quadro de um ato único da enunciação do dizer, ao desdobramento de um elemento por um comentário “simultâneo” desse dizer. Assim, “esse conjunto de formas - inventariáveis com algumas zonas não discretas - constitui uma forma de modalidade enunciativa”, que a autora denomina modalidade autonímica, a qual “corresponde, numa perspectiva enunciativa, à configuração semiótica da “conotação autonímica” ou do acúmulo de uso e menção” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 181).

Em relação à função na enunciação, Authier-Revuz defende que, ao se dobrar o uso de um termo por um comentário reflexivo opacificante sobre esse uso, essa modalização

²⁰ In: AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP,1998.(p. 133-161).

suspende localmente, sobre o termo visado, o caráter absoluto, não questionado, o óbvio ligado ao uso transparente, padronizado das palavras. Nesse sentido, a modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de uma “maneira de dizer”, relativizada entre outras. Dessa forma, a enunciação se representa, localmente, como não afetada de não-um, como alterada no seu funcionamento por um fato pontual de não-coincidência.

Em relação à estrutura formal e aos elementos que compõem a atividade metaenunciativa, tomamos como exemplo os segmentos abaixo:

Segmento 09:

Doc – quais os problemas que o sapato inadequado pode causar aos pés?...

Inf – éh pode causar o [*vulgarmente conhecido*] [joanetes] ... éh... (HILGERT, 2001 p.71)

Segmento 10:

Inf – Quer dizer não é que eu não vá a missa não vou à missa todos os domingos... isso não quer dizer: : de vez em quando vou a uma missa ou outra... mas não assim como à missa dominiCAL... isso eu[**não vou nunca**]... assisto outras missas... o aliás [*não vou nunca é força de expressão*] quando estou aí fora... quando estava nessa campanha... nessa tarefa da secretaria de saúde... eu ia mais seguido à missa em Porto Alegre não vou nunca aos domingos (HILGERT, 1997,p.215)

No segmento 09, percebe-se que o termo [*joanetes*] é, antecipadamente, referido no discurso do enunciador, pela expressão [*vulgarmente conhecido*]. Essa expressão refere-se ao dizer, ao modo como o termo deve ser entendido pelo interlocutor. Nesse caso, dizemos que [*joanetes*] é o enunciado que dá origem ao metaenunciado, e esse enunciado-origem, doravante será tratado como escopo.

Já no segmento 10, percebemos que o escopo é a expressão [*não vou nunca*] sobre a qual o dizer se desdobra com o enunciado metaenunciativo [*não vou nunca é força de expressão*], feita na sequência do escopo. Ou seja, o enunciador julgou que a expressão utilizada teve uma conotação exagerada e, assim, utiliza um metaenunciado, com a finalidade de corrigi-la, assegurando a acepção de que afirmar [*não vou nunca*] é um certo exagero.

Portanto, podemos dizer que a atividade metaenunciativa sempre é originada, seja de maneira prospectiva ou retrospectiva, por um escopo. Tal consideração é necessária para que facilite a observação dos exemplos apresentados na sequência, como representantes das categorias metaenunciativas propostas por Authier-Revuz.

Graças a essa relação na qual o escopo (ou enunciado-origem) é retomado pela atividade metaenunciativa, percebe-se que,

o estatuto do metadiscorso é sempre assinalado. (...) Vistos em relação ao seu escopo — segmento do discurso por eles referenciado — os operadores de metadiscursividade tendem a se posicionar como prefaciadores, e, portanto, como mecanismos que anunciam antecipadamente, no texto, o valor discursivo do fragmento que eles introduzem. (RISSO; JUBRAN, 1998, p.230-231).

A análise da estrutura formal das atividades metaenunciativas e suas especificidades será melhor desenvolvida no capítulo destinado à análise do *corpus*.

Authier-Revuz (1998), em síntese, por meio das formas de modalidade autonímica que propõe, divide a enunciação em dois territórios: um que é transparente, no qual ocorre o emprego standard das palavras – o território da *coincidência*; outro que a subjaz uma inquietude crítica, que prevê um problema e, em razão disso, não pode deixar a palavra funcionar sozinha – o território da *não-coincidência*. Este segundo território leva à negociação obrigatória dos enunciadores com as *não-coincidências* ou as heterogeneidades que, constitutivamente atravessam o dizer, representando-o então um ponto de *não um* na produção do sentido.

No território das não-coincidências, a autora (1998, p.20-21) elenca as seguintes manifestações:

- a) não-coincidência interlocutiva (entre dois enunciadores);
- b) não-coincidência entre as palavras e as coisas
- c) não-coincidência do discurso consigo mesmo (afetado pela presença em si de outros discursos); e,
- d) não-coincidência das palavras consigo mesmas (afetadas por outros sentidos, outras palavras, jogo da polissemia, etc).

Considerando os propósitos desta pesquisa e que seu *corpus* de análise é constituído por interações faladas, cabe dizer que dessas quatro categorias definidas, duas delas - as da ordem da não-coincidência interlocutiva e as da ordem da não-coincidência entre as palavras e as coisas -, devido à sua natureza, se realizam predominantemente em interações face a face.

3.3.1.1 Não-coincidência interlocutiva

Envolve enunciador e enunciatário, os quais não compartilham de uma palavra, uma maneira de dizer ou um sentido, imediatamente ou de modo algum, o que leva o enunciador a

uma tentativa de conjurar a não-coincidência, isto é, “restaurar um UM de co-enunciação lá onde ele parece ameaçado” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.22), como ocorre em: *x, sei que você não gosta da palavra, mas é isso mesmo...*

Essa forma de metaenunciação ocorre (e pode ser considerada como característica própria) das interações face a face, nas quais “os falantes se vêem constantemente na iminência de terem de negociar suas intervenções na construção do discurso em favor de seus interesses e propósitos comunicacionais” (HILGERT, 2006, p.171). Nesse sentido, as manifestações que se caracterizam pela não-coincidência interlocutiva colocam em evidência a negociação como fator de evolução dos processos interacionais. É o que se pode observar no segmento 11:

Segmento 11:

L2 (então vai vai) ((risos))

L1 agora vamos então vamos distinguir a pergunta de vocês... vocês querem... éh:: o **sentido da pergunta qual é?** crise em que sentido? Econômico social político... ah vocês não podem explicar a pergunta

L2 então va/

[

L1 não ()

L2 vamos por etapa então (HILGERT, 2009, p.15)

No fragmento em destaque, o locutor 1 se reporta ao documentador que havia lhe feito a pergunta inicial, por meio do enunciado “*o sentido da pergunta de vocês qual é?*”. Tal segmento deixa claro que não se trata do conteúdo do diálogo, mas sim se reporta ao ato de dizer, demonstrando a não-coincidência no processo interlocutivo. Percebe-se que o enunciador “estabelece um diálogo com seu interlocutor sobre a propriedade ou a conveniência do que foi ou vai ser inserido na conversação”. (HILGERT, 2006, p.171).

3.3.1.2 Não-coincidência entre as palavras e as coisas.

Esta categoria das não-coincidências refere-se à relação entre as palavras e as coisas, manifestada em glosas as quais “representam as buscas, hesitações, fracassos, sucessos... na produção da ‘palavra exata’, plenamente adequada à coisa” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.83),

como em: *X, melhor dizendo, Y...*

Por intermédio de tais procedimentos o falante se manifesta, quase sempre de forma explícita, afirmando que não lhe ocorre a formulação adequada para aquele ponto da evolução do texto, que está em busca dessa formulação, que possui dúvidas e incertezas quanto à propriedade da denominação escolhida, ou que apresenta soluções aproximativas. Por isso, verifica-se, nessa modalização, uma incompatibilidade entre a palavra e a coisa a ser denominada. (HILGERT, 2006). Os segmentos 12 e 13 apresentam tais manifestações

Segmento 12:

L1 – olha ...eu não sou ninguém pra julgar isso mas eu tenho lido assim VE::ja que procura mais ou menos esclarecer muito ... o o leitor e o consumidor e tudo mais faz mais ou menos a Veja eu acho que é a única revista que tem (uma) preocupação de fazer **assim uma espécie** de defesa do consumidor ... e:: uma época que foi muito badalada essa história de letras de CÂmbio e de:: ações do tesouro e caderneta de poupança eles fizeram um estudo bom mesmo com gente que parece que me pareceu gente boa ... e fizeram ali um quadro demonstrativo que inclusive depois as ... essas agências que têm caderneta de poupança começaram a botar () (HILGERT, 2009, p.111).

Segmento 13:

Inf – olha... nor/ah ah: : em algumas ... cidades... e em: : alguns países têm se estabelecido com esse tipo de pessoal **uma:: espécie assim do que se chama:: mercado de de trocas de trabalho**. (HILGERT, 1997, p.67).

Ao utilizar a expressão “*assim uma espécie de*”, no segmento 12 e “*uma:: espécie assim do que se chama*”, no segmento 13, os enunciadores demonstram que as expressões “defesa do consumidor” e “mercado de trocas de trabalho” são soluções aproximativas da coisa que querem enunciar, configurando uma não-coincidência entre a palavra dita e a coisa a ser representada.

3.3.1.3 Não-coincidência do discurso consigo mesmo

A terceira forma de manifestação é a não-coincidência do discurso consigo mesmo e refere-se à presença estranha de palavras marcadas como pertencentes a outro discurso e que, através de um leque completo de relações com o outro, desenham no discurso o traçado que depende de uma interdiscursividade mostrada, como em: *X, como diz fulano,.... Segundo a*

autora (1998, p.22), é a demarcação linguística que demonstra que “toda palavra que, por se produzir no “meio” do já-dito dos outros discursos, é habitada pelo discurso outro”, fazendo referência ao dialogismo bakhtiniano.

Segundo Hilgert (2006, p.179), “todos esses procedimentos metadiscursivos têm a finalidade de atribuir seu escopo, ou seja, à palavra ou expressão a que se referem uma outra fonte enunciativa”. Ou melhor, como diz Authier-Revuz (2004, p.83), “assinalam, no discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso”. Por meio do segmento 14 é possível analisar a construção no texto conversacional:

Segmento 14:

L1 – ah não comem

L2 – mas **carne de GAtO como se dizia** ((risos)) o gato do vizinho

L1 – não eu vejo pelas serventes lá da escola onde eu trabalho que são:: normalmente mulheres que ganham:: duzentos duzentos e pouco ... têm filhos e filhas que contribuem ... quer dizer rapazes que normalmente trazem um pouco mais que as moças trazem ... e elas ainda têm outros bicos LAVam fazem faxi::na ...e:: ... outras costuram quer dizer é uma série de pequenas atividades **que elas chamam de bico...**(3) e ajudam MUIto e mesmo assim elas só comem não não comem mais feijão não comem mais arroz comem polenta ... elas estavam me dizendo que a senhora não sabe professora mas a polenta ta MUIto bom é o que MAis dá pra gente comer ... (HILGERT, 2009, p.124)

O segmento 14 exemplifica procedimentos metaenunciativos que correspondem a não-coincidência do discurso consigo mesmo. É possível perceber que as duas ocorrências, “*como se dizia*” e “*que elas chamam de bico*”, demarcadas em negrito no segmento, demonstram que o enunciador atribui o seu escopo, o termo a que se refere (respectivamente “carne de gato” e “bico”), a uma outra fonte enunciativa. No dizer da autora “assinalam no discurso a presença de palavras pertencentes a um outro discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.83).

Vale considerar ainda que as ocorrências metaenunciativas, nesses exemplos, ocorrem associadas a outros procedimentos de reformulação da interação falada. A expressão “carne de gato” é amplamente utilizada pelo senso comum como carne de procedência duvidosa. Quando o enunciador diz “como se dizia”, atribui a expressão a um uso comum. O sentido ainda se complementa, quando, após risos, complementa com a expressão “o gato do vizinho”, em tom de brincadeira. Há também uma paráfrase, que é construída para ampliar o sentido de “filhos e filhas que contribuem”, com a construção “quer dizer rapazes que normalmente trazem um pouco mais que as moças trazem”. Há ainda uma nova paráfrase,

para explicar o sentido da palavra “bico”, no entanto associa a um comentário de caráter metaenunciativo, “que elas chamam” atribuindo que essa expressão é utilizada por um determinado grupo para denominar a “série de pequenas atividades”.

Ocorre procedimento semelhante no segmento 15:

Segmento 15:

Inf – Eu tenho a impressão que se para o homem é horrível para a mulher então ia ser muito pior acho que isso é uma profissão que para mulher aí não... já era né? *como se diz na na gíria* não dá eu acho... essas são outras profissões que que fisicamente a mulher não tenha condições de enfrentar não é?

(HILGERT, 1997, p.10)

O destaque no segmento 15 é um comentário de uma passagem do processo de formulação. A expressão “já era”, identificada como gíria e, por isso, destacada como um desvio da variedade linguística padrão, na qual o texto vinha sendo formulado. O enunciador deixa claro que a expressão não faz parte de seu vocabulário, atribuindo-a a outra fonte enunciativa.

3.3.1.4 Não-coincidência das palavras consigo mesmas

A quarta forma de manifestação apontada pela autora é a não-coincidência das palavras consigo mesmas, manifestada em glosas que designam, como uma recusa, ou ao contrário da aceitação dos fatos de polissemia, de homonímia, de trocadilho, etc., como em: *X, em sentido próprio,...*

Esse modo de manifestação pode ocorrer em textos falados, mas não exclusivamente, tendo em vista que sua ocorrência não depende das condições da interação face a face. Por isso elas são “igualmente frequentes em textos falados de baixa intensidade dialogal e também em textos escritos”. (HILGERT, 2006, p.183).

Segmento 16:

Inf. - aliás... foi uma coisa muito interessante... comovente até... nós fomos convidados por um... pelo padre para assistirmos à missa... **nós eu digo a**

equipe... era uma equipe da Secretaria da Saúde que ministrava curso de Educação Sanitária em São Francisco em:: Bom Jesus
(HILGERT, 1997, p.215)

Segmento 17:

Inf. – nós não sabíamos se tinha dinheiro se era filho de pai rico se era filho de... pai pobre... o Lupicínio... o Lupicínio servia cafezinho... o pai dele... era... boy...
naquele tempo não se dizia boy... se dizia se::serVENTe...
(HILGERT, 1997, p.215)

Nos segmentos 16 e 17, as passagens em negrito demonstram enunciados de natureza metaenunciativa, que deixam explícito o caráter heterogêneo dos textos, pois o enunciador profere os termos e, em seguida, se volta para eles para precisar melhor o sentido. Procurando evitar compreensões ambíguas, o enunciador volta-se para o dito, redefinindo-o. Também demonstra a preocupação que o enunciador tem em monitorar a compreensão, sendo que ao redefinir procura que seu locutor entenda exatamente o sentido que propõe.

Nesse contexto, a partir do aporte teórico apresentado pela autora, acredita-se, assim como ela, que tais formas representam linguisticamente a negociação obrigatória de todo enunciador com a existência das não-coincidências que marcam o seu dizer, ou seja, funcionam como marcas nos enunciados de operações realizadas na enunciação, numa tentativa empreendida pelo enunciador de reafirmar o um mediante o reconhecimento do heterogêneo.

De acordo com o exposto em relação à metaenunciação e suas ocorrências, vale considerar que, conforme Hilgert (2006, p.164), “a análise das manifestações metaenunciativas num texto concorre para estabelecer o grau de oralidade desse texto”, pois embora ocorram em textos escritos, é na interação falada, quando processamento e execução são simultâneas, que se tornam mais evidentes. Em decorrência dessa característica, as operações metaenunciativas auxiliam “a distinguir, no *continuum* que vai do texto falado prototípico ao texto escrito prototípico (conforme nomenclatura adotada por MARCUSCHI, 2004), gêneros de textos entre si” (op.cit).

Este capítulo apresentou como o princípio básico de Authier-Revuz, a heterogeneidade constitutiva, “condição de existência do fato enunciativo” (2004, p.175), se revela de maneira explícita por meio da metaenunciação, tanto em textos falados como escritos, bem como as diferentes formas pelas quais a metaenunciação se apresenta, em especial pelo desdobramento do enunciador, como proposto pelas não-coincidências do dizer.

Embora todo o aporte teórico até aqui levantado se refira a toda e qualquer forma de manifestação da língua, é no texto conversacional que a metaenunciação se torna mais clara e

apresenta sua função interacional de negociação de sentidos, de construção da compreensão; por isso, vale considerar que o *corpus* de análise deste trabalho se compõe de textos falados, com características e organização próprias de uma interação face a face. Segundo Hilgert (2006, p.166), embora a heterogeneidade linguística nem sempre possa ser identificada, “com os procedimentos interacionais da construção do texto falado, pode-se admitir (...) que é a interação face a face uma das realizações linguísticas em que esse caráter se manifesta de maneira explícita”.

CAPÍTULO IV

A METAENUNCIATIVIDADE EM INTERAÇÕES FALADAS: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Como dissemos na introdução, o objetivo geral deste trabalho é descrever e analisar os procedimentos metaenunciativos em conversações e, assim, mostrar que esses procedimentos se constituem em estratégias de produção de sentidos e de construção da compreensão entre os interlocutores. Pretende-se alcançar esse objetivo, concretamente, a partir das quatro categorias de atividades metaenunciativas definidas por Authier-Revuz, as quais se identificam, fundamentalmente, por funções metaenunciativas próprias. Esse fato atribui a cada categoria a produção de sentidos específicos, os quais são responsáveis pela construção da compreensão entre os interlocutores no desdobramento das interações. Na busca desse objetivo são também de interesse descritivo aspectos formais das relações metaenunciativas, na medida em que eles concorrem para configurar sentidos e promover a compreensão.

Nesse âmbito, antes de procedermos à análise e à interpretação de nossos dados, identificaremos com breve descrição o *corpus* usado para o trabalho, seguido de considerações que vinculem a natureza desse *corpus* com os propósitos da pesquisa e, ainda, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados.

4.1 IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Como já foi dito, o *corpus* desta pesquisa é constituído por inquéritos²¹, produtos de conversações gravadas e transcritas para o Projeto NURC - Norma Urbana Linguística Culta – cujo objetivo foi o de estabelecer a norma objetiva do Português Falado Culto do Brasil.²² O *corpus* do Projeto NURC é constituído por três tipos de inquéritos (interações): a) *diálogos entre dois informantes (D2)* - situação em que dois informantes conversam entre si, sobre

²¹ Inquérito é a denominação dada às falas que compõem o acervo do projeto NURC- Br.

²² Para ser informante do projeto, o falante teria de satisfazer às seguintes exigências: ser brasileiro; ter formação universitária completa; ser filho de luso-falantes; ter nascido na cidade de registro da gravação da fala; e, finalmente, ser morador desta cidade no mínimo há cinco anos. Reuniram-se os informantes em três grupos, segundo diferentes faixas etárias (de 25 a 35 anos; de 36 a 55 anos e de 56 anos ou mais). (HILGERT, 2009).

temas diversos, na presença de um documentador, que conduz ou, eventualmente, estimula a interação; b) *diálogos entre informante e documentador* (DID) - situação em que o documentador (um pesquisador integrante do projeto NURC) entrevista o informante sobre diferentes temas, e c) *elocuições formais* (EFs) - aulas, palestras, conferências ou manifestações similares, gravadas em espaços institucionais, de Ensino Superior, na década de 1970.

Para esta pesquisa utilizou-se apenas o primeiro tipo dessas interações, os diálogos D2. Nessas interações, há a presença constante da alternância de turnos, situações nas quais é mais recorrente a negociação de sentidos e a construção conjunta da compreensão pelos falantes envolvidos. Também se considera que, dentre os materiais do NURC, os D2 são os inquéritos que mais se aproximam da conversação natural, pelo fato de os interlocutores desenvolverem tópicos de maneira livre, sem a interferência constante do documentador, como ocorre nas entrevistas, e sem a influência da cena interacional das elocuições formais (EFs).

As operações metaenunciativas analisadas foram extraídas de três inquéritos D2, pertencentes ao *corpus* do Projeto NURC/RS, transcritos e publicados por Hilgert (2009)²³: inquéritos 120, 207 e 283. Sua escolha decorreu, depois de uma primeira audição e análise dos sete inquéritos descritos em Hilgert (2009), com base nos seguintes critérios: a) melhor audibilidade da gravação; b) presença, em quantidade e variedade significativa, de atividades metaenunciativas. Juntos os três inquéritos selecionados somam 3 horas e 45 minutos de gravações de fala.

O inquérito 120 tem duração de 70 minutos e foi registrado em abril de 1973. Ambos os informantes são do sexo masculino. O locutor 1 (L1)²⁴ é um homem de 25 anos, professor, formado em Direito e Filosofia; e o locutor 2 (L2), um economista, com formação em Economia e Engenharia.

O inquérito 207 também tem duração de 70 minutos e foi registrado em outubro de 1973. Trata-se de um diálogo entre dois professores: uma mulher (L1), com 26 anos de idade e um homem (L2), de 30 anos de idade.

²³HILGERT, José Gaston. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre dois informantes*. Florianópolis: Insular, 2009. Além dos inquéritos descritos, a obra é acompanhada de CD de áudio, com o qual é possível acompanhar a realização oral do texto.

²⁴Para seguir os critérios metodológicos dos textos descritos pelo projeto NURC, nos segmentos conversacionais utilizados nas análises, se adotarão a seguintes siglas: **L1**, designará Locutor 1; **L2**, locutor 2; e **Doc** o documentador do projeto NURC que conduz e estimula a interação.

Já o inquérito 283, tem duração de 1 hora e 25 minutos, registrado em outubro de 1974. Apresenta a interação verbal entre duas mulheres, sendo uma coordenadora pedagógica (L1), de 27 anos, e a outra, professora (L2), de 26 anos.

4.2. A NATUREZA DO *CORPUS* E OS PROPÓSITOS DA PESQUISA

Pelo visto, o nosso *corpus* é constituído por manifestações linguísticas de natureza conversacional. Esse fato vai atribuir ao objeto de nosso estudo – a metaenunciação como operação que, interativamente, constrói sentidos e define a compreensão – características específicas ou, ao menos, distintas das que ele teria se fosse de outra natureza, como, por exemplo, se fosse constituído por textos escritos. Essa especificidade se deve fundamentalmente ao fato de o enunciado conversacional refletir, em seus mínimos detalhes, os procedimentos que emergem de uma enunciação em que os interlocutores se encontram, aqui e agora, em situação face a face.

Nessa condição, o planejamento do que o falante tem a dizer e a formulação desse dizer ocorrem simultaneamente, fato que confere ao produto da enunciação conversacional – o que neste trabalho chamamos, eventualmente, de “texto” conversacional ou “texto” falado²⁵ – caracterizações particulares. Nele se manifestam os inúmeros procedimentos dos interlocutores, interativamente determinados, na construção de seus enunciados visando à precisão dos sentidos e à garantia da intercompreensão. Como exemplos desses procedimentos, revelam-se hesitações, interrupções, reinícios, repetições, paráfrases, correções e outros, todos visando à melhor configuração de seus enunciados em benefício da intercompreensão e de seus propósitos comunicacionais.

É nesse contexto de otimização dos enunciados, por força das determinações interativas, que se situam as operações metaenunciativas. Elas são inerentes à busca da “melhor” formulação para determinado momento e situação da evolução conversacional; ao trabalho de fixação e precisão dos sentidos das palavras para cada situação e propósito comunicacional; à atribuição de diferentes fontes enunciativas que se mostram na emergência

²⁵ As expressões “texto” falado ou “texto” conversacional, no contexto deste trabalho, representam os registros de conversação que mantêm as características pragmáticas inerentes a uma interação face a face. Nessa acepção, o “texto” falado ou conversacional é entendido como o produto de uma conversação, de uma interação falada. Por isso, mantém-se o termo “texto” entre aspas, para que não se confunda com a noção de texto escrito, que possui outra natureza e características.

dos enunciados; e à necessária negociação de papéis interacionais no desdobramento conversacional. Portanto, as operações metaenunciativas que a seguir vamos analisar e interpretar vêm configuradas em nosso *corpus* pelas características próprias da construção conversacional, no aqui e agora da enunciação face a face.

4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Depois de repetidas e atentas audições dos inquéritos selecionados para a pesquisa, acompanhadas da leitura das transcrições, fizemos o levantamento dos procedimentos metaenunciativos neles encontrados, buscando-se já, na medida do possível, agrupá-los nas quatro formas de atividades metaenunciativas (não-coincidências do dizer) propostas por Authier-Revuz (1998, 2004). É preciso registrar que, no desdobramento da pesquisa, tivemos de voltar, com frequência, aos inquéritos. Em cada retorno desses, descobríamos alguma relação metaenunciativa antes não detectada ou procedíamos a mudanças na distribuição das relações no quadro proposto por Authier-Revuz. É possível, portanto, que alguma atividade metaenunciativa do *corpus* não tenha sido contemplada em nossa análise, o que, para os nossos propósitos, não é relevante, já que não temos interesse específico em dados estatísticos.

Na sequência, damos início à análise das relações metaenunciativas encontradas no *corpus*. Essa análise organiza-se em dois momentos: em primeiro lugar, fizemos um estudo da estrutura geral das atividades metaenunciativas, e, em segundo lugar, voltamo-nos às especificidades dessas atividades, determinadas por cada uma das categorias funcionais propostas por Authier-Revuz.

4.4 ANÁLISE DE PROCEDIMENTOS METAENUNCIATIVOS

4.4.1 Caracterização da estrutura linguístico-discursiva

Para focalizarmos os sentidos produzidos pelas atividades metaenunciativas e a sua pertinência no processo de construção da compreensão no desdobramento das interações,

precisamos primeiramente entender sua estrutura linguístico-discursiva. Sabemos que a operação metaenunciativa é um dizer sobre outro dizer. Esse conceito revela que o enunciado metaenunciativo é *uma* parte de uma relação de dois enunciados: um, o metaenunciativo, e o outro, o enunciado-escopo, ou seja, o enunciado sobre o qual o primeiro incide.

Em outras palavras, a atividade metaenunciativa realiza-se numa relação dicotômica, pois apresenta dois componentes básicos: o enunciado-origem (o escopo) e o enunciado metaenunciativo (a glosa). Denominamos essa relação dicotômica de relação metaenunciativa (RM). Esse caráter pode ser representado pela seguinte fórmula:

$$\text{RM} = \text{Es} + \text{Gl}$$

Na fórmula, portanto, a relação metaenunciativa (RM) se constitui pelo escopo (Es) associado à glosa (Gl). Nos dois exemplos seguintes podemos observar essa relação:

(1)²⁶

L1 – (...) só que essa educação que está sendo oferecida pra eles não os interessa

L2 – é não não

L1 – [eles estão noutra] [**como normalmente eles dizem**] ... mas o que será essa outra deles?

L2 – essa outra é isso que eu te disse eles querem se diplomar ... não importa de que maneira ... sabendo ou não sabendo o importante pra eles é o diploma no fim do curso... isso que é o importante

(HILGERT, 2009, p.83)

(2)

L1 – (...) os caminhos que se entendi::am... caminhos mais adequados para a satisfação das necessidades humanas... satisfação das necessidades não em termos econômicos em termos mais genéricos possíveis... que talvez existam países que na procura no afã de satisfazer... [conglomerados humanos] [**por assim dizer**]... que na tentativa de satisfazer as necessidades humanas permanentes... chegaram a um estágio... eh de desenvolvimento material... bastante:: eleVAdo não é? (...)

(HILGERT, 2009, p.27-28)

Observa-se, no exemplo (1), o enunciado metaenunciativo [*como normalmente eles dizem*] tem como escopo a expressão [*eles estão noutra*]. Pelo segmento metaenunciativo, o enunciador em curso atribui esta última expressão a um outro enunciador, ou seja, o falante

²⁶ As transcrições de texto conversacional pertencentes ao *corpus* em estudo, para melhor visualização e identificação dos procedimentos, serão apresentadas em Fonte 11 e não em Fonte 10, como demais citações longas se apresentam neste trabalho.

L1 não a assume como sendo sua. No caso, esse outro enunciador é identificado pelos jovens. São eles que se valem desse recurso da gíria. Adiante veremos que, na presente relação metaenunciativa, revela-se a *não-coincidência do discurso consigo mesmo*, conforme a categorização de Authier-Revuz.

No exemplo (2) essa relação também se evidencia. A expressão [*conglomerados humanos*] é o escopo para o enunciado metaenunciativo [*por assim dizer*], segmento que deixa explícito que L1 não entende o escopo como a melhor expressão para o que quer representar em seu discurso, revelando uma relação de não-coincidência das palavras com as coisas.

Observemos ainda o exemplo (3)

(3)

DOC - e qual seria a melhor forma ... vocês acham de avaliar o aluno?

L1 - a melhor forma de avaliar um aluno? depende (assim) do objetivo da avaliação... primeiro eu quero saber por que é que tu queres avaliar o aluno ...

DOC - pelas capacidades

L1 - a qualificação? ... então a capacidade o quê? a capacidade intelectual?

DOC - todas

L1 - a planifi/ ... eu acho o seguinte ... que o [processo] ... de aferição da da da da da quali/ da qualificação do aluno de avaliação do aluno ... **[vê bem o conceito que eu utilizei] processo... é um processo... é um processo permanente...** eu duvido que vocês como professores ... vocês avaliem ou venham a avaliar o aluno a partir desses instrumentos desses mecanismos ... ah tradicionais de avaliação...através de uma PROva? (HILGERT, 2009, p.33).

No exemplo (3) o termo [*processo*] é o escopo da operação metaenunciativa sobre o qual incide o segmento [*vê bem o conceito que eu utilizei*]. Por meio dessa operação metaenunciativa o falante chama a atenção do interlocutor para o termo utilizado que é novamente retomado por meio de repetições na sequência do enunciado: [*processo... é um processo...é um processo permanente*]. Percebe-se que L1, ao chamar a atenção ao termo utilizado como escopo, demonstra sua preocupação com que Doc e L2 deem a devida atenção para a acepção do termo no contexto em que se fala de “avaliação”. Trata-se, no caso, de uma não-coincidência interlocutiva.

Como se pode observar nesses três primeiros exemplos, a atividade metaenunciativa é *retrospectiva*, na medida em que incide sobre um escopo antecedente. Nos primeiro e segundo exemplos, o segmento metaenunciativo segue imediatamente adjacente ao escopo. Já no terceiro, há entre ambos um intervalo. O primeiro caso é o mais recorrente e não nos parece

que o uso de um ou outro tenha funções distintas. Eventualmente, o segundo caso pode revelar que o enunciador só se deu conta tardiamente de que, se não houvesse uma intervenção metaenunciativa em relação àquele escopo, poderia surgir, na sequência um problema de compreensão.

Cabe registrar que nem sempre os componentes da relação metaenunciativa apresentam essa ordem de princípio, pois podem se apresentar em ordem inversa, com a glosa seguida do escopo, de acordo com a fórmula a seguir:

$$RM = GI + Es$$

É o que podemos observar nos exemplos (4) e (5):

(4)

L2 - países explorados e países exploradores ((risos))

L1 - é verdade ((risos)) tranquilo... mas existem existem países... éh:: que atingiram um nível de industrialização tal... assim que:: e que detêm aqueles mecanismos pra...pra satisfazer pra dar a a ao homem mais horas [**daquilo que se chama**] [lazer] e que acaba não sendo lazer acaba sendo outra coisa bem diferente... enfim eh... que dá... também que fornece ao homem uma série de... de de coisas também [**que se concei/ se conceituam como... como**] [conforto] que também no fim não são conforto... éh éh... (HILGERT, 2009, p.27)

(5)

L1 - qua/ qualitativamente

L2 - a um regime socialista

L1 - qualitativamente mas não existencialmente né?... [**vamos dizer assim isto**] [formalmente]... mas como nós caracterizamos a classe média como...aquele nível aquela parte de sustentação do status político social econômico etcétera ... a...a... parte de amortização entre a força

L2 - teoricamente é isso

(HILGERT, 2009, p.45)

Em (4) há a presença de dois procedimentos metaenunciativos de mesma estrutura e natureza, que, de certa forma, se complementam na função de monitorar e auxiliar a produção de sentidos pelo interlocutor. No primeiro deles, a glosa [*daquilo que se chama*] antecede o escopo [*lazer*], apontando para uma outra fonte enunciativa, no caso, um enunciador genérico não definido; na segunda manifestação metaenunciativa a glosa [*que se concei/ se conceituam como...como*] antecede o escopo [*conforto*] e também revela a não-coincidência do discurso consigo mesmo.

Já em (5), a glosa [*vamos dizer assim isto*] volta-se para o escopo [*formalmente*], anunciando é uma formulação aproximativa. Em ambos os exemplos, a glosa antecede o escopo na relação metaenunciativa, justificando a fórmula RM= GI + Es.

Assim, a atividade metaenunciativa que ocorre nos exemplos (4) e (5) é prospectiva, na medida em que antecipa um comentário ou explicação para um termo que ainda será proferido adiante, o que mostra que a glosa tem a finalidade de explicitar o ato de construção do enunciado e seu sentido, no aqui e agora da enunciação. A construção do sentido e da compreensão é acompanhada, portanto, pelo interlocutor, o que, de certa forma, é uma garantia de que a comunicação seja levada a bom termo.

Os exemplos de (1) a (5) demonstram que a estrutura da relação metaenunciativa é essencialmente dicotômica, o que a diferencia das atividades de reformulação, utilizadas com frequência na conversação, que possuem uma estrutura tricotômica. Observamos o exemplo abaixo:

(6)

L2 – não é que segundo a a.: lei cinquenta e seis noventa e dois que ... é a organizou ... o nosso nosso ensino atual ... em todo o Brasil a lei federal ... diz que o aluno não deve mais ser reproVAdo ... que ele tem que fazer estudos de recuperação *quer dizer* [não roda] ... [**no sen/ no sentido antigo**] mas ... de qualquer maneira o aluno que não alcanÇAR ... o nível desejado através de estudos de recuperação ... vai ter que repetir o ano não adianta não não há outra situação.

(HILGERT, 2009, p.86)

Em (6), percebemos a existência de uma atividade metaenunciativa introduzida no contexto de uma paráfrase. A relação metaenunciativa tem como escopo a expressão [*não roda*] sobre a qual incide a glosa [*no sentido antigo*]. Trata-se, portanto, de uma relação dicotômica. Essa estrutura distingue-se da estrutura tricotômica das relações de reformulação, como é o caso da paráfrase no segmento: [*diz que o aluno não deve mais ser reproVAdo ... que ele tem que fazer estudos de recuperação quer dizer não roda ... no sen/ no sentido antigo*]. Três componentes destacam-se na estruturação desse segmento: a matriz parafrástica: [*o aluno não deve mais ser reproVAdo ... que ele tem que fazer estudos de recuperação*]; o marcador parafrástico: [*quer dizer*]; e a paráfrase [*não roda ... no sen/ no sentido antigo*].

Duas observações são importantes a propósito dessa referência às atividades de reformulação: a) tanto estas quanto as atividades metaenunciativas têm natureza metadiscursiva, mas somente estas últimas incidem sobre *o dizer* (fato que as caracteriza como um metadiscorso metaenunciativo), enquanto as reformulativas têm como referência *o*

dito, estando ausente, portanto, o caráter metaenunciativo; b) as relações de reformulação têm estrutura tricotômica e as de natureza metaenunciativa têm estrutura dicotômica, o que equivale a dizer que estas últimas não apresentam, em princípio, um marcador que introduz o segmento metaenunciativo (a glosa).

Vale, no entanto, lembrar que, na bibliografia pesquisada, há referências a relações metaenunciativas de estrutura tricotômica, o que corresponde à presença de um marcador que introduz a glosa. Oliveira (2006, p.58) traz a seguinte passagem interacional em que a expressão metaenunciativa é introduzida pelo marcador *aliás*:

Inf. Isso não quer dizer:: de vez em quando vou a uma missa ou outra... mas não assim como à missa dominical... isso ^E[eu não vou nunca...] assisto outras missas... o ^{MG}[aliás] ^G[não vou nunca é força de expressão] quando estou aí fora... quando estava nessa campanha... nessa tarefa da Secretaria de saúde... eu ia mais seguido à missa em Porto Alegre não (p.215).²⁷

No exemplo, fica evidente que a forma *aliás* introduz a expressão metaenunciativa [*não vou nunca é forma de expressão*]. A própria autora indica que não encontrou outras ocorrências no conjunto de dados que analisou em seu trabalho, pois tal “é uma exceção em relação à quase totalidade das ocorrências das glosas, já que aqui a estrutura é tricotômica”. (op.cit). O fato de tal construção ser uma exceção fica comprovado também em nossa pesquisa, na qual não encontramos nenhuma ocorrência de marcador que introduzisse procedimentos metaenunciativos.

Ocorre o *aliás*, mas não nesse contexto, como podemos observar no segmento abaixo:

(7)
L1 espetacular... não eu acho realmente que é uma medida extraordinária... eu acho que::... que es/ está MUIto certo... tudo ótimo viu? inclusive... está perfeito a reforma do ensino foi uma beleza... ela está modificando radicalmente... a estrutura do ensino no Brasil... e:: o vestibular Unificado [**aliás**] eu acho que que é condição... *sine qua non*... ahn... para que... a reforma tenha o seu pleno êxito... éh::... consiga assim a chave... eh que forneça uma chave adequada para aqueles alunos que... que ingressarem... nos aqui/ naquela estrutura curricular né?... eu acho assim uma beleza [**aliás**] nada como tudo em matéria principalmente mesmo porque uma árvore não cresce em bloco... a árvore em proporção a ()... mas... e é isso eu acho que eu acho realmente respondendo a pergunta.

(HILGERT, 2009, p.33)

²⁷ Oliveira (2006) utilizou como *corpus* diálogos entre informante e documentador (DID), pertencentes ao arquivo sonoro do Projeto NURC-RS, material transcrito e publicado em Hilgert (1997).

No segmento (7) há duas ocorrências do termo [aliás] e, em ambas, é um operador argumentativo na medida em que introduz um argumento mais forte em relação aos anteriores. Na primeira ocorrência, L1 defende a reforma de ensino dizendo que foi benéfica e ao tratar do vestibular unificado; com o uso do [aliás] reforça que para ele é uma forma de obter pleno êxito na reforma. Já, na segunda ocorrência, o falante retoma e introduz o argumento reforçando a argumentação proposta.

As glosas podem ser desencadeadas pelo próprio enunciador ou por seu interlocutor, motivadas pelas mais diversas razões. Observemos alguns exemplos para com essa relação:

(8)

L2 foram de carro ... e::... as meninas os guris tudo esperando lá porque:: ... todas as meninas foram pra casa de família... e:: uns doze a treze rapazes também foram pra casa de família ... e os outros ... ficaram ... alojados no próprio ginásio ... a parte superior do ginásio tem um ... alojamento aproximadamente trinta e seis pessoas em forma de [triliche] ...

L1 [triliche] [como é que é?]

L2 três camas né?

L1 uhn uhn

(HILGERT, 2009, p.53)

(9)

L2 (...) não gosto de de gordura e:: ... nem essa [que vai naquela parte branca do salame] [como é?] ... [o o toicinho] ... não gosto daquilo também ... não sou chegado à gordura não sou chegado.

(HILGERT, 2009, p.62)

Em (8) L2 utiliza em sua explicação o vocábulo [triliche] que, mediante a incompreensão do termo por L1, se torna escopo da operação metaenunciativa, à medida que L1 verbaliza a glosa [como é que é?], sendo que nesta percebe-se implícito um verbo *dicendi*, pois equivale à expressão *como é que se diz?*, uma solicitação explícita de auxílio à compreensão. Assim, ocorre uma heterometaenunciação, uma vez que quem desencadeou a relação metaenunciativa, realizando a glosa, foi L1 em relação ao escopo pronunciado por L2.

Já em (9), o falante L1, na busca de um termo preciso, desencadeia uma glosa com a expressão [como é?], que subentende também um verbo *dicendi*, equivalente à expressão [como é que se diz?]. Desse modo, como o próprio locutor realiza uma glosa sobre o seu próprio dizer, há a ocorrência de uma autometaenunciação.

Por fim, cabe considerar que, até este momento, só tratamos de procedimentos metaenunciativos explícitos, ou seja, formalmente expressos. Há, no entanto, casos em que

esse procedimento é implícito. Muitas vezes uma pausa pode indicar e poderia ser perfeitamente preenchida por uma forma metaenunciativa estandardizada. Observemos alguns exemplos:

(10)

L1 eu colocaria talVEZ no que ele faLOU... em termo ... de um mundo... de um mundo típico... em que vivemos... que é o mundo:: [...] da inteligência... que é o mundo em que... elementos com objetivos comuns... ahn ... se unem em torno desse objetivo e procuram colocar o racioNAL... em detrimento... do mundo atípico... que seria aquele particular de cada um...que seria o mundo latente que cada um de nós temos... entende? (HILGERT, 2009, p.22)

(11)

L1 (...) e na medida em que esses alunos se comunicam com vocês e vocês se comunicam com eles... vocês têm um... vocês vão avaliá-lo... para um determinado período em que eles vão estar em contato com vocês ... a soma dessas avaliações me parece que caracterizaria a avaliação final aquele aluno que estaria qualificado... de um pon/ ah de um ponto de vista ... eh em termos... de conteúdo [...] termos de de mecanismos intelectuais ele estaria qualificado a exercer uma atividade ... a se movimentar em um determinado contexto social ... como ... o especialista ou como o generalista ... de um determinado ... setor daquela realidade...a qualificação só se dá a esse nível a verificação ... eh da av/AVAliação do aluno também só se daria ...a esse nível de apreensão da qualificação...considerado genericamente...seria um processo permanente... contínuo ... não é? e que não ... não se serviria de instrumentos rígidos instrumentos estanques ... de forma alguma... (HILGERT, 2009, p.33-34)

No exemplo (10), percebemos que há muitas hesitações, o que denota que L1 realiza o trabalho de seleção lexical na busca de um termo adequado para o que deseja expressar. Em especial, no início do segmento, a pausa existente entre a palavra [*mundo*] e a expressão [*da inteligência*] poderia ser perfeitamente preenchida pelo termo *digamos*, uma vez que, após as repetições da palavra [*mundo*], observa-se que a expressão “*da inteligência*” é uma solução aproximada para o que L1 quer enunciar, até porque ele segue com as explicações acerca do termo [*mundo*]. Desse modo, não há a formulação do termo *digamos* (expressão de caráter metaenunciativo nesse contexto), mas é possivelmente recuperável no contexto da enunciação, denotando a existência de uma ação metaenunciativa implícita.

Em (11) ocorre um procedimento semelhante, na medida em que a pausa destacada poderia perfeitamente ser preenchida por uma expressão metaenunciativa do tipo *digamos assim*, caracterizando, do mesmo modo que no exemplo (10), uma glosa implícita.

Vale ressaltar ainda que a ocorrência de glosas implícitas ainda pode acontecer com o preenchimento de pausas por expressões como [*uma espécie de*] e [*assim*], ambas com a mesma função de apontar para a imprecisão do vocábulo ou expressão usados.

Assim, em relação à estrutura formal da relação metaenunciativa, podemos observar algumas regularidades:

- a) No que respeita à ordem do enunciado metaenunciativo em relação ao escopo, observa-se que não há uma ordem fixa, podendo ora a glosa anteceder seu escopo, ora suceder a ele, o que distingue glosas retrospectivas de glosas prospectivas;
- b) Embora haja casos de procedimentos de glosas implícitas, a quase totalidade dos procedimentos metaenunciativos é explícita, uma vez que a glosa é uma enunciação sobre a enunciação, expressa na evolução da interação muitas vezes com objetivos específicos para um determinado momento dessa interação;
- c) Em relação ao desencadeamento das glosas, percebe-se que tanto o falante quanto o ouvinte podem desencadeá-las, o que vai do ponto de vista da iniciativa da operação metaenunciativa definir dois procedimentos: a autometaenunciação e a heterometeenunciação.

4.4.2 Caracterização funcional das glosas metaenunciativas

Nesta seção, identificaremos em nosso *corpus*, segmentos metaenunciativos correspondentes a cada uma das quatro funções estabelecidas para as não-coincidências do dizer por Auhtier-Revuz (1998). As relações metaenunciativas (as atividades metaenunciativas que incidem sobre seus escopos) serão analisadas sob os seguintes pontos de vista: primeiramente, descreveremos a estrutura formal da relação glosa (segmento metaenunciativo)/escopo para cada uma das categorias funcionais, buscando, particularmente, identificar a posição de cada uma das partes, uma em relação à outra e apontar o caráter auto ou heteroiniciado da expressão metaenunciativa; em segundo lugar, estabeleceremos a relação entre forma (estrutura sintática) e função local da glosa, sempre tendo em mente a função geral de cada uma das não-coincidências. Este último aspecto de nossa análise é particularmente importante porque é dele que emergem os processos de fixação e

modalização de sentidos que assegurarão a compreensão dos enunciados entre os interlocutores.

Conforme expomos no terceiro capítulo, Authier-Revuz (1998; 2004) identifica e discute quatro categorias metaenunciativas, denominadas pela autora como “não-coincidências do dizer”:

- a) não-coincidência interlocutiva;
- b) não-coincidência entre as palavras e as coisas;
- c) não-coincidência do discurso consigo mesmo;
- d) não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Essas quatro categorias definidas pela autora constituem, essencialmente, categorias funcionais, uma vez que cada uma realiza uma função geral no processo de construção dos discursos e, em nosso caso, no processo de construção dos enunciados nas interações. No âmbito de cada função geral, cada operação metaenunciativa vai assumir localmente, no desdobramento da interação, uma função específica, porém sempre configurada pela função geral.

4.4.2.1 A não-coincidência interlocutiva

Como já foi discutido no terceiro capítulo, esta forma de atividade metaenunciativa ocorre quando os falantes negociam suas intervenções na construção do discurso, em favor de seus propósitos comunicacionais. Por isso, ela ocorre particularmente em interações face a face, como é caso dos diálogos D2. Nessa instância, os segmentos metaenunciativos colocam em evidência um dizer em que o falante, voltando-se ao interlocutor, em postura de interação, faz referência à adequação, propriedade, conveniência de algo que acaba de ser dito ou que será dito na sequência. A postura interlocutiva mais ou menos explícita se manifesta em formulações como “se me permite dizer”, “se posso assim falar”, “me permite o termo”, “com o perdão da palavra”, “não sei se isso responde à sua pergunta”. Percebe-se que em todas elas há uma interpelação do interlocutor, que, em tese, poderia tomar o turno e responder “permito/não permito”, “pode/não pode”, “responde/não responde”. Em geral, como se pode observar, essas formulações metaenunciativas são fortemente marcadas por uma postura de cortesia em relação ao interlocutor, salvando a sua face e pondo em risco a face do falante.

Raras vezes a metaenunciação de caráter interlocutivo é direta e não marcada quanto à cortesia.

A principal função desse tipo de operações metaenunciativas é assegurar a compreensão entre os interlocutores, por meio de uma negociação, pois ao ser interlocutiva, é uma atividade essencialmente destinada a estabelecer a interação. Assim a função geral é a de os interlocutores negociarem interativamente, de forma explícita ou não, o seu dizer (ou o seu não dizer).

(12)

L1 acho então que a reforma do ensino et cétera tem lá o resultado de trabalho ()

L2

[
()acon/
[

L1

[eu

não respondo também essa pergunta porque acho que é () uma pergunta que já está sendo respondida praticamente todos os dias não é?]...pela atual estrutura social e econômica que está aí...quer dizer não adianta se fazer teorização...se consTAta as coisas e...e aceita-se como são ou então vai-se...vai-se questionar...a própria estrutura que fundamentou que sedimentou o enunciado dessas proposições ...então... se eu pretendo man/ me manter coerente até o fim desse negócio ... **[então não respondo essa pergunta também a esse nível] ...** acho que ... que o ponto de vista éh éh ...éh...dos veículos que estão sendo utilizados pra consecução dos objetivos propostos pela sociedade brasileira ...

(HILGERT, 2009, p.49)

No exemplo (12), em destaque estão as sequências em que L1 se reporta ao documentador acerca da pergunta feita, a qual é o escopo de ambos os segmentos metaenunciativos em destaque. O falante bem que poderia ser cortês e dizer algo como “me permite não responder também essa pergunta...”. Mas ele é direto, afirmando categoricamente que não responderá à pergunta e alegando as razões para isso. Há, evidentemente, nessa formulação um sentido de descortesia.

Observe-se, nesse exemplo, que o escopo da atividade metaenunciativa do falante é um enunciado do interlocutor, heteroiniciada, portanto, o que não é uma ocorrência comum. Em geral, a ação metaenunciativa do falante tem como escopo um enunciado dele próprio, anterior ou posterior ao evento metaenunciativo. Ou seja, quase sempre a metaenunciação é autoiniciada.

Já, no segmento (13), percebe-se a não-coincidência interlocutiva com outro intuito, conforme segue:

- (13)
 Doc () crises internacionais
 L2 os americanos ((risos))...
 (...)
 L2 (então vai vai) ((risos))
 L1 agora vamos então vamos distinguir *a pergunta de vocês...* vocês querem...
 éh:: **o sentido da pergunta qual é?** crise em que sentido? Econômico social
 político... **ah vocês não podem explicar a pergunta**
 L2 então va/
 [
 L1 não ()
 L2 vamos por etapa então

(HILGERT, 2009, p.15)

No fragmento em destaque, L1, por meio do enunciado [*ah vocês não podem explicar a pergunta*], ao se voltar para o documentador que lhe fez a pergunta inicial, deixa explícito que se reporta ao ato de dizer, à pergunta feita, deixando explícito um pedido de auxílio para construir uma sequência discursiva que venha ao encontro dos interesses do documentador, que seja conveniente à expectativa deste. Com esta inserção L1 tem o propósito de estabelecer “um diálogo com seu interlocutor sobre a propriedade ou a conveniência do que foi ou vai ser inserido na conversação” (HILGERT, 2006, p.171). Na verdade, há uma referência a um dizer anterior dos documentadores que, em princípio, nas entrevistas do projeto NURC, lançavam os assuntos/tópicos, mas não poderiam esclarecê-los com detalhes. Desse modo, há um escopo não explícito (ao menos não neste momento), que se refere ao desenvolvimento do tópico “crises internacionais”.

A não-coincidência interlocutiva, muitas vezes é desencadeada por meio de longas sequências comunicativas, nas quais a formulação pode parecer confusa ou ao menos imprecisa para um dos interlocutores, como é o caso do exemplo, a seguir:

- (14)
 L1 fala... o que que é o trabalhador brasileiro? sinceramente eu gostaria de saber o que
 que vocês entendem por trabalhador brasileiro ()
 DOC poderia falar no operário
 L1 no operário então bom o operário...quais são os problemas do operário? que o
 operário que o operário enfrenta

L2 eu olha aqui ... eu ... só uma coisa ... eu acho que:: existem ... três setores ... dentro de uma economia ... fundamentais é o setor primário ... o setor secundário que o (Hegel) ... falava .. e o setor terciário ... n/ nós temos um um grande acúmulo de gente no setor primário...um...e:: um grande acúmulo de gente no setor terciário ... [o:: o nosso operariado] [que é ... é:: difícil de definir entende::? que operário? o operário tu entenderias aquele operário:: ... ahn que trabalha numa fábrica ou o operário da construção civil? ...]

L1 lato-sensu

L2 é

L1 é Antônio Carlos vamos ficar com um conceito mais CLÁssico de operário

L2 não... é difícil porque...

DOC ()

L1 não tem salário fixo a grande maioria não tem

L2 a grande maioria não tem... o que que é? ... são :: operários da construção civil... não acredito que ganhem salário mínimo na grande maioria

[

L1 não ganham não... ganham pelas pelas

empregadas

L2 e são... e são e são sujeitos que que atendem ao setor terciário que é prestação de serviços que fazem biscates e:: e:: vendem na rua e vendem verdura e:: dão recado e... e o operário do setor primário? que é o quê?... que é o:: ... o agricultor

L1 **[eu preferia transformar essa pergunta no seguinte]**

L2 não sei:: eu acho

L1 não não é o problema do operário brasileiro... eu diria qual é o problema...

L2 ()

[

L1 da mão de obra

L2 é do brasileiro... quais são os problemas do brasileiro (HILGERT, 2009, p.41)

No exemplo (14), o documentador propõe que os falantes falem sobre o operário brasileiro, no entanto, como sua formulação não parece clara para L1 e L2, ambos desenvolvem uma longa sequência para negociar sobre o tema que vão discutir, não chegando a um acordo. O escopo que gera toda essa formulação é o enunciado inicial do documentador [*Poderia falar do operário*]. L1 e L2 tratam de que conceito de operário vão abordar, se referente a “salário”, se referente “ao conceito clássico”, mas não conseguem evoluir no tópico. Percebe-se que os locutores repetem vários termos, fazem pausas e alongamentos, o que demonstra certa hesitação na construção das formulações, até o momento em que L1 deixa explícito que deseja modificar a pergunta, tratando de um foco mais amplo com a expressão [*eu preferia transformar essa pergunta no seguinte*]. Essa atividade metaenunciativa de configuração interlocutiva procura anunciar para o documentador que ele pretende mudar o foco da pergunta, não se detendo ao tema “operário”, mas tratando da mão de obra, do brasileiro de um modo geral.

No exemplo (15), também se observa a existência da não-coincidência interlocutiva, uma vez que L1 se reporta ao dizer do documentador, como pode ser observado:

(15)

L1 a classe média além do Antônio Carlos e eu fazemos parte dela ((risos)) é ela que está no poder não é?... então as... não aí é o processo... também histórico vejam...éh éh que tem importante eu acho muito importante... **éh que nós estamos questionando a vocês são as respostas anteriores aos próprios conceitos com os quais vocês formulam as perguntas** ((risos)) então olha aqui... ah o que nós achamos da classe média brasileira? ora o que nós achamos da classe média brasileira... (...)
(HILGERT, 2009, p.45)

Na sequência discursiva apresentada, L1, ao tratar do que considera ser a classe média, faz uma pausa na informação que desenvolve, para se voltar à interlocução em si, demonstrando que entre as perguntas e as respostas não há uma ordem estabelecida, uma vez que fornece “*respostas anteriores*”, ou seja, dá respostas antes de serem feitas as perguntas. Nesse sentido, a expressão metaenunciativa volta-se a um dizer anterior, julgando que algo está equivocado no ato interacional em execução. Observando-se os aspectos interacionais, pode-se dizer que L1 tenta reestabelecer uma das características da interação falada, que é a de que se espera que o interlocutor “responda a uma pergunta”, ou seja, não é da ordem natural do discurso, primeiro antecipar a resposta e depois fazer a pergunta. Observa-se ainda que, durante todas as formulações que estabelecem a análise sobre o ato do dizer, o fluxo da informação – que tratava da classe média – fica suspenso.

Observem-se os exemplos seguintes, nos quais também ocorrem não-coincidências interlocutivas, embora estas se refiram mais ao processo do que a termos que garantam a interlocução:

(16)

L1 eu... **[permite?]** ... eu concordo contigo integralmente só que eu acho o seguinte... o ensino -- quero deixar bem claro – o ensino pra mim significa simplesmente colocar à disposição das pessoas... dos homens... as chaves de compreensão da realidade...
(HILGERT, 2009, p.31)

(17)

L1 mas vê bem... ah:: **[se o Antônio Carlos me permite colocar?]** ele coloca e o que me parece MUIto importante na colocação dele é o seguinte... é de que existe um mecanismo... existe um arcabouço social... de TAL forma

[

L2 completamente fechado
 L1 estratificado... de tal forma...
 [()
 L2
 L1 que impEde... que a MAssa... que estraÇAlha que esmigalha... mas... que elide TOdo e qualquer sentido... toda e qualquer conotação do huMAno... entende? o huMAno está sendo... destruído... o homem enquanto homem está sendo destruído... o homem não se dá conta... e é:: esta a característica social que o Antônio Carlos... colocou muito bem numa das variáveis... aque/daquela linha de pensamento que eu estava... tentando mostrar... é que::... é que que o homem criou um condicionamento... uma estrutura tal... que:: que tem por objetivo a sustentação de valores de alguns homens... e:: e esta sustentação valorativa...válida...
 (HILGERT, 2009, p.23-24)

(18)
 DOC. bom... e::... [os ginásios orientados para o trabalho? (o que vocês acham?)]
 L1 **[eu prefiro não responder a pergunta]**
 L2 **[eu vou ter que dizer um palavrão e vai ficar chato ((risos)) ...]**
 DOC. bom... e vocês acham que o vestibular unificado avalia melhor os alunos?
 ((risos)) (HILGERT, 2009, p.32)

(19)
 L1 (...) mas... **[eu eu enveredei exatamente para esse tipo de argumentação porque::... éh:: a tentativa não foi de originalidade]...** mas é porque já é bastante desgastada... já estÃO bastante desgastadas... estas... estas explicações... ess/ essas colocações de caráter econômico político né?... (HILGERT, 2009, p.22)

Nos quatro exemplos citados acima, a atividade metaenunciativa está relacionada a uma expressão dita pelo próprio falante, mas que se refere ao processo de interação com seu interlocutor. No exemplo (16) o falante pede permissão a seu interlocutor, com a expressão **[permite]**. A natureza dessa atividade é interlocutiva, o que se torna explícito no próprio ato de L1 pedir permissão para L2, interromper o tópico e deixar claro seu posicionamento. Revela ainda que há um processo interativo no desencadear do discurso. O mesmo ocorre em (17), quando L1, em uma atitude comunicacional que indica cortesia, utiliza a glosa **[se o Antônio Carlos me permite colocar?]**, reportando seu dizer diretamente para o falante L2, chamando-o pelo nome e, em especial, solicitando a permissão para assumir o turno conversacional, com o intuito de reiterar algo que julgou importante no discurso de seu interlocutor. Nesses dois exemplos percebe-se, em geral, existe a cortesia na interação, ou seja “ou cortesia definida como princípio da interação, uma cortesia constitutiva do diálogo em curso” (HILGERT, 2008, p.141).

No exemplo (18), o documentador lança uma pergunta “[o que vocês acham) do ginásio orientado?]” Os interlocutores L1 e L2 se recusam a continuar a respondê-la, deixando explícita sua negação quanto à continuidade deste tópico no processo interlocutivo. L2 faz essa recusa afirmando que teria que **[dizer um palavrão e vai ficar chato]**, demonstrando estar atento ao contexto discursivo em que está inserido. Essa não-coincidência interlocutiva não apenas se refere ao processo de interação, mas também refuta a continuidade do diálogo sobre o tópico proposto. Nesse exemplo há um aviso, um anúncio para o interlocutor e neste ato reside o caráter metaenunciativo, uma vez que é um dizer para o outro sobre o dizer dele mesmo. O falante toma uma posição perante o seu dizer.

Já, no exemplo (19), o falante trata da maneira como conduziu o tópico discursivo proposto pelo documentador **[eu enveredei exatamente para esse tipo de argumentação porque:... éh:: a tentativa não foi de originalidade]**. O termo “enveredei” anuncia que o falante realizou uma escolha sobre que tópico discursivo tratar na interação, apontando que o processo interlocutivo não é definido apenas pela pergunta feita pelo documentador, mas que o falante, nas suas escolhas, também dá rumos ao tópico discursivo em desenvolvimento.

Nos exemplos (16), (17), (18) e (19), todos tem a função de estabelecer relação com a condução do tópico, atrelado à função geral da não-coincidência interlocutiva, mas é possível identificar que em cada um dos casos há funções específicas (locais), que esses segmentos metaenunciativos realizam. No primeiro e segundo casos (16 e 17) o caráter interlocutivo da atividade metaenunciativa se explicita no pedido de permissão; no terceiro exemplo (18), esse mesmo caráter interlocutivo se explicita no ato de negar resposta ao outro, dizer que se nega a dizer algo sobre; e, no quarto exemplo (19), o caráter interlocutivo se revela no anúncio para o outro de certo modo de dizer, em uma justificativa para o interlocutor acerca do desencadear do tópico. Desses exemplos, destaca-se que a inserção da atividade metaenunciativa sempre envolve um dizer para o outro relacionado ao processo interlocutivo.

Vale destacar que no *corpus* analisado, as ocorrências de atividades metaenunciativas de natureza interlocutiva foram encontradas apenas em um dos inquéritos, no qual os dois falantes, em muitas situações, se voltavam para as questões interacionais, procurando estabelecer sentidos para a conversação.

Das análises observadas nas ocorrências, percebe-se que a não-coincidência interlocutiva pode assumir as seguintes funções:

- a) garantir as condições de interação e compreensão entre os interlocutores;

- b) estabelecer um diálogo com seu interlocutor quanto ao sentido da pergunta/colocação feita;
- c) prevenir equívocos à ordem interacional, à alternância de turnos, na sequência de perguntas e respostas;
- d) chamar a atenção para expressões utilizadas na resposta a seu interlocutor;
- e) refutar o processo interacional, negando-se a discorrer sobre determinado tópico discursivo;
- f) anunciar ao interlocutor a delimitação do tópico discursivo segundo sua escolha ou o uso de determinados termos.
- g) pedir permissão para tomar o turno no desencadear de uma interação.

4.4.2.2 A não - coincidência entre as palavras e as coisas

Nesta categoria, o falante se manifesta linguisticamente, em geral de modo explícito, alertando a seu interlocutor que não lhe ocorre a formulação mais adequada para dar expressão ao que quer dizer, que procura essa formulação ou que tem dúvidas e incertezas quanto à denominação escolhida. A função principal desta categoria é demonstrar a busca de termos adequados aos propósitos comunicacionais. As sequências em que se tem como escopo um termo, ou a busca de uma palavra, explicitam a construção de sentido no momento da formulação dos enunciados, esperando que o interlocutor compreenda o discurso do falante. Muitas vezes tais procedimentos metaenunciativos se preocupam em deixar claro que a solução encontrada pelo falante é aproximativa, que não é o termo que quer empregar, mas, que pela falta de outro, é utilizado.

Nesta categoria metaenunciativa é importante destacar que, nesse processo de busca da denominação apropriada, o falante mostra-se atento à construção de seu texto, sempre determinado por seu interlocutor, a quem precisa assegurar a compreensão de seu enunciado. Depreende-se desse fato que a construção da compreensão é um processo interativo, ou seja, envolve ambos os interlocutores.

Dessa forma, os segmentos metaenunciativos que compõem essa modalização, mobilizam os interlocutores em torno da presença de uma incompatibilidade entre a palavra utilizada e “a coisa” a ser denominada, como se pode observar no exemplo a seguir.

(20)

L2 - (...) a musculatura começa a ficar um pouco flácida... mas aí não retorna nunca... sem exercício... o músculo é:: ... [**como é que vou dizer pra vocês? é uma::**] [*um eLÁStico*]...em uma fibra elástica... quanto mais tu trabalhares mais ela s/ela se distende né? Se pegar essas borrachinhas de dinheiro... – **que o nome técnico é atílio e ninguém diz...** – conforme tu vais indo ela arrebenta claro... fibra muscular é isso (...)
(HILGERT, 2009, p.67)

No exemplo (20), L2 mostra, na passagem [**como é que vou dizer pra vocês? é uma::**], que está em busca de um termo que se aproxime do que pretende enunciar, um termo mais preciso, que assegure a compreensão a seu interlocutor. Trata-se de um caso não-coincidência entre as palavras e as coisas. Por meio da referida passagem, tem-se a impressão de que L2 está pedindo auxílio a seu interlocutor, na busca de um termo adequado, que ele encontra ao final do percurso metaenunciativo na denominação “eLÁStico”. O escopo da expressão metaenunciativa é, portanto, a palavra “eLÁStico”, que só se evidencia no discurso, depois de uma sequência formulativa destinada à busca dessa denominação.

Todo esse processo de identificação-definição lexical visa à construção da compreensão entre os interlocutores vem, na sequência, reafirmado na caracterização de uma fibra elástica (*quanto mais tu trabalhares mais ela s/ela se distende né?*) e na exemplificação de uma delas: as (*borrachinhas de dinheiro...*). O falante fecha esse percurso de busca da compreensão atribuindo às borrachinhas de dinheiro um nome específico (*atílio*). Trata-se, neste último caso, de uma outra formulação metaenunciativa, que revela uma não-coincidência do discurso consigo mesmo, conforme veremos adiante.

Cabe ainda destacar, ao final do segmento em análise, a expressão: *fibra muscular é isso*. Trata-se de um fechamento explícito de todo o desdobramento discursivo anterior, destinado a explicar ao interlocutor o que é a elasticidade muscular. De certa forma, nesse fechamento, L2 se dá por satisfeito com o processo discursivo desenvolvido para assegurar a compreensão do que tentou explicar.

No exemplo (21), o falante pede colaboração de seu interlocutor para encontrar o termo que procura:

(21)

L2(...) não gosto de de gordura e:: ... nem essa [**que vai naquela parte branca do salame como é?**] [*... o o toicinho*] ... não gosto daquilo também ... não sou chegado à gordura não sou chegado (207, p.62)

No exemplo, percebe-se que a sequência [**que vai naquela parte branca do salame**] refere-se a um tipo de gordura de cujo nome o falante não se lembra. Desse modo, mesmo que a sequência não apresente um verbo *dicendi*, o marcador [**como é?**] revela um pedido de auxílio ao interlocutor, apontando, portanto, para uma busca explícita da denominação precisa. Esse [**como é?**] poderia ser traduzido por expressões constituídas com formas *dicendi* do tipo “como se chama?”, “como é o nome daquilo?”, “como se diz?”, entre outras.

Funcionalmente, nesta categoria percebe-se que o falante desenvolve sequências buscando o termo mais adequado, mas, em muitas situações, não encontra a palavra certa, precisa. No entanto, no processo de construção de sentido, mesmo que a “coisa” a ser denominada não consiga ser expressa por um termo específico, o falante consegue definir o sentido do que quer dizer e, assim, assegurar a compreensão a seu interlocutor.

Assim, nas operações metaenunciativas pertencentes a esta categoria, o falante, ao dar início à sua formulação, projeta, de certa forma, um campo semântico que vai sendo configurado passo a passo. Ocorrem sucessivas tentativas de reformulação (no caso, repetições) e até mesmo pedidos de ajuda explícitos, estendendo-se uma longa negociação até que o termo ou expressão adequados sejam definidos, como se pode observar no exemplo (22):

(22)

DOC - De que forma vocês acham por exemplo que o enSI no... que hoje estão tão decaído... pode justamente levar as pessoas a uma aceitação ou não... DE condicionamentos ou possibilidades de opção?

L1 - eu acho que **essa pesquisa** é... **esta pesquisa** é tremendamente significativa... **essa pesquisa**... [vocês estão buscando **o quê?** O **padrão MÉ::dio**... de **comunicação?**

DOC - é

L1 - **da língua?**

DOC - é

L1 vocês estão buscando o **padrão médio** não é?

DOC - é::

L1 - olha eu me propus a fazer a pesquisa me propus a responder a pesquisa... Exatamente pra tente/ pra tentar colocar durante a pesquisa ainda que vocês não levam () ... a vocês não interessa o conteúdo ... Mas pelo menos pra colocar aqui o meu protesto nessa busca d/ ((risos)) **do padrão médio... de comunicação?** por quê?

DOC - é **o padrão culto** né?

L1 - **padrão culto que seja**... A nível de cultura por quê? Por que buscar?... Pra mim não... Acho que não tem ne-nhum sentido ne-nhum sentido... Posso estar chocando vocês....

(HILGERT, 2009, p.28-29)

A longa sequência desenvolvida no exemplo (22) apresenta a busca por uma denominação adequada, na qual, inicialmente, L1 retoma o que chama de “*pesquisa*”. No primeiro turno de L1, este recorre à repetição da expressão “*essa pesquisa*”, mas não chega a bom termo em sua busca lexical. Nesse momento, então, pede colaboração de seu interlocutor – o documentador, neste caso - por meio da expressão metaenunciativa “*vocês estão buscando o quê?*”.

A partir de então, o fluxo da informação passa a ser interrompido pelos procedimentos metaenunciativos que se voltam à definição do termo que denomina o objeto de pesquisa dos documentadores do Projeto NURC. Há um compartilhamento dos falantes na busca, na seleção do termo mais adequado. Vários são os termos utilizados pelos falantes para darem nome a esse objeto de pesquisa. Quando a denominação finalmente parece estar definida (*padrão médio de comunicação*) o documentador intervém, na sequência, dizendo que, na verdade, esse objeto seria o “*padrão culto*”. Suspende-se então o fechamento do processo de busca da denominação, mas L1 não mais retoma a negociação. Simplesmente acata a última proposta denominativa do documentador.

Em toda a sequência, o tópico discursivo proposto inicialmente pelo documentador (o ensino) é deixado de lado e as manifestações procuram resolver esse problema de compreensão, que é a definição do termo que traduz o objetivo do trabalho dos documentadores do Projeto NURC. Para L1 [*padrão culto*] é uma solução aproximativa, talvez não atendendo especificamente ao termo que esperava definir. No entanto, o que é preciso observar é que toda a sequência conversacional desenvolvida, embora suspenda o fluxo da informação, é importante para a construção do sentido na enunciação, pois os diferentes acréscimos que são atribuídos ao enunciado auxiliam na interação entre L1 e documentador sobre a delimitação de seu tópico discursivo.

No exemplo a seguir, novamente a atividade metaenunciativa serve para deixar explícito que o termo utilizado é uma solução aproximativa e pode não ser o mais adequado para a compreensão dos interlocutores.

(23)

L1 – olha ...eu não sou ninguém pra julgar isso mas eu tenho lido assim VE::ja que procura mais ou menos esclarecer muito ... o o leitor e o consumidor e tudo mais faz mais ou menos a Veja eu acho que é a única revista que tem (uma) preocupação de fazer [**assim uma espécie de**] [**defesa do consumidor**] ... e:: uma época que foi muito badalada essa história de letras de CÂmbio e de:: ações do tesouro e caderneta de poupança eles fizeram um estudo bom mesmo com gente que parece que me pareceu gente boa ... e fizeram ali um quadro demonstrativo que inclusive depois as ...(...)

(HILGERT, 2009, p.111)

No exemplo (23), a atividade metaenunciativa [*assim uma espécie de*] demonstra que, para o enunciador que profere a expressão “defesa do consumidor”, que é o escopo da operação metaenunciativa, é uma solução aproximativa da “coisa” que quer enunciar. Não há uma equivalência total entre a palavra dita e a “coisa” a ser expressa na enunciação, configurando uma não-coincidência entre a palavra e a coisa. A metaenunciação é prospectiva em relação a seu escopo, uma vez que antecede o termo sobre o qual incide.

No *corpus* analisado nesta pesquisa é recorrente a utilização de expressões estandardizadas para expressar essa imprecisão denominativa, como é possível observar nos exemplos a seguir:

(24)

L2 é ao meio dia eu almoço ... também:: ... não sou [**assim**] [de exigir muitas qualidades de comida] ... entende?... um arroz um feijão um pedaço de carne seria suficiente ... ou um arroz ... e um:: guisadinho ... ou MAssa e não precisa ter arroz feijão massa ervilha não ... nem bife carne assada bolinho não ... uma qualidade assim ... pequena eu gosto de pouca quali/ ... quantidade de comida ... tá? e também pouca qualidade assim () ... de tarde aqui tem o nosso tradicional cafezinho (HILGERT, 2009, p.58)

(25)

L1 quando vive no no interior porque perde a oportunidade de se aperfeiçoar:: e de fazer cursos e de participar de congressos ... começa a levar uma uma vidinha [**assim**] [muito rotineira] né? e ele tem que fazer de TUDO ... não pode se especializar...
(HILGERT, 2009, p.126)

(26)

L1 é importante na medida em que ... bem mas então se se ... imagina um indivíduo nessas condições éh a carga que ele deve suportar ... além das dificuldades próprias da ... da sua missão ... ele ... carrega mais ele carrega um desnível um desequilíbrio a nível ... [psicossomático] [**por assim dizer**] ... eu acho que deve trazer necessariamente um desequilíbrio ...
(HILGERT, 2009, p.38-39)

O uso de expressões estandardizadas pode ocorrer de diferentes formas, com apenas um vocábulo ou mesmo com a associação de dois ou três deles, na dimensão de uma expressão. No exemplo (24) utiliza-se apenas a palavra [*assim*], que assume função metaenunciativa, demarcando a imprecisão denominativa da subsequente formulação [*de exigir muitas qualidades de comida*], que é seu escopo. Em (25), novamente [*assim*] funciona

como forma metaenunciativa ao se referir ao escopo [*muito rotineira*], determinando que se trata de uma formulação aproximativa. Nesse exemplo e em outros similares fica evidente o caráter de “palavras incertas” que Authier-Revuz (1998) confere às formulações metaenunciativas.

Já em (26), utiliza-se a expressão metaenunciativa [*por assim dizer*], que sucede o seu escopo [*psicossomático*]. Este termo, com base na sinalização metaenunciativa da expressão que o antecede, não corresponde à denominação exata da “coisa”. L1 deixa a demarcação explícita em seu discurso, fazendo com que um interlocutor atento perceba que o termo assume certa vaguidade semântica e, por isso, representa uma solução aproximativa do que efetivamente quer dizer.

Ressaltando a presença das expressões estandardizadas nesta categoria da não-coincidência entre as palavras e as coisas, duas expressões, quantitativamente, merecem destaque no *corpus* analisado: *vamos dizer* e *digamos assim*. Mesmo com funções muito similares em relação aos efeitos de sentido que produzem na construção da conversação e no desenvolvimento das sequências discursivas, trataremos de cada uma delas.

Várias são as ocorrências em que a expressão metaenunciativa [*vamos dizer*] ocorre nos inquéritos analisados nesta pesquisa, conforme mostram os exemplos a seguir:

(27)

L2 (...) eu:: te diria o seguinte... principalmente a higiene corporal é importante para nós... não só a parte interna... [**vamos dizer::**] [o corpo em si] como:: a própria roupa que a gente usa... pra isso é que nós...obrigamos os alunos a::... manterem...esse nosso fardamento de educação física RÍgido...desde o tênis até a camiseta... (...)
(HILGERT, 2009, p.50)

(28)

L2 (...) já:: o problema de da digestão vai ser tremendo... e... em mesmo o homem comum... precisa de no mínimo duas horas... de intervalo entre uma refeição e uma atividade física... para que seja feita a digestão e se for uma comida [**vamos dizer...**] ((ruídos)) [mais pesada que o churrasco o mocotó:: ... carne de po::rco...] então precisaria três horas no mínimo... de intervalo pruma atividade física... (...)
(HILGERT, 2009, p.57).

(29)

... se:: (se) foi foram condicionados a... a permanecer naquele tipo de::... [eh de padrão... material de vida] [**vamos dizer**]... porque eu acho o seguinte... se fizeram por opção... se trilharam esses caminhos por opção... ótimo... estão re/ estão se realizando... nós temos um exemplo... bem característico né? a China comunista está aí...
(HILGERT, 2009, p.28)

No exemplo (27), a expressão [*vamos dizer::*] tem como escopo a sequência [*o corpo em si*], definindo, juntamente com o segmento anterior “*não só a parte interna*”, o que o falante entende por higiene corporal. O falante lança mão da operação metaenunciativa para sinalizar que a formulação “*o corpo em si*” é a expressão mais próxima para definir o sentido de “*parte interna*” e, assim, distinguir esta parte da outra, que seria, então, a “*parte externa*”.

No exemplo (28), a expressão [**vamos dizer**] tem como escopo a sequência [*mais pesada que o churrasco o mocotó:: ... carne de po::rco...*] e aponta que esta é uma comparação *possível* mas não a única. Portanto, a expressão metaenunciativa em análise mantém a sua função de indicar uma certa imprecisão formal.

Já em (29), a expressão metaenunciativa [**vamos dizer**] incide sobre o escopo [*padrão material de vida*], solução aproximativa para o falante.

Nos exemplos citados, percebe-se que quanto à estrutura formal, a expressão [*vamos dizer*] aparece, em geral, antecedendo seu escopo (como figura nos exemplos 27 e 28). No entanto, há ocorrências em que [*vamos dizer*] surge na sequência do seu escopo (como em 29). Essa posição diferente da expressão metaenunciativa em relação a seu escopo parece não distinguir nela funções distintas.

Vale ressaltar que dentre os recursos metaenunciativos encontrados no *corpus* da pesquisa, o [*vamos dizer*] é o que aparece com mais frequência e com função regular, como mostram mais alguns exemplos:

(30)

L2 ah o problema é que tem que se ter ... um:: número xis de calorias que deve-se ingerir ... diariamente pra manter uma dieta ... está? então [**vamos dizer**] [na ordem de três mil ... calorias] ... e o doce tem ... certo ... grau de caloria assim ... então ele deve ser enquadrado numa dieta de acordo ... e não aquele que vai e come uma ... compota de um quilo de pêssego ... depois ele aparece mas como? eu não como nada em compensação ele comeu aquilo entende? ... então éh essa dieta deve ser dosada ... (p.66-67)

(31)

DOC. e vocês acham que em geral as pessoas respeitam os defeitos físicos ... dos outros?...

L2 em geral eu acho que não ... em geral não ... defeito físico às vezes é:: motivo de muita:: ... muita gozação viu? ... eu particularmente não tenho [**vamos dizer**] [esse problema] porque a gente ... inclusive na escola:: ... o nosso um dos exames finais da escola foi dar aulas pros cegos de natação né? ... (207, p.71)

(32)

L2 eu gostaria de ter uma casa assim ... se fosse num:: num [**vamos dizer**] [num terreno elevado] entende? ... por cima duma garagem em baixo ... mas a casa numa parte superior ... pra ter um ar de superioridade dos outros ... ((risos)) e o prédio está lá em cima ... né? (207, p.76)

(33)

L2 é o que não uma casa eu acho bacana uma casa num plano elevado viu? falando sério agora ... garagem em baixo ... [**vamos dizer assim**] mas [uma ... casa num plano elevado] ... e outra coisa que eu acho conforto... é peças amplas ... eu preferia então uma casa (em que) ... em vez de quinze peças... que tivesse oito ... mas oito aonde tu ... sentes o ar lá dentro da casa porque:: ... (207, p.76)

(34)

L2 (...) questão de vestiário aqui eu acho o gaúcho um... eu digo a média não a alta sociedade claro que a alta sociedade [**vamos dizer**] [carioca paulista] e ... financeiro ... o status deles a média é maior né? ... (HILGERT, 2009, p.68)

(35)

L2 () o dinheiro dizem que o dinheiro não traz felicidade admito a felicidade ... [**vamos dizer**] [da pessoa] entende? ... assim ... eu sinceramente eu sou feliz mesmo à beça né? (HILGERT, 2009, p.80)

(36)

L2 (...) mas é uma xícara ... e e meia ou duas provavelmente ... talvez ... iria tal/[**vamos dize::r**] ... [metade de um quarto de quilo de pão ou um pouquinho mais] ou então se for aqueles pãezinhos ... pequeninhos ... um e meio ... (HILGERT, 2009, p.58)

(37)

(...)

L1 qualitativamente mas não existencialmente né? ... [**vamos dizer assim**] isto [formalmente]... mas como nós caracterizamos a classe média como...aquele nível aquela parte de sustentação do status político social econômico et cétera... a... parte de amortização entre a força

L2 teoricamente é isso

(HILGERT, 2009, p.45)

Percebe-se a regularidade da ordem $Rm = Gl + Es$ nos exemplos (30), (31), (32), (33), (34) e (35), com a expressão [**vamos dizer**] antecedendo o escopo e com função principal de antecipar que será utilizado um termo impreciso, vago, aproximado. Assim, a expressão [na ordem de três mil calorias], em (30), aponta que não é exata, é uma quantia aproximada que estima o falante; e (31), [esse problema] não é a palavra mais adequada, mas é a solução encontrada pelo falante para retomar a expressão “defeitos físicos”.

Em (36), todo o segmento de fala correspondente ao escopo mostra que o falante tenta verbalizar uma quantia aproximada. Na ausência da formulação precisa, após várias reformulações, o escopo continua sendo uma expressão que denota uma medida vaga: [metade de um quarto de quilo de pão ou um pouquinho mais]. A glosa [**vamos dizer**], de certo modo, anuncia que há uma imprecisão, uma não concordância entre o que se quer mostrar, uma medida exata, e as palavras utilizadas para isso.

No exemplo (37), em “*vamos dizer assim isto formalmente*”, [**vamos dizer**] tem como escopo o termo [formalmente], solução que tenta substituir “qualitativamente” que, por sua vez, não tinha sido também satisfatória para os propósitos comunicacionais de L1. Nesse segmento, a expressão [**vamos dizer**] é associada ao marcador [assim], o que reforça a intenção do falante em apontar para uma solução não satisfatória na relação entre as palavras e as coisas.

Por meio da série de exemplos analisados é possível constatar que o marcador metaenunciativo [**vamos dizer**] aparece com certa frequência no *corpus* analisado, na categoria da não-coincidência entre as palavras e as coisas. Sua principal função é sinalizar a imprecisão do termo sobre o qual incide, ou seja, ele representa uma solução aproximativa no trabalho de busca da formulação apropriada.

Dos inquéritos analisados, observa-se que o falante L2, do inquérito 207, utiliza com muita frequência o marcador metaenunciativo [**vamos dizer**], o que denota o caráter *on line* do texto, quando processamento e verbalização ocorrem simultaneamente, o que deixa o trabalho de seleção lexical explícito no desdobramento da enunciação.

Outras formas metaenunciativas recorrentes são [digamos] e [assim], com frequência associadas em uma única expressão [digamos assim]. Isoladas ou assim associadas, elas também demarcam a imprecisão do termo ou expressão que identifica o escopo.

Observemos alguns exemplos:

(38)

DOC. éh o que que vocês acham dessa tendência atual da: [**digamos assim**] ...[escolas técnicas] quer dizer levar mais para o ensino levar mais para o lado técnico e não só do humanismo?

L1 mediador?

(HILGERT, 2009, p.34)

(39)

L2 aquele aluno que [**digamos assim**] ... que [aquele aluno que não conseguiu ãhn uma média xis] pra passar então vai fazer um trabalhinho e com essa mé/ com esse trabalhinho vai alcançar a média xis daquele exame que ele precisa (...)

(HILGERT, 2009, p.86)

(40)

L1 a força verdadeira de trabalho e a parte de pensamento elocubrações e... e:: manifestações posições et cétera... então me parece o seguinte... aí então é a mesma... pro resto do mundo está com os mesmo problemas... eh:: sente-se porque (se) concentrando nas grandes metrópoles sente também os problemas a nível máximo... [**digamos**] [a nível mundial]... agora... do ponto de vista existencial formal... é bastante diferente... (...).

(HILGERT, 2009, p.45)

No exemplo (38), observa-se o uso da expressão metaenunciativa [**digamos assim**] que tem como escopo [escolas técnicas]. Ao anteceder seu escopo, a glosa anuncia para o interlocutor que a expressão seguinte é imprecisa, uma vez que aponta para apenas uma das muitas formas que poderiam representar “a coisa a ser dita, mostrando que “escolas técnicas” é uma das possibilidades, um dos exemplos que podem ser usados quando se trata da tendência atual da educação.

No exemplo (39) a glosa [**digamos assim**] anuncia a imprecisão do seu escopo, a expressão [aquele aluno que não conseguiu ãhn uma média xis]. Nessa expressão, está explícita uma possibilidade de formulação, talvez não a mais precisa, mas uma que exemplifica o propósito de formulação do falante. As marcas do processo de seleção lexical também ficam explícitas no referido exemplo, evidenciadas pela dúvida [ãhn] e pelo uso de um termo genérico [média xis].

Em (40), o termo [**digamos**] também aponta para a imprecisão da expressão que segue [a nível mundial], que é seu escopo. A relação metaenunciativa estabelecida demarca que [nível mundial] é uma solução próxima encontrada pelo falante L1.

Nos exemplos (41) e (42) também ocorre uma forma de não-coincidência entre as palavras e as coisas, por meio de uma manifestação explícita de pedido de auxílio ao interlocutor para encontrar o termo necessário.

(41)

L2 nós precisamos de lareira aqui...

L1 ah é lareira...

L2 uhn uhn

L1 e que mais? Uma cozinha com...

L2 a/ ar condicionado

L1 ahn::

L2 ()

L1 **como é o nome daquilo?**

L2 exaustor?

L1 exaustor... e:: bom o pátio nem se fala né? supergrande...

(HILGERT, 2009, p.76)

(42)

L2 como é:: [**como é o nome do paisinho aquele?**]... [Angola] ... Angola né? tem quinze ... tem quinze:: ... quinze? Quinze quinze pessoas com diploma universitário ... mas eu acho que nós tentamos sair disso ... ((risos)) agora de que maneira eu não sei viu? a maneira está aí (HILGERT, 2009,p.91)

Em (41), após serem enumerados termos de um mesmo campo semântico (lareira, ar condicionado), elementos relacionados a condições agradáveis de temperatura para um ambiente, L1 solicita auxílio, por meio do recurso metaenunciativo [*como é o nome daquilo?*], para encontrar a denominação própria de mais um elemento da aparelhagem de uma casa que gostaria de mencionar. L2, prontamente, lhe traz a solução denominativa: “exaustor”. A solução é acatada por L1 que a assume para seu discurso e continua o tópico discursivo que desenvolvia. Percebe-se que a solução encontrada também pertence ao campo semântico que abordavam, mostrando que L2 é um falante atento ao desdobramento da interlocução de que participa. O mesmo ocorre em (42), quando L2 pede explicitamente auxílio aos interlocutores; no entanto, em seguida, ele mesmo insere o termo no enunciado, antes que alguém lhe desse a sugestão. É como se o fato de verbalizar sua dúvida por meio da glosa [**como é o nome do paisinho aquele?**] o auxiliasse a encontrar o termo desejado.

Percebe-se, por meio dos exemplos (41) e (42), que a busca do termo apropriado é feita de maneira colaborativa e, uma vez encontrada a solução denominativa, que se processou de forma interativa, os interlocutores voltam a dar andamento ao tópico que desenvolviam. Na verdade, a sinalização metaenunciativa de busca de denominação adequada ou precisa instala, nesses dois exemplos, um problema de compreensão que precisa ser imediatamente sanado para que o andamento da interação não seja interrompido.

No exemplo (43) ocorre algo semelhante aos dois últimos exemplos analisados, quando o interlocutor aponta um problema de compreensão quanto ao termo utilizado:

(43)

L2 (...) a parte superior do ginásio tem um ... alojamento aproximadamente trinta e seis pessoas em forma de triliche ...

L1 [triliche] [**como é que é?**]

L2 três camas né?

L1 uhn uhn (P.53)

O falante L2, ao caracterizar o espaço do alojamento, utiliza-se do termo [triliche]. L1 o interrompe, utilizando-se da expressão metaenunciativa [**como é que é?**], que tem como

escopo [triliche]. Por meio dessa operação metaenunciativa, L1 solicita a seu interlocutor que esclareça o termo utilizado, para dar sequência ao tópico sobre o qual conversavam. O interlocutor L2, por sua vez, prontamente traz a definição do termo “triliche”: “três camas”, acatado por L1 que acena entender com a expressão “uhn uhn”. Trata-se de uma heterometaenunciação, uma vez que foi desencadeada pelo outro e não pelo próprio falante, como observado na maioria dos exemplos desta categoria. A sinalização metaenunciativa instala no discurso a necessidade de L2 esclarecer o termo para que o interlocutor L1 compreendesse sobre qual era o objeto a que se referia.

Vejamos um último exemplo desta categoria da não-coincidência entre as palavras e as coisas:

(44)

L1 mas essas pesquisas que estão sendo feitas agora ou pelo menos agora estão chegando os resultados ... é de que a criança criada com repreen/ com:: uma certa repreensão e com um certo cuiDAo no no ... [**um ... certo assim**] [**exa/ exagero**] **não mas [uma certa assim]** [**moderação**] em exigências inclusive em nível pessoal ... (...) (HILGERT, 2009, p.89)

Em (44) as expressões [**um certo assim**] e [**uma certa assim**] funcionam como glosas, isto é, são expressões metaenunciativas. O “assim” associado a [um certo] e a [uma certa], reforça o sentido de imprecisão dos termos utilizados como escopo, respectivamente [exagero] e [moderação].

Das análises feitas, percebe-se que a não-coincidência entre as palavras e as coisas, evidenciada nas diferentes formas apresentadas, revela importantes características do processo de construção da conversa:

- a) com muita frequência, não ocorrem de imediato aos falantes as palavras com as quais querem dizer as “coisas”;
- b) esse fato leva-os a inserir na evolução da conversa o próprio trabalho de busca dessas palavras;
- c) esse trabalho é, muitas vezes, explicitamente interativo, na medida em que o falante solicita ao interlocutor ajuda na busca do termo apropriado;
- d) nem sempre o trabalho de busca do termo adequado ou desejado é bem sucedido;
- e) em razão dessa última possibilidade, encontram-se nos enunciados conversacionais muitas formulações metaenunciativas que apontam para a solução denominativa por meio de um termo aproximado;

- f) esse caso e até mesmo a situação extrema em que nem uma solução aproximativa é encontrada não implica necessariamente um problema de compreensão que afete a continuidade da interação, pois o conjunto do desdobramento conversacional assegura assim mesmo a intercompreensão;
- g) em todos esses casos em que os falantes perseguem o objetivo de um dizer apropriado para o que querem ou precisam dizer manifesta-se, em alguma perspectiva, a construção interativa dos sentidos na conversa e, portanto, a busca de compreensão mútua;
- h) a não-coincidência entre as palavras e as coisas na construção do discurso impõe, na evolução da conversa, a constante negociação nas escolhas lexicais e a correspondente definição dos sentidos;
- i) enfim, no conjunto, as operações metaenunciativas que analisamos neste tópico mostram que a conversa é efetivamente uma construção interativa feita aqui e agora a partir do momento em que os interlocutores desencadeiam a interação.

4.4.2.3 A não-coincidência do discurso consigo mesmo.

Os procedimentos metaenunciativos que representam a categoria da não-coincidência do discurso consigo mesmo procuram atribuir seu escopo (palavra ou expressão a que se referem) a uma outra fonte enunciativa, na medida em que, segundo Authier-Revuz (2004, p.83), “assinalam, no discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso”. Esse procedimento metaenunciativo é, talvez, o que mais evidencia a heterogeneidade da linguagem, uma vez que a não-coincidência do discurso consigo mesmo “é concebida como constitutiva tendo como referência o dialogismo bakhtiniano (considerando que toda *palavra*, por se produzir em “meio” ao já dito de outros discursos, é habitada por um discurso outro) [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.193 – grifos da autora).

Dentre os efeitos de sentido possibilitados por essa modalização, a preservação da face do enunciador, por meio da designação de uma outra fonte enunciativa, é o que se observa na maioria das ocorrências encontradas no *corpus* em estudo. O efeito de sentido de preservação de face do falante ocorre à medida que ele demonstra linguisticamente que as palavras ou expressões utilizadas não são suas, mantendo-as “à distância” em sua enunciação, ou no dizer da autora “permitindo especificar os *tipos de fronteiras* entre si e o outro, através

das quais um discurso produz em si mesmo, por diferença, uma imagem de si” (op. cit., p.193 – grifos da autora).

Os exemplos a seguir demonstram esses aspectos, como se pode observar:

(45)

L1 – ah não comem

L2 – mas [carne de Gato] **[como se dizia]** ((risos)) o gato do vizinho

L1 – não eu vejo pelas serventes lá da escola onde eu trabalho que são:: normalmente mulheres que ganham:: duzentos duzentos e pouco ... têm filhos e filhas que contribuem ... quer dizer rapazes que normalmente trazem um pouco mais que as moças trazem ... e elas ainda têm outros bicos LAVam fazem faxi::na ...e:: ... outras costumam quer dizer é uma série de pequenas atividades **[que elas chamam de]** [bico]... e ajudam MUIto e mesmo assim elas só comem não não comem mais feijão não comem mais arroz comem polenta ... elas estavam me dizendo que a senhora não sabe professora mas a polenta ta MUIto bom é o que MAis dá pra gente comer ...

(HILGERT, 2009, p.124)

No exemplo (45), há a ocorrência de dois procedimentos metaenunciativos com as características aqui apontadas da não-coincidência do discurso consigo mesmo. O primeiro, **[como se dizia]**, tem como escopo a expressão [*carne de gato*]. Já, o segundo procedimento, **[que elas chamam]**, incide sobre o escopo [bico]. Nas duas ocorrências existentes na passagem conversacional (45), há as seguintes regularidades:

a) nas expressões metaenunciativas há a presença de um verbo *dicendi*, diz e chamar, respectivamente;

b) os escopos [carne de gato] e [bico] são formas da linguagem popular, não condizentes com um discurso formal culto;

c) com a relação metaenunciativa, o enunciador atribui o escopo a uma outra fonte enunciativa, estabelecendo fronteiras entre o seu discurso de falante culto e um discurso outro, representado por termos de um outro nível de linguagem.

Nas duas ocorrências existentes no segmento de fala analisado, fica explícito que há a presença de um outro discurso no interior do discurso enunciado, o que caracteriza a não-coincidência do discurso consigo mesmo.

Variações dessa forma de atividade metaenunciativa acontecem nos exemplos (46), (47) e (48), a seguir transcritos.

(46)

L2 bom eu sou [magro e talvez de sem-vergonha] está? [**Como dizem na gíria**] porque:: não é que eu seja bom de prato mas eu como muito seguido... eu de manhã... eu tomo café de copo mas é um cafezinho legal... (...)

(HILGERT, 2009, p.58)

(47)

L1 (...) só que essa essa educação que está sendo oferecida pra eles não os interessa

L2 é não não

[

L1 eles estão [noutra] [**como normalmente eles dizem**]... mas o que será essa outra deles?

L2 essa outra é isso que eu te disse eles querem se diplomar... não importa de que maneira ...sabendo ou não sabendo o importante para eles é o diploma no fim de curso ... isso que é o importante

(HILGERT, 2009, p.83)

(48)

L1 pêlo de carneiro de vison paguei seiscentos cruzeiros ... eu acho aqui eu não

L2 pêlo todo pêlo de carneiro eu comprei lá paguei ... quatrocentos cruzeiros ... baratíssimo eu achei comprei um de:: ... como é o nome daquele bicho? ... um que uma pelezinha toda toda toda ela é crespinha

L1 [carapinha] [**eles chamam**]

L2 nã/ eu não sei como é que é eu não sei ... com gola e a barra conseguia esse casaco por esse preço ... (...)

(HILGERT, 2009, p.117)

No exemplo (46), o escopo da atividade metaenunciativa é uma construção de senso comum implícita no texto [*magro (...) de sem-vergonha*], que vem seguida da glosa [**como se diz na gíria**], denotando que tal expressão de senso comum é um discurso alheio ao interlocutor, um falante culto da língua portuguesa. Tal ação é eficaz no discurso, uma vez que, no desdobramento da interação, fica clara a intenção de demarcar esse discurso como sendo de outro enunciador, preservando a face de L2 de possíveis equívocos de interpretação quanto ao seu domínio da norma culta da língua.

Já, no exemplo (47), o escopo que desencadeia a operação metaenunciativa é o termo “*noutra*”, gíria geralmente relacionada aos que utilizam um linguajar jovem. Por meio da glosa [**como eles dizem**], o enunciador atribui a expressão a um outro enunciador (eles). “*Eles*”, nesta interação e no contexto do diálogo desencadeado no inquérito a que pertencem, refere-se aos jovens alunos em oposição a um “*nós*” implícito, designando a instância social do falante (professor).

No exemplo (48), L1 e L2 desenvolvem o tópico sobre roupas, quando L2 solicita auxílio ao interlocutor L1 para denominar um termo, apontando que não consegue defini-lo: [como é o nome daquele bicho?] (glosa que figura na categoria da não-coincidência entre as

palavras e as coisas, já abordada). Tal auxílio é prontamente dado no turno seguinte por L1: [carapinha **eles chamam**]. L1 deixa explícito no discurso que o termo [carapinha] é proveniente de um discurso que não é seu, que é atribuído a “eles” indefinido, por meio da glosa [**eles chamam**]. O propósito de L1 é auxiliar seu interlocutor a dar continuidade ao tópico, ao mesmo tempo em que procura preservar a sua face, apontando que o termo por ele proposto não é seu, mas de uso popular corrente. Estabelece, assim, uma fronteira entre o seu discurso e o discurso do outro.

Nos quatro exemplos relatados até aqui, percebe-se a regularidade na estrutura formal da operação metaenunciativa (Rm= Es + Gl), pois a glosa vem imediatamente depois do seu escopo (com exceção da segunda ocorrência do exemplo 44). Também a sua função em todas as ocorrências parece ser recorrente, na medida em que nelas se revela, ao menos implicitamente, o propósito de preservar a face do enunciador.

Percebe-se que as glosas que são inseridas no discurso indicam uma mudança de registro, mostrando que L1 procura se preservar de avaliações desfavoráveis a seu desempenho de “falante culto da língua”, evitando que os interlocutores (no caso L2 e o documentador) entendam que aquele é um modo de expressão seu. Essa visível estratégia de preservação da face reflete o jogo das relações interpessoais em um evento comunicativo de língua falada (RISSO; JUBRAN, 1998).

No exemplo (49) há uma não-coincidência do discurso consigo mesmo, mas de origem interlinguística (entre duas línguas diferentes), como se pode observar abaixo:

(49)

L2 (...) ... então eu pedi eles começaram a substituir ou... a escolha chá... [o te] [**como eles chamam**] ... ou o café preto... e:: o pão... era mu-mu deles lá ... aquele ... leite como é::?... tipo mu-mu ... como é? leite?

L1 doce de leite

L2 doce de leite ou chimia né?(207, p.63)

Em (49), L2, no decorrer de sua fala, relata situações ocorridas em uma viagem de estudos a outro país (Uruguai). Depois de usar o termo [chá] faz menção ao vocábulo em espanhol [te], que passa a ser o escopo da expressão metaenunciativa [**como eles chamam**]. Com isso, L2 deixa claro que o termo “té” não é de seu discurso e que seu uso foi para exemplificar o que relatava (costumes de alimentação do povo uruguaio). Com essa construção, previne possíveis equívocos de compreensão e, ao mesmo tempo, aponta que a forma “té” é proveniente de outro discurso [**eles chamam**], no caso o discurso dos hispanofalantes. A glosa não aponta apenas para um discurso outro, mas também para a

demarcação da tradução do termo, dando, dessa forma, uma contextualização melhor do tópico em desenvolvimento.

Desse modo observa-se que nas ocorrências em que há procedimentos que revelam não-coincidências do discurso consigo mesmo, é possível “especificar os tipos de fronteiras entre si e o outro, através das quais um discurso produz em si mesmo, por diferença, uma imagem de si” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.193).

No exemplo 50 e 51, a expressão metaenunciativa acaba por delimitar o sentido do termo que é seu escopo:

(50)

L1 é ((risos)) ele é padre ... ele é padre ...nós discutimos seguido (esse caso)...eu acho o seguinte ...vamos fazer uma distinção ... eu gosto sempre ... de colocar bem os termos da::da pergunta ... celi/...o que nós achamos o que nós achamos do celibato clerical? posso entender de duas maneiras...celibato clerical obrigatório ... ou [celibato clerical ... lato-sensu] [**genericamente falando**] ... o celibato clerical obrigatório ... como é para ... algumas igrejas ... éh:: não me parece algo... olha...não me parece algo civilizado ... me parece algo assim ...

DOC. extremamente

L1 fora do contexto...não tem sentido nenhum nem eu acho que nem vale a pena ...se quiserem a gente pode discutir pode (). (HILGERT, 2009, p.37)

(51)

L1 (...) éh muitas vezes eu vejo minha esposa por exemplo pega os alunos... éh em formação em pessoal naquela fase terRível naquela fase de definições... cruciais verticais...ali:: e em outros aspectos os conteúdos que vocês ministrarem... ou que o [ensino] quiser [**aquilo que se tradicionalmente chama pelo... chamar como ensino**]...quiser colocar na cabeça daquelas pessoas... não tem o meNOR sentido não tem o meNOR sentido... por isso que eu sou absolutamente aidealógico...

(HILGERT, 2009, p.30)

Em (50), ao utilizar a expressão [celibato clerical lato sensu], o falante L1 realiza a glosa, [**genericamente falando**]. Por meio dela, mostra que o termo utilizado deve ser entendido a partir do contexto sobre o qual tratam, o contexto religioso, bem como que a expressão celibato clerical não é de seu discurso, mas sim, constitui-se em um termo genérico, comumente usado quando se trata das relações de casamento de religiosos.

Já, em (51), a glosa [**aquilo que se tradicionalmente chama pelo... chamar como ensino**] incide sobre o termo [ensino]. Nessa ocorrência percebe-se que o falante pretende chamar atenção para a conotação dada ao termo ensino no discurso popular. E quando diz “aquilo que se tradicionalmente chama como ensino” pretende que se entenda esse discurso como sendo a forma com que o senso comum reconhece o termo “ensino”. Fica implícito na atividade metaenunciativa que o que a maioria das pessoas entende como ensino, não é,

necessariamente, o que o termo ensino representa para ele, o falante, por isso faz essa restrição em seu discurso.

Em ambos os exemplos, a atividade metaenunciativa incide sobre o termo, que de certo modo, é mantido “distanciado” do discurso do locutor, mostrando a fronteira entre o que é seu discurso é o que é discurso provindo de outras fontes enunciativas.

Nos exemplos apresentados até aqui para a categoria das não-coincidências do discurso consigo mesmo, percebeu-se a regularidade da relação metaenunciativa, com escopo seguido de glosa (Rm= Es+ Gl), bem como a presença do verbo *dicendi* na constituição da glosa. No entanto, há ocorrências em que a atividade metaenunciativa não se utiliza explicitamente de um verbo *dicendi*. É o que ocorre no exemplo (52):

(52)

L1 – não é que segundo a a:: lei cinqüenta e seis noventa e dois que ... é a organizou ... o nosso nosso ensino atual ... em todo o Brasil a lei federal ... diz que o aluno não deve mais ser reproVAdo ... que ele tem que fazer estudos de recuperação quer dizer não [roda] ...[**no sen/ no sentido antigo**] mas ... de qualquer maneira o aluno que não alcanÇAR ... o nível desejado através de estudos de recuperação ... vai ter que repetir o ano não adianta não não há outra situação (HILGERT, 2009, p.86)

No exemplo (52), percebe-se que o termo [roda] é o escopo da expressão [**no sentido antigo**]. Tal construção assume que, antigamente, o termo “rodar” possuía a conotação de repetir o ano escolar, sendo que nessa interação é retomado esse sentido, associado à ideia de reprovação, assunto de que trata o falante. Também fica explícito que esse discurso é proveniente de uma outra fonte enunciativa, de uma outra época.

Em resumo, nesta categoria da não-coincidência do discurso consigo mesmo, fica demarcada linguisticamente, por meio das glosas do enunciador, a presença de outra fonte enunciativa. No dizer de Authier-Revuz (1998, p.193), tais ocorrências assinalam “a presença estrangeira de palavras marcadas como pertencendo a um outro discurso, um discurso desenha nele mesmo o traçado – relacionado a uma ‘interdiscursividade representada’- de uma fronteira interior/exterior”.

Das análises feitas, percebe-se que a não-coincidência do discurso consigo mesmo, apresentada nas diferentes formas de glosas, aponta para algumas regularidades e revela algumas funções específicas no processo de construção da conversa:

- a) a glosa geralmente é desencadeada por um escopo que o falante não assume como seu discurso;

- b) a atividade metaenunciativa funciona como uma “delimitação de fronteiras” entre o discurso do enunciador e o de outra fonte enunciativa que por aquele é trazido para o plano da enunciado;
- c) a principal função das glosas desta categoria é preservar a face do falante frente a seu interlocutor, atribuindo o termo ou expressão utilizada (escopo) a outra fonte enunciativa;
- d) a presença de um verbo *dicendi* (dizer, chamar, falar) aparece, na maioria das ocorrências, sendo a glosa uma espécie de comentário sobre o escopo, que fica suspenso no fluxo da informação do tópico que os falantes desenvolvem na conversa;
- e) as diferentes formações discursivas que contribuem para a formação discursiva do enunciador muitas vezes se exteriorizam por meio das glosas desta categoria, deixando evidenciado que o discurso é tecido por discursos outros, trazendo a heterogeneidade para o plano do enunciado.

No *corpus* analisado, não houve muitas operações metaenunciativas do tipo aqui em foco. As que ocorreram mostram falantes atentos, no desdobramento da interação, à preservação de sua face. É preciso acrescentar que o trabalho de demarcar fronteiras entre diferentes fontes enunciativas concorre para a clareza do enunciado e, portanto, para a compreensão dele, na medida em que explicita a autoria das diferentes vozes participantes de sua construção.

4.4.2.4 A não-coincidência das palavras consigo mesmas

As palavras da língua, enquanto não usadas em situações concretas de enunciação, caracterizam-se por sua amplitude e vaguidade semânticas. Como afirma Bakhtin (2003), a palavra da língua pode ser *neutra* e não pertencente a ninguém, ou pode ser *minha palavra*, quando usada em uma situação determinada, com uma intenção discursiva, assumindo sentidos específicos. Entre a palavra em seu sentido dicionarizado e a palavra no discurso, há uma gama de sentidos e significados que podem ser estabelecidos, mas que só se concretizam no uso efetivo, na enunciação.

Assim, cada palavra em determinada situação de uso, numa conversa, precisa ter o seu sentido definido e fixado para essa situação. Quando esse processo de fixação do sentido é formalmente explicitado no desdobramento da interação, revela-se a operação metaenunciativa aqui em foco, que se mostra nesse constante trabalho do enunciador em encontrar para a palavra da língua o sentido exigido para o instante de seu uso.

Os fatores que determinam a necessidade de fixar os sentidos das palavras são diversos: ora o objetivo é tirar-lhes o caráter polissêmico, desfazendo equívocos causados pela polissemia ou, paradoxalmente, imprimir a elas polissemia por alguma razão; ora busca valorizar a homonímia, ou negá-la; ora o sujeito visa identificar, restringir ou ampliar o sentido de um termo (seja para levá-lo do geral ao específico, ou do específico para o geral); ora atribui às palavras sentidos especiais (metafóricos, técnicos, etc.). De modo geral, essa operação metaenunciativa visa, de alguma perspectiva, a fixar o sentido das palavras para o momento e o contexto da interação. É o que se pode observar nos exemplos (53) e (54):

(53)

L1 de FORma alguma o que ele tenta antes de mais nada é uma compatibilização entre entre a realidade eh política né? e a sua realidade pessoal individual... sem dúvida nenhuma... esta anestesia se projetou até esse nível... então o que eu acho é o seguinte o que eu acho é o seguinte... éh particularmente... **[em termos...em termos bastante particulares mesmo... éh eu diria que::... a única coisa que::que nos resta é::... mantermos aquilo que eu chamo]** [a consciência íntegra]... entende? vamos ter que nós estamos vivendo há um manifestação fenomenológica que... que é irredutível não pode ser não pode ser... questionada ela está aí... e:: então vamos conviver não é? vamos conviver (HILGERT, 2009, p.26)

(54)

L1 são... concordo contigo... há há nós verificamos podemos constatar a existência permanente de crises

L2 sim

L1 sim **[mas o que eu digo é o seguinte... é que::... eu acho que quando s/ se conceitua por exemplo quando vocês perguntaram sobre]** [A crise...] este conceito é o universal não é?... vocês estão afirmando o universal... enquanto que eu a/ eu acho que a crise é sempre sempre particularizada... é sempre particular...só... só podemos dizer há crise só podemos dizer há crise... quando ela eclode...a partir de uma determinada tensão... [uma tensão] que...**[vê bem... a:: vê bem que eu coloco...]** eh a dificuldade de interação... no meu ponto de vista... o homem só tem sentido na medida em que ele se entende... que ele:: que ele se torna... em que ele consegue compatibilizar um e outro... de tal forma... que esta compatibi/compatibilização seja a sua própria recriação... sua própria reconstrução a sua afirmação enquanto o humano... então ... o que eu acredito... é/é que:: sempre que sempre aconteceu... em última análise o que sempre acontece... é:: uma dificuldade de... interação... uma dificuldade de busca uma dificuldade de... eh de reconstrução uma dificuldade de se dizer este humano...de dizer o humano desta forma... (HILGERT, 2009, p.19-20)

Em (53) percebe-se que, com a atividade metaenunciativa [**em termos...em termos bastante particulares mesmo... eu diria que::... a única coisa que::que nos resta é::... mantermos aquilo que eu chamo**] [a consciência íntegra], o falante L1 realiza um trabalho de especificação de um sentido, deixando explícito que é o sentido que ele, enquanto sujeito da enunciação, atribui à palavra [consciência íntegra], que assume um sentido particularizado quando o enunciador declara “sua palavra”, “seu entendimento”.

Já em (54), a glosa [**mas o que eu digo é o seguinte... é que::... eu acho que quando s/ se conceitua por exemplo quando vocês perguntaram sobre**] anuncia que o falante tem intenção de fixar o sentido da palavra-escopo [crise], que para ele ainda não está especificado, pois pode assumir diferentes sentidos na interação que desenvolvem. De certo modo, o falante L1 recusa outras acepções que o termo crise pode assumir, os quais podem divergir com o sentido unicizante que ele propõe para o termo. Não satisfeito com a formulação, no prosseguir de seu turno, ainda realiza outra glosa - [**vê bem... a:: vê bem que eu coloco...**] - com o mesmo objetivo de fixar o sentido de um termo por ele utilizado, que incide sobre o escopo [*uma tensão*]. No longo segmento de fala descrito, L1 ainda se utiliza de várias repetições, que buscam reforçar o sentido dos termos utilizados por ele em sua argumentação, visando fixar sentidos e conduzir a compreensão de L2.

Por meio desses exemplos iniciais, é possível identificar, como já exposto no terceiro capítulo, que esta categoria de não-coincidências representa uma forma de manifestação que geralmente ocorre em textos falados, embora sua ocorrência não dependa das condições da interação face a face, podendo surgir também em textos escritos.

Vejamos outros exemplos em que a fixação de sentido é feita por meio das atividades metaenunciativas:

- (55)
 Doc () crises internacionais
 L2 os americanos ((risos))...
 (...)
 L2 (então vai vai) ((risos))
 L1 agora vamos então vamos distinguir a pergunta de vocês... vocês querem... éh:: [**o sentido da pergunta qual é? crise em que sentido?**] Econômico social político...
 ah vocês não podem explicar a pergunta
 L2 então va/
 [
 L1 não ()
 L2 vamos por etapa então (HILGERT, 2009, p.15)

Em (55), o segmento metaenunciativo [**o sentido da pergunta qual é? crise em que sentido?**] também revela uma não-coincidência das palavras consigo mesmas, uma vez que visa a fixar a pergunta, ou, mais explicitamente, o sentido da palavra [crise]. Percebe-se ainda que, embora não se utilize de um verbo *dicendi*, como as ocorrências analisadas até aqui nesta categoria, e interpele explicitamente o interlocutor sobre o sentido da pergunta, esta não-coincidência visa à fixação de sentido mais restrito para a palavra [crise] e não uma negociação interlocutiva entre os falantes.

Já, em (56), L1 realiza uma atividade metaenunciativa por meio de uma inserção, como é possível observar na transcrição do segmento, entre hifens:

(56)
L1 eu... permite? ... eu concordo contigo integralmente só que eu acho o seguinte... o [ensino] – [**quero deixar bem claro – o ensino pra mim significa simplesmente colocar à disposição das pessoas... dos homens... as chaves de compreensão da realidade...**]
(HILGERT,2009, p.31)

No segmento 56, tem-se uma não-coincidência das palavras consigo mesmas pois a glosa [**quero deixar bem claro – o ensino pra mim significa simplesmente colocar à disposição das pessoas... dos homens... as chaves de compreensão da realidade...**] trata-se de uma fixação do sentido que incide sobre o termo [ensino]. O falante, depois de pedir permissão interlocutiva (ocorrência já analisada), interrompe o fluxo de informação de sua resposta, com um comentário inserido, voltando diretamente para seu interlocutor, procurando monitorar sua interpretação em relação ao termo utilizado. A expressão metaenunciativa poderia ser substituída por algo como “quero deixar bem preciso/ bem definido” ou expressão similar, uma vez que todo o segmento em destaque apresenta a reformulação de sentido proposta por ele para o termo [ensino].

Nos exemplos (55) e (56) percebe-se um formato de glosa que, segundo Authier-Revuz (1998, p.33), apresenta “a especificação exclusivamente positiva do sentido X”, que, para a autora, é a forma majoritariamente utilizada para a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Vale ressaltar, no entanto, que nas ocorrências analisadas nesta pesquisa, observou-se em quantidade numericamente maior o que a autora chama de “glosas na forma dupla”, as quais “acrescentam o conteúdo negativo ao conteúdo positivo da especificação de um sentido

p, **X no sentido de p e não no sentido de q**, constituindo, assim, uma figura de fixação “máxima” do “jogo” do sentido”. (AUHTIER-REVUZ, 1998, p.33- grifos da autora).

Para analisar tal relação, observemos o exemplo (57):

(57)

DOC. e vocês acham que existe alguma [relação] entre ter muito dinheiro e ter bom gosto?...

(...)

L1- não faz nada, não sabem nem o que fazer do dinheiro...

L2 – é que não tem bom gosto

L1 – não tem bom gosto

L2 – [**eu não digo relação eu diria o seguinte...**] que o dinheiro... pode proporcionar o bom gosto entende?

L1 – claro tu tendo dinheiro tu pode comprar

L2 – claro... pode montar o que tu quiser

L1 – montar o que tu quiser...

L2 – () o dinheiro dizem que o dinheiro não traz felicidade admito a felicidade... vamos dizer da pessoa entende?... assim... eu sinceramente eu sou feliz à beça né? Não tendo não me preocupo com nada... (...) (HILGERT, 2009, p.80)

No exemplo 57, percebe-se a presença de um procedimento metaenunciativo que refuta o dizer anterior. No segundo turno de L2, ele aponta para uma não-coincidência das palavras consigo mesmas quando utiliza a glosa [**eu não digo relação eu diria o seguinte**], com a qual desconsidera o termo sugerido pelo documentador [relação], que é o escopo da atividade metaenunciativa. Com a glosa, nega o já-dito e propõem um sentido diferente: [o dinheiro pode proporcionar o bom gosto]. A palavra [proporcionar] assume o caráter de prover, sustentar o bom gosto, ou seja, o falante L2 nega o termo “relação”, mas afirma que o dinheiro pode prover o bom gosto.

No segmento, o que se observa é que há uma negação do termo, com proposição de colocar outro em seu lugar, o que representa uma das formas dessa categoria que, pontualmente, demonstra o encontro dos enunciadores com o “equivoco que joga em suas palavras” (AUHTIER-REVUZ, 1998, p.95).

Ocorrências semelhantes que contribuem para refutar um termo, para apontar o equivoco que joga nas palavras, ou mesmo para redefinir os sentidos que os falantes atribuem a seus enunciados ocorrem nos segmentos a seguir:

(58)

L1 (..) eu...éh:: deixando de lado aquelas brincadeiras eu diria que ... a reforma do ensino... o vestibular unificado... são ABsolutamente [válidas] tendo em vista o contexto social ... que isso produziu e os objetivos a que ela se propõe...()

L2 [**eu eu não diria que elas:: se fossem válidas... mas talvez necessárias ...**] agora... se a validade... dos critérios adotados... realmente...

L1 é porque tu achas que existe o valor eu acho... eu entendo que a reforma do ensino... seja algo necessário

L2 não certo eu entendo

(HILGERT, 2009, p.36)

(59)

L1 (...) ... coitado né? Depois de... de um ano... ((risos)) vamos supor... éh:: imagina o nível a tensão emocional o nível... a pressão que ele sofre que ele deve sofrer a nível individual né? ((risos)) tendo em vista a sua a [sua não realização eh como homem...]
[eu não falo eh eu não falo não não não falo em aventuras... eh esporádicas com mulheres] et cétera isso aí não não entendo o celibato no sentido de desconstituição ou melhor...a impossibilidade de se constituir um lar... um Núcleo familiar estável independente de que seja ele oficializado ou não... né? Mas a possibilidade de:: um homem e uma mulher...companheiramente...construírem em conjunto... os seus ideais e suas vidas

(HILGERT, 2009, p.38)

Nos exemplos (58) e (59), percebe-se que há a presença de um verbo *dicendi* nas expressões em destaque (*diria* e *falo*, respectivamente), o que caracteriza a maioria das ocorrências desse tipo de procedimento metaenunciativo. O fato de apresentar um verbo de dizer em sua construção revela o seu caráter de voltar-se para o termo que está na superfície de seu enunciado, negando-o, fixando seu sentido, entre outras especificidades. Fica evidente que o segmento volta-se para o próprio dizer na enunciação, o que permite observar uma não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Em relação à sua estrutura formal, é possível perceber que, no geral, as relações metaenunciativas que revelam a não-coincidência das palavras consigo mesmas apresentam a seguinte estrutura: Rm= Es + Gl. A glosa sucede o escopo, que é o termo que terá seu sentido negado, reformulado ou retextualizado.

No exemplo (58), a atividade metaenunciativa [**eu eu não diria que elas:: se fossem válidas... mas talvez necessárias ...**] incide sobre o termo [válidas], que é seu escopo. Por meio da glosa, L2 sugere explicitamente a substituição da palavra [válidas], utilizado pelo falante L1 no turno anterior. Com a glosa, o falante L2 traz para seu discurso a palavra *válidas* para refutá-la, retextualizando com a palavra *necessárias*.

Já, no exemplo (59), os falantes conversam sobre o que pensam da vida religiosa de uma forma geral, quando L1 fala sobre os religiosos e o celibato. Com o procedimento metaenunciativo [**eu não falo eh eu não falo não não não falo em aventuras... eh**

esporádicas com mulheres] o enunciador nega o que citou no segmento imediatamente anterior à glosa, com a expressão [não realização eh como homem...], que é o escopo que desencadeia a glosa. Entremeio a uma sequência de hesitações e repetições, percebe-se que o escopo da atividade, bem como a expressão “aventuras esporádicas com mulheres”, presente no segmento metaenunciativo, são lançados e refutados no processo de construção da interação falada, pois não representam o que pretende enunciar o falante. O falante retextualiza, levando a expressão de um termo mais geral para um mais específico, contribuindo, também, para a fixação de sentido e delimitação do campo semântico. As palavras utilizadas não coincidem com o que delas almeja o falante e os sentidos que possam trazer para o desenvolvimento da conversa. As palavras utilizadas são questionadas quanto a seu sentido no dizer, no próprio ato de enunciação.

Ainda em relação ao exemplo (59), também é possível observar como este tipo de não-coincidência surge associada a um processo de seleção lexical, uma vez que as hesitações e repetições deixam explícita, na glosa, a procura que o falante realiza de um termo mais adequado para seu dizer.

No exemplo (60) percebe-se um outro formato desta categoria de atividade metaenunciativa:

(60)

L2 questão de vestiário aqui eu acho o gaúcho um... [**eu digo a média não a alta sociedade**] claro que a alta sociedade vamos dizer carioca paulista e... financeiro...o status deles a média é maior né? (...)
(HILGERT, 2009, p.68)

Em (60), ocorre uma forma de atividade metaenunciativa que representa “o dizer reasegurado pelo não um, frequentemente imprevisto, do sentido” (AUTHIER-REVUZ, 1998, 95). Com a glosa [**eu digo a média não a [alta sociedade]**], a atividade tem um formato [eu digo X, não Y]. O escopo é a expressão [alta sociedade], sobre a qual incide a glosa. Na construção, o falante previne a construção inadequada, afirmando que sua intenção é abordar [*a média*] não [*a alta sociedade*]. Tal construção parece desnecessária uma vez que o termo “alta” surge posterior à “média” no enunciado, ou seja, é apresentado um termo que já foi negado anteriormente no enunciado.

Vale lembrar que glosas dessa categoria, como se percebe em grande parte das ocorrências, aparecem atreladas a um contexto de hesitação (como no exemplo 59). A

hesitação, por sua vez, é uma das marcas mais evidentes de um texto em construção, em situação face a face. Nesse contexto, vale lembrar ainda que na interação falada, processamento e execução ocorrem de forma simultânea e estas construções que eventualmente estabelecem sentidos para o enunciador no momento de sua formulação textual permanecem como “pegadas” desse processo de elaboração e não são apagadas como no texto escrito. Assim, pode-se dizer que as glosas dessa categoria evidenciam o aqui e agora da enunciação e, por isso, raramente serão encontradas em textos escritos, nos quais grande parte das marcas enunciativas são “apagadas”.

Vejamos outros exemplos:

(61)

L1 (...) [objetivando a mulher ou objetivando o homem...] [**não é isso o que eu coloco... o que eu quero colocar é o seguinte...**] é que aqui há uma interação... entre (um) homem e outro... e há uma interação buscada sempre necessariamente pelo agir humano... não é?... e é uma maneira de dizer o mundo de explicitar o mundo... e é um a/ () e é um agir de de profunda repercussão não é?...

(HILGERT, 2009, p.18)

No exemplo (61), a glosa [**não é isso o que eu coloco... o que eu quero colocar é o seguinte...**], incide sobre a expressão [objetivando a mulher ou objetivando o homem...]. Ao realizar a glosa, o falante L1 indica que sua formulação anterior, por ser polissêmica (o verbo objetivar pode ter diferentes efeitos de sentido), não é adequado e abre um grande campo de interpretação. Assim, retextualiza utilizando o termo “interação”. Na ocorrência percebe-se que o verbo “colocar” (o que eu coloco/ o que eu quero colocar) corresponde a um sentido equivalente a dizer (o que eu digo/ o que quero dizer). Podemos assim afirmar que a atividade metaenunciativa, embora sem a presença explícita de um verbo *dicendi*, expande o significado do dizer sobre o qual incide.

Dentre as diferentes formas de busca de fixação de sentidos encontradas no *corpus* analisado, encontramos também a forma de glosa que a autora chama de “glosa só na forma negativa: **x, não no sentido de q**” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.32), um tipo de atividade metaenunciativa que busca eliminar “a ameaça do sentido q” (op.cit) e aponta para a construção contextual do sentido de X, de acordo com os propósitos comunicacionais do falante.

Nos exemplos a seguir, percebe-se que as glosas aparecem em forma de recusa da polissemia que alguns termos possibilitam. Nelas, o enunciador lança mão de um termo e,

logo em seguida, o refuta, procurando adequá-lo ou redefini-lo. Para evidenciar essa forma de operação metaenunciativa, observemos os exemplos a seguir:

(62)

L2 (...) eu estou no pós-graduação então ali estudar é uma é ...[**não é uma obrigação não é obrigação eu () expressei mal ..**]. é um:: a gente está estudando porque gosta agora ... né? então (...)

(HILGERT, 2009, p.84)

(63)

L2 ainda existe o [medo] claro

L1 ter algum poder [**não vou nem dizer pelo medo ou pela proMEssa de vida melhor**]

L2 é...

(HILGERT, 2009, p.101)

Em (62), a glosa [**não é uma obrigação não é obrigação eu () expressei mal...**], caracteriza por apresentar uma negação do dizer, ainda reforçada com a expressão [expressei mal]. L2, com esta passagem, de certo modo, desculpa-se pelo uso inadequado do termo [obrigação], o qual reformula no contexto: “na pós-graduação estudar não é uma obrigação, a gente estuda porque gosta”. A palavra obrigação tem um caráter polissêmico e, na maioria de suas aplicações, é associada a algo forçado, feito à revelia do desejo pessoal. Negando a expressão em seu dizer, L2 procura redefinir o termo, para um sentido mais específico, com o objetivo de que seu interlocutor, de modo algum, compreenda que sua fala pretende colocar o estudo como algo negativo.

No exemplo (63) ocorre algo semelhante quando o falante utiliza a glosa [**não vou nem dizer pelo medo ou pela proMEssa de vida melhor**]. Percebe-se que o escopo é a palavra medo e que a atividade metaenunciativa julga-o como inoportuno e amplia o significado atribuído a esse dizer, substituindo-o pela expressão [proMEssa de vida melhor]. O termo [medo] pode ter diferentes acepções e, nesse caso, é usado como um trocadilho, pois as pessoas tendem a ter medo do futuro, mas também sempre se almeja um “futuro melhor”. Assim, em meio a esse contexto, o falante L1 refuta o termo usado por L2 e propõe outro sentido específico, o de “promessa de vida melhor”.

Observemos mais dois exemplos que apresentam a estrutura “não digo X”:

(64)

L1 (...) então eu acho que para o operário brasileiro se projeta também aquele mesmo aquele mesmo problema básico ... que é o seguinte ... existe um contexto social determinado que é o contexto brasileiro ... que persegue determinados objetivos determinados objetivos determinados ... não é? e:: [na perseguição desses objetivos está se utilizando de uma série ... de um caminho ... e neste caminho de uma série de veículos ... né? que me parece ... que estão sendo eficientes ... não é?]. agora::...se eu ... concordo ou não com isso ... também é outro problema ... **[não não digo se concordo ou se discordo]** ... se tivesse que apontar um outro caminho eu teria que entrar na definição desses veículos ... teria que tentar definir uma outra estrada ou definir a mesma estrada

L2 uhn uhn

(HILGERT, 2009, p.42)

(65)

L2 (...) tem... TUdo isso ...só pra ter uma casa entende?... eh depois... **[não vamos dizer uma [casa lá grande grande]]** mas... tem que ter uma empregada...se conseguem empregadas boas desde que se pague ... bem que essas que andam aí:: pedem pouco mas também não trabalham nada... então teria...imagina só esses pequenos encargos de impostos e et cétera...só pra manter essa casa entende? ... limpeza que aí tu já começa ah:: o capim cresceu...

(HILGERT, 2009, p.78)

Já, em (64), o falante L1 realiza a atividade metaenunciativa **[não não digo se concordo ou se discordo]**, que tem como escopo todo o segmento de seu discurso anterior: [na perseguição desses objetivos está se utilizando de uma série ... de um caminho ... e neste caminho de uma série de veículos ... né? que me parece ... que estão sendo eficientes ... não é?]. Nesse exemplo percebe-se que o falante tem o intuito de atribuir um sentido irônico a seu discurso, uma vez que a ação de concordar ou discordar não irá alterar a configuração do contexto, ou seja, almeja atribuir o sentido irônico de que sua opinião não faz diferença.

O exemplo (65) apresenta a operação metaenunciativa **[não vamos dizer uma [casa lá grande grande]]**, que tem por escopo a expressão *[casa lá grande]*. Nela o advérbio de negação “*não*” associado à expressão vamos dizer tem função de recusar o escopo, que vem na sequência da glosa. Nesse exemplo, em que há uma expressão do tipo “não vamos dizer x, (vamos dizer) y”, ocorre algo diverso, uma vez que a expressão x [casa grande] não é substituída por outro termo ou expressão, mas por uma sequência discursiva que explica uma série de ações e atribuições que, para o falante, constituem no conceito de ter uma casa grande: necessitar de empregada; arcar com mais encargos, necessidade de manter limpeza e jardinagem, etc.

Em (66) ocorre procedimento semelhante, no qual o falante L1 utiliza-se de uma expressão do tipo “não digo x, mas y”, como se pode observar:

(66)

L1 claro...eu também acho se vocês permitirem eu só vou fazer uma uma observação que pra mim é bastante importante... o ensino... é é a projeção...é a projeção... sempre necessariamente ... é a projeção... ahn:: [oficiosa] ... **[não diria oficial mas a projeção oficiosa]**... de um determinado contexto social... (HILGERT, 2009, p.35)

Com a glosa **[não diria oficial mas a projeção oficiosa]**, observa-se que L1 reafirma o termo que antecede a glosa e que é o escopo que desencadeia a atividade metaenunciativa: [oficiosa]. Nesse exemplo, com a glosa, chama a atenção para o neologismo criado, diferenciando, apontando que não se trata da palavra oficial, mas de algo oficial apenas se atrelado a um determinado contexto. A fixação de sentidos parte de um sentido amplo para um sentido mais específico.

Em (67), há uma não-coincidência das palavras consigo mesmas que apresenta a estrutura “eu não digo X, digo Y”, como é possível observar:

(67)

L1 é mas o interior limita muito

L2 mas claro limita a vida porque é um um malandrinho é o filho de pap/ muitas vezes é o filho de papai rico que quer:: em vez de estar trabalhando estar

[

L1 não limita o próprio crescimento profissional mesmo

L2 nã/ nã/ se ele é bom profissional não limita eu acho que não...

L1 tem que ter um outro lado humano então pra se realizar::

L2 mas

L1 no atendimento

L2 por exemplo médico não tem lado humano ... desculpe mas médico não tem ...tanto é esse caso que aconteceu na Bahia agora em Salvador foi ... foi::: Típico né? pra mim médico não é gente ... pra mim médico é um ser que tu vai lá e PAgA ... pra ele te ouvir pra ele te dar consulta ... e se tu não fores com diNHEIro cheirando a dinheiro ele ... tu não consegues nada com ele ... infelizmente essa é que é a verdade ... eu acho que o bom profissional mesmo é bom aqui é bom em:: qualQUER outra cidade o bom profissional ... agora ... eles não querem o pessoal que sai de uma faculdade [ele não quer se sujeitar a uma vida de interior ... que aquela vida de interior às sete horas está todo mundo fechado dentro de casa né? eles não querem se sujeitar a isso]

L1 não **[eu nem digo por esse lado eu digo pelo lado de crescimento cultural mesmo]**

L2 não

(HILGERT, 2009, p.127)

No exemplo (67) o longo segmento conversacional que L1 e L2 desenvolvem refere-se aos motivos pelos quais os profissionais não optam por atuar em cidades do interior, tópico sobre o qual levantam várias hipóteses: “filhos de papai” querem ficar em cidades com mais recursos, cidades menores limitam o crescimento profissional, bons profissionais não querem

se sujeitar (nem no início da carreira) a morar no interior. O falante L1 assume um tom amenizador, defendendo a ideia de que é por falta de crescimento cultural que acontece essa não opção. No entanto, em um longo turno, L2 aborda outros aspectos que levam à opção, resumindo todo seu pensamento, ao final do turno, com a expressão: [ele não quer se sujeitar a uma vida de interior... que aquela vida de interior às sete horas está todo mundo fechado dentro de casa né? eles não querem se sujeitar a isso]. L1, no turno em sequência, propõe outra reformulação, negando a construção de seu interlocutor (expressão que se torna escopo da relação metaenunciativa), com a glosa [**eu nem digo por por esse lado eu digo pelo lado de crescimento cultural mesmo**].

Analisemos um último exemplo para observar como são sutis as diferenças entre uma categoria de não-coincidência e outra, embora possuam propósitos comunicacionais bem distintos. O exemplo (68) apresenta uma forma de construção positiva do sentido de X, associada a um verbo *dicendi*, como se pode observar:

(68)

L2 (...) então isso aí foi discussão com o diretor mas até agora não chegou num termo num acordo ... eu acho que as nossas aqui facilitam um pouquinho mais de calção né?

L1 ah é ...

L2 aqui vai melhor assim ... bom ... [**eu te digo o seguinte**] ((pigarro)) tu acharia que:: todas as nossas aulas ... já [**levando pra esse pra esse ponto de:: do verão principalmente a questão do banho**] ... não devia ser dado lá em baixo onde têm banheiro e chuveiro à disposição? para as meninas principalmente? (P.51)

Em (68) o falante L2 utiliza a atividade metaenunciativa [**eu te digo o seguinte (...)** **levando pra esse pra esse ponto de:: do verão principalmente a questão do banho**], apontando que o dizer tem como escopo o enunciado inteiro e não apenas um termo. Os dois segmentos em destaque se complementam quanto à sua função metaenunciativa. Percebe-se que o falante busca fixar todo o enunciado sobre o qual discorria ainda em turno anterior, reforçando a sequência discursiva em que tratava sobre a questão do banho em relação ao verão e à atividade física.

Nesse exemplo, ainda fica evidenciado que a estrutura formal da relação metaenunciativa não é fixa, pois o metaenunciado vem antes do escopo, bem como o escopo não é apenas um elemento lexical (como em geral se apresenta), mas pode ser uma expressão lexical ou, ainda, um enunciado inteiro.

A partir das análises feitas nas ocorrências, percebe-se que a não-coincidência das palavras consigo mesmas apresenta alguns elementos importantes, assumindo diferentes

funções específicas no discurso. Segundo Authier-Revuz (1998, p.195), são quatro tipos de “figuras” que, pontualmente, “testemunham o encontro dos enunciadores com o equívoco que joga em suas palavras”, elementos que encontramos na análise das ocorrências desta categoria, configuradas por:

- a) respostas de fixação de um sentido (X, no sentido de p, não no sentido de q; X, sem jogo de palavra);
- b) figuras do dizer alterado pelo encontro do não-um: desculpas, reservas, modalidades irrealizantes do dizer, ligadas ao jogo de um “sentido a mais” (seria preciso dizer X, X se ousar dizer...);
- c) o sentido estendido no não-um (X, também no sentido de q, no sentido de no sentido de q, nos dois sentidos, em todos os sentidos da palavra);
- d) o dizer reassegurado pelo não um, frequentemente imprevisto, do sentido (X. é o caso de dizer; X, esta é a palavra! X para falar de uma palavra preciosamente ambígua...).

Além dos elementos apontados especificamente pela autora, destacamos outros aspectos importantes revelado no *corpus*, a saber:

- e) a fixação de sentido é a principal função desta categoria e pode ser feita por meio de diferentes recursos: tirar o caráter polissêmico das palavras; valorizar ou desfazer a homonímia; ampliar ou restringir o sentido de um determinado termo (seja do específico para o geral, ou vice-versa); ou ainda, atribuir sentidos especiais (técnicos, metafóricos, irônicos, etc.)
- f) em relação a sua estrutura formal, é comum o escopo anteceder à glosa, porém, em muitos casos o escopo é uma expressão representada em um longo segmento, um contexto, não restrito a um termo ou expressão, como analisado nas outras três categorias já abordadas.

4.5 A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS E DA COMPREENSÃO À LUZ DA ANÁLISE FEITA

Por meio das análises realizadas nas seções anteriores, percebe-se que as atividades metaenunciativas desempenham diferentes papéis e exercem variadas influências na produção dos sentidos e na construção da compreensão nas interações faladas. As análises revelam que

o fazer interpretativo do ouvinte é orientado pelo falante sempre conduzido pelo conhecimento que supõe ter de seu interlocutor. Nos dados que analisamos, esse processo se evidencia linguisticamente por diferentes procedimentos, dentre os quais se encontram as operações metaenunciativas que foram objeto de nossa investigação.

A análise mostrou que as quatro não-coincidências do dizer explicitam as funções que cada atividade metaenunciativa realiza na construção do sentido nas interações faladas, não mais, conforme diz Authier-Revuz (1998, p.20), “no plano de sua estrutura sintática, mas no **do que eles dizem** ao sujeito do dizer” (grifos da autora).

Embora cada categoria das não-coincidências do dizer analisada neste quarto capítulo possua características e funções diferenciadas no desenvolver de uma interação, nem sempre elas acontecem de forma isolada. Muitas vezes, uma atividade metaenunciativa complementa outra, como podemos observar no segmento conversacional abaixo:

(69)

DOC^{E4}[você poderiam me dizer que há uma diferença... nesse problema num país... desenvolvido ou num país subdesenvolvido ()?]

L1 não... não aceito a distinção... entre país desenvolvido e país subdesenvolvido... o que eu acho é o seguinte... existem...p/

[

L2 países explorados e países exploradores ((risos))

L1 é verdade ((risos)) tranquilo... mas existem países... éh:: que atingiram um nível de industrialização tal... assim que:: e que detêm aqueles mecanismos pra...pra satisfazer pra dar a a ao homem mais horas daquilo^{G1}[**que se chama**]^{E1}[lazer] e que acaba não sendo lazer acaba sendo outra coisa bem diferente... enfim eh... que dá... também que fornece ao homem uma série de... de de coisas também^{G2}[**que se concei/ se conceituam como... como**]^{E2}[conforto] que também no fim não são conforto... éh éh... eu eu – a:: pergunta foi muito bem feita... porque:: nos tirou daquele plano filosófico e nos colocou... a nível da discussão de certos aspectos que dizem respeito^{G3}[**dizem respeito assim a::... aquelas variáveis que eu não queria discutir...**]^{E3}[variáveis econômicas variáveis políticas e et cétera...] mas MESmo assim mesmo assim...^{G4}[**eu... não entro nesse tipo de de:: não assim não responderia esse tipo de pergunta da forma como::... a proposição sugeriu... pois... eu diria o seguinte...**] – [eh existem... conglomerados humanos... que por diversos fatores... por diversos fatores... que não interessam analisar...] pelo menos pra mim né?... que por diversos fatores não::o... consolidaram... éh::... não conseguiram...^{E5}[não trilharam... por opção...] ^{G5}[**vamos ficar com essa última com essa última com esse último pensamento...**] não trilharam por opção... ou por condicionamento sem opção... os caminhos que se entendi::am... caminhos mais adequados para a satisfação das necessidades humanas... satisfação das necessidades não em termos econômicos em termos mais genéricos possíveis... que talvez existam países que na procura no afã de satisfazer...^{E6}[conglomerados humanos] ^{G6}[**por assim dizer...**] que na tentativa de satisfazer as necessidades humanas permanentes... chegaram a um estágio...eh de desenvolvimento material... bastante:: eleVAdo não é? em termos... atra/ quer dizer estágio de desenvolvimento material ^{G7}[**entenda-se bem o conceito...**]^{E7}[é estágio de desenvolvimento material] para o tipo de cultu::ra... que esses países assimilaram... para mim por exemplo televisão não é estágio não é avanço do estágio de desenvolvimento cultural... mas... em todo caso... tendo em vista ... os padrões culturais desses^{E8}[países]

^{G8}[**eu diria desses conglomerados humanos...**] eu diria que... eles... na no afã de satisfazer as necessidades humanas eles... chegaram a um estágio avançado de desenvolvimento... agora... outros... conglomerados humanos... por opção ou não... não interessa... não chegaram... a esse estágio...de desenvolvimento de instrumentos de mecanismos que fornecessem aquilo que a cultura ocidental... caracteriza como conforto como ahn ahn ahn como satisfação bens de consumo como instrumentos de satisfação das necessidades humanas... (HILGERT, 2009, p.26-28).

No longo segmento conversacional descrito no exemplo (69), percebe-se a presença de várias atividades metaenunciativas, as quais são usadas em sequência por um mesmo falante e se inter-relacionam na construção do tópico que ele procura desenvolver. Cada uma dessas atividades surge no desdobramento da interação como forma de o falante monitorar a compreensão ou produzir sentidos que facilitem o trabalho interpretativo do seu interlocutor. Destacamos, a seguir, os procedimentos encontrados, designando como Rm^n (Relação Metaenunciativaⁿ), formada pela glosa (G^n) e por seu escopo (E^n), que pode anteceder ou suceder a glosa, conforme já abordamos quando se tratou da estrutura formal dessas relações.

$RM^1 = G^1$ [**que se chama**] E^1 [lazer]

$RM^2 = G^2$ [**que se concei/ se conceituam como... como**] E^2 [conforto]

$RM^3 = G^3$ [**dizem respeito assim a::... aquelas variáveis que eu não queria discutir...**] E^3 [variáveis econômicas variáveis políticas e et cétera...]

$RM^4 = E^4$ [você poderiam me dizer que há uma diferença... nesse problema num país... desenvolvido ou num país subdesenvolvido ()?]

G^4 [**eu... não entro nesse tipo de de:: não assim não responderia esse tipo de pergunta da forma como::... a proposição sugeriu... pois... eu diria o seguinte...**] – [eh existem... conglomerados humanos... que por diversos fatores... por diversos fatores... que não interessam analisar...]

$RM^5 = E^5$ [não trilharam... por opção...] G^5 [**vamos ficar com essa última com essa última com esse último pensamento...**]

$RM^6 = E^6$ [conglomerados humanos] G^6 [**por assim dizer...**]

$RM^7 = G^7$ [**entenda-se bem o conceito...**] E^7 [é estágio de desenvolvimento material]

$RM^8 = E^8$ [países] G^8 [**eu diria desses conglomerados humanos...**].

No primeiro exemplo (RM^1), percebe-se que a glosa G^1 [**que se chama**], incide sobre o escopo E^1 [lazer], como uma forma de apresentar uma não-coincidência do discurso consigo mesmo, ao atribuir o escopo como sendo de outra fonte enunciativa.

No segundo exemplo (RM²), ocorre algo semelhante ao primeiro, uma vez que o falante L1 também atribui o escopo a uma voz alheia, estabelecendo fronteiras entre seu dizer e o dizer dessa outra fonte, pois a glosa ^{G2}[**que se concei/ se conceituam como... como**], incide sobre o termo ^{E2}[conforto], também uma não-coincidência do discurso consigo mesmo. As duas atividades metaenunciativas se complementam no discurso de L1, pois ele está à procura da definição e, para tal, busca no léxico termos de senso comum que exemplifiquem o que pretende dizer, mas deixa explícito em seu texto que são originados de outra fonte enunciativa.

Na terceira relação metaenunciativa (RM³), a glosa ^{G3}[**dizem respeito assim a::... aquelas variáveis que eu não queria discutir...**] aponta para uma não-coincidência interlocutiva, uma vez que o falante anuncia a seu interlocutor que não quer abordar um determinado subtópico ^{E3}[variáveis econômicas variáveis políticas e et cétera...]. Esse anúncio serve como forma de garantia da continuidade da interação.

Na quarta relação enunciativa apresentada por RM⁴ = ^{G4}[**eu... não entro nesse tipo de de:: não assim não responderia esse tipo de pergunta da forma como::... a proposição sugeriu... pois... eu diria o seguinte...**] – [eh existem... conglomerados humanos... que por diversos fatores... por diversos fatores... que não interessam analisar...], o enunciador faz uma inserção no texto. A glosa anuncia a existência de outra não-coincidência interlocutiva, uma vez que se refere à pergunta feita pelo documentador, que é seu escopo: ^{E4}[Vocês poderiam me dizer que há uma diferença... nesse problema num país... desenvolvido ou num país subdesenvolvido ()?]. No entanto, também é possível identificar mais claramente uma não-coincidência das palavras consigo mesmas quando analisada toda a estrutura da inserção, pois o falante se reporta à pergunta, afirma em seu dizer que “não a diria” e propõe uma reformulação. Assim, refuta explicitamente os termos utilizados pelo documentador na formulação da pergunta (“diferença... nesse problema num país... desenvolvido ou num país subdesenvolvido”) e propõe outra expressão em seu lugar [eh existem... conglomerados humanos... que por diversos fatores... por diversos fatores... que não interessam analisar...]. Desse modo, percebe-se a presença de uma atividade metaenunciativa de caráter interlocutivo, pois tem a intenção de garantir a continuidade da interação, esclarecendo os termos e pontos de vista acerca da pergunta/ tópico a desenvolver. No entanto, seus desdobramentos revelam também uma não-coincidência das palavras consigo mesmas, do formato “eu não digo X, eu diria y”, pois, além de o falante refutar a expressão usada pelo documentador quando estabelece o tópico conversacional a ser desenvolvido, procura fixar o sentido da expressão

[conglomerados humanos]. Desse modo, em uma mesma relação metaenunciativa há duas funções metaenunciativas com diferentes finalidades na interação.

Na quinta ocorrência (RM⁵), a glosa ^{G5}[**vamos ficar com essa última com essa última com esse último pensamento...**] incide sobre a expressão ^{E5}[não trilharam... por opção...] e tem como função fixar o sentido de “trilharam por opção”, um sentido metafórico para dizer “escolheram”, caracterizando-se como uma não-coincidência das palavras consigo mesmas, do tipo “Eu digo x”.

Já, na sexta ocorrência (RM⁶), a glosa ^{G6}[**por assim dizer...**] incide sobre o escopo ^{E6}[conglomerados humanos], com a finalidade de explicitar que a expressão é uma solução aproximativa, caracterizando uma não-coincidência das palavras consigo mesmas. Por assim dizer, tem a mesma conotação de expressões como “digamos assim” e “vamos dizer”, comuns na construção de glosas dessa categoria, como se pode observar na análise do *corpus* em estudo. A mesma não-coincidência surge na sétima relação metaenunciativa (RM⁷). A glosa ^{G7}[**entenda-se bem o conceito...**] incide sobre a expressão ^{E7}[é estágio de desenvolvimento material]. Sua finalidade também é chamar a atenção para a expressão, ou seja, fixar o sentido do escopo.

Na oitava e última ocorrência desse segmento (RM⁸), a atividade metaenunciativa ^{G8}[**eu diria desses conglomerados humanos...**] incide sobre o termo ^{E8}[países], revelando, mais uma vez, uma não-coincidência das palavras consigo mesmas. A estrutura “x, eu diria y” tem a função de fixar a expressão “conglomerados humanos”, proposta em substituição ao termo “países”, uma visão particular do enunciador. Vale lembrar que a expressão “conglomerados humanos” já havia sido usada no turno, o que aponta para a função de fixação do termo no discurso.

Ainda no exemplo (69), destacamos o segmento entre traços: [– a:: pergunta foi muito bem feita... porque:: nos tirou daquele plano filosófico e nos colocou... a nível da discussão de certos aspectos que dizem respeito (...) **pois... eu diria o seguinte...** –]. Segundo as Normas para Transcrição do Projeto NURC (Anexo I), utiliza-se de traços para indicar “comentários que quebram a sequência temática da exposição”, ou seja, há um “desvio temático” (PRETI, 2006, p.17-18). O próprio registro de transcrição, por meio dos sinais (-- --), deixa evidente que o enunciador refere-se às expressões utilizadas e faz uma forma de “parênteses”, quanto ao conteúdo que desenvolvia, situações que, na interação falada,

extremam o grau de desvio do tópico, têm por característica perspectivar predominantemente o ato de comunicação, quebrando o fluxo temático para, no interior do texto falado, destacarem contingências garantidoras da ocorrência do ato em si: presença de interlocutores, predisposição de envolvimento dos mesmos na situação comunicativa, afastamento de ruídos ou quaisquer outros fatos que possam vir a perturbar o canal físico ou o contato entre os locutores (JUBRAN, 1999, p.352).

Na perspectiva de nosso estudo, construções como as exemplificadas na inserção feita têm natureza metadiscursiva, uma vez que se voltam para o dizer em si, para a construção do texto, o que, ainda segundo Jubran (1999), revela uma função textual-interativa, que reside na “garantia da existência da interação verbal e, por conseguinte, no produto dessa interação: o texto”(op.cit).

Na análise desse longo segmento percebe-se que as glosas surgem como uma forma de o enunciador conduzir a compreensão de seu interlocutor, ora atribuindo o dizer a outra fonte enunciativa, ora com função interlocutiva, ora como forma de fixar sentidos de expressões. No desenvolver do turno, que se apresenta com uma longa sequência de enunciados, o falante L1 revela-se atento ao processo interlocutivo, em especial com o sucesso de sua interação, procurando deixar evidenciados seus propósitos comunicacionais para os outros interlocutores (o documentador, que desencadeia o tópico e o falante L2).

A alternância de turnos é a essência de um diálogo face a face, mas, no exemplo 69, o falante domina o turno com a intenção de facilitar que seu pensamento seja compreendido sem equívocos pelos demais. Essa característica é algo peculiar de cada falante, pois, no *corpus* analisado, percebeu-se que alguns falantes têm essa prática mais acentuada que outros, ou seja, o constante monitoramento da compreensão por meio das atividades metaenunciativas se revela à medida que o falante procura conduzir ou ao menos assegurar, a compreensão de seus interlocutores.

Em relação às atividades de não-coincidência interlocutiva, fica evidente que muitas vezes elas se reportam ao tópico discursivo desenvolvido ou para reafirmá-lo, questioná-lo ou redefini-lo. Nesse sentido, em relação à importância do tópico discursivo no desenvolvimento das interações, Jubran et al. (2002, p.375) comentam que “o tópico é (...) um elemento decisivo na construção do texto oral, podendo a estruturação tópica servir de fio condutor para se chegar à sua organização discursiva (JUBRAN et al., 2002, p.374). Em termos de organização do texto, as atividades metaenunciativas procuram facilitar o desenvolvimento do texto sem comprometer o conteúdo do tópico a ser desenvolvido pois é “(...) possível afirmar – ao contrário do que comumente se pensa – que o texto oral é altamente coerente, embora

sua coerência se manifeste de modo diferente daquela do texto escrito” (JUBRAN et al., 2002, p.375).

O “texto” conversacional reflete o aqui e agora da enunciação. Não fosse esta característica, muitos dos procedimentos metaenunciativos que foram analisados e desenvolvidos neste trabalho não se evidenciariam para análise. E, na medida em que se mostram na evolução da interação, explicitam como, no ato da enunciação, os interlocutores constroem sentidos e buscam mutuamente se entender. Relacionemos essa finalidade última das operações metaenunciativas com as variadas instâncias inerentes ao desenvolvimento da conversação, apontadas por Koch *et al* (2002, p.126), para mostrar que há plena sintonia entre essas instâncias e o que dissemos a propósito da referidas operações:

a) a língua (tipicamente ou razoavelmente espontânea) é não planejável de antemão, em virtude das condições situacionais em que é produzida (aqui-agora da enunciação);

b) a interação falada apresenta forte tendência a deixar explícito seu contínuo processo de monitoramento, o que revela, em cada passo, os procedimentos envolvidos em sua formulação. Isso permite evidenciar que, muitas vezes, nesses processos, as atividades metaenunciativas surgem associadas ao monitoramento mútuo dos interlocutores;

c) a evidente descontinuidade no controle do fluxo da informação reflete o grau reduzido de planejamento do discurso e o envolvimento interacional dos interlocutores. Como o planejamento é *on line*, muitas vezes o processo de seleção lexical que se evidencia deixa explícito glosas que auxiliem nessa atividade, como é o caso das não-coincidências das palavras com as coisas que, em muitos casos, explicita a busca de um termo adequado;

d) para garantir a interação existe a necessidade de mobilizar, com maior ou menor intensidade, a capacidade ativa do locutor, enquanto estratégia de comunicação. Em especial, quando de natureza interlocutiva, percebe-se essa intenção nas situações em que um dos interlocutores se utiliza de glosas;

e) alguns procedimentos de aparente desestruturação do discurso oral, quando analisados sob a perspectiva da interação, são passíveis de receberem uma interpretação positiva que os associa à estratégia facilitadora da compreensão, movida pelo falante;

f) Esses mesmos procedimentos, compreendidos no nível sintático como perturbações, assumem, no nível pragmático, funções discursivas garantidoras de interação comunicativa.

As análises desenvolvidas neste quarto capítulo procuraram revelar algumas funções e relações que as atividades metaenunciativas desenvolvem na interação conversacional,

visando a estabelecer sentidos e, em especial, colaborar com o interlocutor na construção da compreensão.

Por meio da análise dos procedimentos levantados, demonstrou-se que o ato de enunciar, na interação face a face, se constitui também em um ato de compreender o que o outro quer transmitir, pois sempre que uma atividade metaenunciativa é realizada tem-se um objetivo em relação ao interlocutor. Por exemplo, precisar o sentido de uma palavra ou expressão nada mais é do que auxiliar o interlocutor na compreensão e, eventualmente, antecipar-se para que ele não tenha problemas de compreensão. A compreensão é um processo de construção interativa e não apenas um processo de decodificação de um enunciado. Na verdade, falante e ouvinte constroem juntos a compreensão do enunciado na medida em que este último é sempre um co-enunciador com aquele. Ambos são os sujeitos da enunciação e os sujeitos da compreensão.

Para Authier-Revuz (1998), as atividades metaenunciativas concebidas como não-coincidências do dizer, além de serem operações de precaução, são também procedimentos de diferenciação e especificação de sentidos. Elas são estratégias comunicacionais, manifestando negociações que o enunciador realiza, seja no interior de seu enunciado, seja na manifestação direcionada ao interlocutor. Assim, as quatro formas de não-coincidências analisadas, em relação à construção da compreensão, atravessam o dizer do enunciador e deixam transparecer

a negociação que deriva de um trabalho de “denegação”, em que as formas de representação, traços, emergências de não-coincidências fundamentais, aparecem ao mesmo tempo como **máscaras**, na imagem que dão delas, ao mesmo tempo circunscritas (isto é, constituindo o resto, por diferença, como UM) e dominadas (justamente por um em enunciador capaz, a partir de sua posição de domínio metaenunciativo, de controlar seu dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.21).

Em relação às funções gerais desenvolvidas por cada categoria das não-coincidências, dois aspectos principais precisam ser distinguidos:

a) duas dessas atividades possuem funções interativas, uma vez que envolvem papéis interacionais dos interlocutores. São as categorias da não-coincidência interlocutiva, que, como o próprio nome afirma, se voltam para a configuração e o desenvolvimento da interação, seja por meio do tópico, da permissão para enunciar, entre outros fatores de ordem pragmática interacional. Outra, é a categoria da não-coincidência do discurso consigo mesmo,

a qual aponta para a configuração do *ethos*²⁸ do enunciador (ao afirmar implicitamente “esse discurso não é meu”). Esta última categoria aponta ainda para uma constante preocupação do falante com a preservação de sua face de falante culto da Língua Portuguesa, ao atribuir outras fontes enunciativas a termos ou expressões que, mesmo usando em seu discurso, julga inadequadas por algum fator.

b) outras duas não-coincidências do dizer revelam-se como atividades metaenunciativas que estão voltadas, mais especificamente, para uma construção de sentidos das palavras utilizadas ou a serem utilizadas pelo enunciador na construção de seus enunciados. É o caso da não-coincidência das palavras com as coisas, que deixa explícito que a formulação não consiste necessariamente em arrolar termos precisos de um repertório lexical definido, mas, muitas vezes, são suficientes para os fins da compreensão mútua palavras aproximadas do que se quer dizer. Ainda, a não-coincidência das palavras consigo mesmas aponta para uma necessidade de fixação de sentido, de deixar claro para o interlocutor por que escolheu, utilizou, refutou, substituiu determinada palavra em seu enunciado. Essas duas formas de atividades metaenunciativas apontam que as palavras da língua, quando colocadas em situação de discurso, não têm apenas *um* sentido possível. Por isso, o enunciador interfere, para fixar o sentido que seja dado à palavra naquele contexto e situação. No dizer de Authier-Revuz (1998, p.30) “na sua diversidade, o que *todas* as formas de explicitação do sentido têm em comum é ir contra o caráter unicizante do mecanismo de *redução contextual* (linear ou situacional) da pluralidade polissêmica e homonômica potencial de um elemento (...)”.

Vale ainda destacar que, muitas vezes, as atividades metaenunciativas são utilizadas como uma forma de polidez na interação, em especial em situação face a face, uma vez que as trocas comunicativas exercem uma forte pressão na construção dos enunciados (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Nesse contexto, as operações metaenunciativas, além de cumprir suas funções específicas, particularmente quando envolvem papéis interacionais, não podem ser incisivas, indelicadas ou, até mesmo, ofensivas ao interlocutor. Assim, a noção de polidez, em sentido amplo na conversação recobre “todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmônico da relação interpessoal” (op. cit, p.77).

Especificamente quando tratamos de compreensão, ou afirmamos que as atividades metaenunciativas representadas pelas não-coincidências do dizer visam a evitar “problemas de compreensão”, precisamos destacar que a compreensão, como tratada neste trabalho e no

²⁸ *Ethos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito (FIORIN, 2008a, p.139).

decorrer de suas análises, é entendida a partir de uma concepção de língua em uso. Assim, um enunciador, no desdobrar de seu fazer enunciativo, procura produzir sentidos que explicitem seus propósitos comunicativos em relação ao enunciatário, na interação que desenvolvem em conjunto. No entanto, isto não significa que apenas o enunciador procura atribuir sentidos e o enunciatário procura interpretá-los. É, sim, uma via de mão-dupla a produção de sentidos é, na verdade, um trabalho colaborativo entre enunciador e enunciatário. Produzir um enunciado e compreendê-lo são ações complementares realizadas pelos interlocutores envolvidos em uma interação, pois “se enunciar é construir sentidos, então compreender também o é”(HILGERT, 2008, p.127).

O que se evidencia nas diferentes ocorrências de atividades metaenunciativas analisadas neste estudo é que, no decorrer da interação, podem surgir problemas de compreensão, os quais são inerentes ao fazer enunciativo e, muitas vezes, são decorrentes das próprias especificidades das interações faladas. Em algumas ocorrências, o interlocutor é quem “denuncia” em seu dizer que necessita de uma melhor formulação, que não compreendeu, que precisa de uma reformulação, ou algo nesse sentido. Mas, por outro lado, em muitas situações é o próprio falante, no desdobramento de seu turno, que percebe que sua formulação pode causar algum problema de compreensão, realizando, ele mesmo, uma atividade metaenunciativa com ação profilática, ou seja, com a finalidade de evitar que problemas de compreensão possam interferir na construção de sentidos na conversação em andamento.

A partir das análises feitas em relação à compreensão e à construção dos sentidos na interação conversacional, percebe-se que toda a ação realizada pelos participantes de uma interação determina a construção da compreensão, uma vez que “as ações individuais do falante e do ouvinte não são ações autônomas, porém participativas que, no desdobramento conversacional, se coordenam de forma a constituírem uma única ação conjunta” (HILGERT, 2013, p.76). E, nessa ação conjunta, revela-se o fazer interpretativo que emerge dos enunciados que os interlocutores formulam, uma vez que estes buscam, em última instância, serem compreendidos um pelo outro.

Garantir o sucesso de todo o processo interativo e assegurar a intercompreensão são tarefas construídas mutuamente pelos interlocutores, uma vez que somente por meio da compreensão pode-se alcançar uma boa argumentação, a defesa de uma ideia, convencer alguém a partir de seu ponto de vista, desenvolver um tópico com clareza e coerência. Afinal, assegurar a compreensão ao interlocutor não é somente razão que mobiliza todo investimento

enunciativo de um falante na interação, mas é a própria condição para que a interação se estabeleça e se desenvolva de forma coerente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpus de pesquisa deste trabalho foi a interação falada, “texto” que revela seu *status nascendi*. Por meio da sua análise é possível reconstruir o caminho da enunciação, retomar como ocorreu a construção do texto na interação entre os interlocutores, em situação face a face. É devido a essa condição que o “texto” conversacional deixa explícito o trabalho de sua formulação, por meio da qual acontece o processo de interação entre os sujeitos.

O objetivo geral deste trabalho foi descrever e analisar os procedimentos metaenunciativos e mostrar que esses procedimentos constituem estratégias de produção de sentidos e de construção da compreensão entre os interlocutores. Para que esta análise pudesse ser feita, estabeleceu-se uma fundamentação teórica com base na revisão de alguns conceitos fundamentais para a compreensão dos procedimentos em questão.

Um primeiro conceito definiu a língua como um objeto de uso, ou seja, a língua que se constitui por um processo colaborativo, por meio do qual os interlocutores interagem, mediados pelo enunciado. Essa noção tem origem nos estudos de Bakhtin, que rompe com os princípios teóricos do objetivismo abstrato e do subjetivismo individualista. Ao contrário do que preconizam esses princípios, a língua só tem existência quando posta em funcionamento pelo homem, na corrente da comunicação verbal. Um segundo conceito de extrema importância para entender e explicar as atividades metaenunciativas, de acordo com o enfoque proposto por este trabalho, é o dialogismo, princípio teórico norteador dos estudos bakhtinianos. Segundo esse princípio, a linguagem é dialógica na medida em que um discurso é sempre produto de um interdiscurso. Em outras palavras, um texto constitui-se pelo intercruzamento de outros textos já existentes, de outras vozes sociais. No contexto do dialogismo discutiram-se a enunciação, o signo e a polifonia, conceitos bakhtinianos que definem a natureza dialógica da língua. Explorou-se, ainda, o conceito de enunciação, ou seja, o colocar “a língua em funcionamento”, na perspectiva de Benveniste, uma vez que as atividades metaenunciativas são analisadas nesse contexto, no desdobrar do eu-aqui-agora da enunciação.

Um segundo capítulo teórico abordou a heterogeneidade linguística, conforme Authier-Revuz, que expande o conceito do dialogismo bakhtiniano, à medida que propõe que todo o discurso é heterogêneo, pois mantém uma relação do dizer com outros dizeres, relação que, para a autora, é inerente a todo e qualquer texto, pois é a condição de existência para um

fato enunciativo. Discutiu-se a definição de heterogeneidade linguística que, pelos postulados da autora, pode se apresentar de forma mostrada ou não mostrada. A mostrada pode ser marcada ou não marcada. A partir dessas definições, percorremos alguns exemplos que demonstram e diferenciam a constituição das diferentes formas de heterogeneidade. A importância desta discussão teórica residiu na observação do contexto teórico em que surgem as atividades metaenunciativas: em uma concepção de língua dialógica, em que há uma heterogeneidade constitutiva, a qual pode transparecer no discurso, e apresentar, a cada enunciação, novas formas, marcas imprevisíveis de revelar esse discurso “outro” que a constitui.

Por fim, balizando as atividades metaenunciativas como formas de reflexão sobre a língua, buscaram-se as formulações que amparam essa perspectiva nos postulados de Roman Jakobson, no estudo das funções da linguagem. Dentre as funções definidas pelo autor, a função metalinguística teve destaque, uma vez que, segundo o autor, é por meio dela que se torna possível observar que a língua tem a propriedade de “refletir-se em si mesma”. Percorremos alguns autores que discutiram a função metalinguística e outros que ampliaram esse conceito para “metadiscorso”, quando a língua reflete sobre ela mesma, no processo do dizer. Este último aspecto foi de relevância para a pesquisa, uma vez que, no contexto do metadiscorso, “do dizer sobre o dizer”, é que estão inseridas as atividades metaenunciativas, a partir da perspectiva da língua em funcionamento, da enunciação. Exploramos o conceito de metaenunciação, amparado nos estudos de Authier-Revuz, destacando como se revelam as palavras da língua quando se desdobram no discurso. Em outros termos, tem natureza metaenunciativa toda atividade linguístico-discursiva na qual se duplica o processo enunciativo: ocorre, num momento, a enunciação e, em outro, a enunciação sobre a enunciação, que é a metaenunciação.

Com base nesses fundamentos teóricos, foi possível, então, analisar as atividades metaenunciativas como formas de demonstração explícita da heterogeneidade linguística e como elementos linguístico-discursivos que têm o intuito de estabelecer a compreensão entre os interlocutores em uma interação falada. Muitas vezes o enunciador utiliza-se dessas atividades como forma de se distanciar da expressão utilizada, criando fronteiras entre o “eu” do enunciador e ou “outro” a quem se atribuem as expressões; assim, o enunciador atribui a expressão ou termo sobre o qual incide a atividade metaenunciativa como “não pertencente a seu discurso”, como de responsabilidade de outro enunciador. Manifestações como essas mostram que as atividades metaenunciativas possuem importância no desenvolver de uma

interação e que não são meros elementos que podem ser descartados da interação falada, pois, quando utilizados, sempre têm uma finalidade, mesmo que implícita, nos intuitos comunicativos de seu enunciador.

A partir das reflexões teóricas, realizou-se a análise das atividades metaenunciativas encontradas no *corpus* desta pesquisa. Essa análise desenvolveu-se principalmente em quatro etapas: primeiro realizou-se uma breve discussão sobre a natureza do *corpus*, constituído de textos que são produtos da conversação entre interlocutores, de interações faladas; na sequência, analisaram-se as características formais das atividades metaenunciativas mais recorrentes, em relação à ordem e ao desencadeamento por parte dos interlocutores. Em um terceiro, como parte central da análise, discutiram-se a função geral e as funções locais que cada categoria das não-coincidências do dizer apresenta, a partir das diferentes ocorrências encontradas no *corpus*, descrevendo-as e analisando as relações de sentido por elas estabelecidas. Nessa análise mais detalhada, procurou-se inter-relacionar os efeitos de sentido de cada glosa e as influências que estas atividades evocam na construção da compreensão entre interlocutores na interação falada. Ao final da análise de cada categoria, levantaram-se aspectos recorrentes e funções específicas do grupo de atividades metaenunciativas analisadas.

Do ponto de vista formal da relação metaenunciativa constatou-se que, no que diz respeito à ordem do enunciado metaenunciativo em relação ao escopo, não há uma ordem fixa, podendo ora a glosa anteceder seu escopo, ora suceder a ele, o que distingue glosas retrospectivas de glosas prospectivas. Também se observaram casos de procedimentos de glosas implícitas, embora a quase totalidade dos procedimentos metaenunciativos analisados é explícita, uma vez que a glosa surge na evolução da interação, muitas vezes, com objetivos específicos para um determinado momento dessa interação.

Com exceção de algumas poucas ocorrências, em relação à estrutura da relação metaenunciativa, percebeu-se que a maioria centra-se, formalmente, em um verbo *dicendi*, a partir do qual elas se revelam um dizer sobre o dizer.

Em relação ao desencadeamento das glosas, percebe-se que tanto o falante quanto o ouvinte podem desencadeá-las. No *corpus* analisado, houve a predominância da operação metaenunciativa realizada pelo próprio falante sobre um escopo de seu próprio enunciado.

No que diz respeito às funções atribuídas às atividades metaenunciativas, como já dito, a análise foi feita com base nas quatro categorias funcionais propostas por Authier-Revuz: a

não-coincidência interlocutiva; a não-coincidência entre as palavras e as coisas; a não-coincidência do discurso consigo mesmo; e a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Em relação às categorias funcionais, quando da análise da não-coincidência interlocutiva, constatou-se que dentre as suas atribuições está o fato de garantirem as condições de interação e compreensão entre os interlocutores, em uma interação falada. Dentre as formas de garantir tais condições, há algumas funções bem específicas, como o fato de estabelecer um diálogo com seu interlocutor quanto ao sentido da pergunta/colocação feita; prevenir equívocos na ordem interacional; ou chamar a atenção para expressões utilizadas na resposta a seu interlocutor. Ainda em relação ao desenvolver do processo interacional, percebeu-se que as glosas metaenunciativas de ordem da não-coincidência interlocutiva podem servir para refutar o processo interacional, negando-se a discorrer sobre determinado tópico discursivo; anunciar ao interlocutor a delimitação do tópico discursivo, ou ainda, pedir permissão para tomar o turno no desencadear de uma interação.

Embora essa última função tenha sido encontrada em poucas ocorrências no *corpus*, percebe-se sua importância quanto ao uso da cortesia na interação verbal, uma vez que entre os falantes, pedir permissão para tomar o turno é uma forma de demonstrar-se atento e cortês quanto à participação na interação. As ocorrências de atividades metaenunciativas de natureza interlocutiva voltam-se, com maior ênfase, para as questões interacionais do discurso, embora, nesse intuito, muitas vezes esteja implícito que procuram estabelecer sentidos para a conversação.

Uma categoria que apresentou considerável quantidade de ocorrências foi a não-coincidência entre as palavras e as coisas, categoria que revela importantes elementos do processo de construção da interação falada. Por meio desta categoria foi possível perceber que, com muita frequência, não ocorrem, de imediato aos falantes, as palavras com as quais querem dizer as “coisas” e esse fato leva-os a inserir na evolução da conversa o próprio trabalho de busca dessas palavras, de seleção lexical. Muitas vezes, no desvelar da conversa, o processo de seleção lexical é explicitamente interativo, na medida em que o falante solicita ao interlocutor ajuda na busca do termo apropriado. Além disso, a seleção lexical evidenciada no discurso nem sempre chega a um termo específico e único, pois em muitos casos são utilizadas soluções aproximativas, que ficam evidenciadas por expressões metaenunciativas como *vamos dizer* e *digamos assim*, expressões que indicam a imprecisão dos termos sobre os quais incidem.

Ainda, em relação à não-coincidência entre as palavras e as coisas, constatou-se que os procedimentos dessa natureza procuram facilitar a compreensão do interlocutor, e atuam como que medidas profiláticas para evitar problemas de compreensão. No entanto, mesmo que uma solução aproximativa não seja encontrada, isto não implica, necessariamente, um problema de compreensão que afete a continuidade da interação, pois o conjunto do desdobramento conversacional assegura assim mesmo a intercompreensão. Nessa perspectiva, a não-coincidência entre as palavras e as coisas na construção do discurso impõe, na evolução da conversa, a constante negociação nas escolhas lexicais e a correspondente definição dos sentidos, por meio da compreensão mútua.

Na análise da categoria da não-coincidência do discurso consigo mesmo, fica demarcada, linguisticamente, por meio das glosas do enunciador, a presença de outra fonte enunciativa, representando explicitamente a interdiscursividade, as fronteiras existentes entre o discurso do enunciador e o discurso “outro”, proveniente de outra fonte enunciativa. Dentre as suas especificidades quanto às funções no desenvolver da interação, constatou-se que a glosa é desencadeada por um escopo que o falante não assume como seu discurso, sendo que, desse modo, a atividade metaenunciativa funciona como uma “delimitação de fronteiras” entre o discurso do enunciador e o de outra fonte enunciativa que é trazida para o plano do enunciado. Na maioria das ocorrências analisadas, percebeu-se que a função específica das glosas dessa categoria é preservar a face do falante frente a seu interlocutor. Em geral há a presença de um verbo *dicendi* (dizer, chamar, falar), o qual aparece na maioria das ocorrências, sendo a glosa uma espécie de comentário sobre o escopo, que fica suspenso no fluxo da informação do tópico que os falantes desenvolvem na conversa.

Segundo Authier-Revuz, esta categoria é a que revela com maior nitidez a presença das diferentes formações discursivas que contribuem para a formação discursiva do enunciador, as quais, muitas vezes se exteriorizam por meio das glosas, deixando evidenciado que o discurso é tecido por discursos outros, trazendo a heterogeneidade para o plano do enunciado.

A última categoria analisada, a da não-coincidência das palavras consigo mesmas, também apresentou uma quantidade considerável de ocorrências, uma vez que se pode manifestar em diferentes formatos, formatos que, segundo Authier-Revuz (1998), apresentam o encontro dos enunciadores com o equívoco presente em suas palavras. Assim, a principal característica funcional desta categoria é explicitar a fixação de um sentido para as palavras ou expressões utilizadas. Ou seja, a fixação de sentido é a principal propósito e pode ser feita

por meio de diferentes recursos: tirar o caráter polissêmico das palavras; valorizar ou desfazer a homonímia; ampliar ou restringir o sentido de um determinado termo (seja do específico para o geral, ou vice-versa); ou ainda, atribuir sentidos especiais (técnicos, metafóricos, irônicos, etc.).

Em termos gerais, constatou-se que duas categorias tiveram, quantitativamente, maior número de ocorrências: a não-coincidência entre as palavras e as coisas e a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Embora não se teve quantidade significativa de ocorrências de glosas que revelam a não-coincidência interlocutiva dos discursos, as analisadas revelaram que esta categoria é constituída de atividades metaenunciativas que explicitamente fazem referência à natureza interativa da negociação dos sentidos no discurso. Devido a essa característica, é uma categoria mais presente em interações faladas face a face, como também é a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Em relação às funções gerais desenvolvidas por cada categoria das não-coincidências, podemos dividi-las em dois grupos distintos: um grupo, formado pelas categorias da não-coincidência interlocutiva e da não-coincidência do discurso consigo mesmo, categorias estas que possuem funções interativas, uma vez que envolvem papéis interacionais dos interlocutores. Um segundo grupo revela as atividades metaenunciativas especificamente voltadas para uma construção de sentidos que surgem das palavras utilizadas pelo enunciador na construção de seus enunciados. Esse grupo é formado pelas categorias da não-coincidência das palavras com as coisas, que deixa explícito que a formulação não é o termo que busca na seleção lexical, mas algo aproximativo e, da não-coincidência das palavras consigo mesmas, que aponta para uma necessidade de fixação de sentido. Estas duas formas de atividades metaenunciativas deixam explícito que as palavras da língua, quando colocadas em situação de discurso, não têm apenas um sentido possível.

Ao final destas considerações, cabe, em síntese, registrar que o estudo que fizemos das operações metaenunciativas na conversação revela o quanto o domínio da língua que temos se atualiza e formaliza em cada situação interativa e a cada passo da construção do “texto” conversacional. É na enunciação, aqui e agora, em situação de interação face a face, que as palavras da língua assumem sentidos, por meio das mais variadas operações linguístico-discursivas, dentre as quais as de natureza metaenunciativa que nesta tese foram objeto de investigação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*: edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia São Paulo/ USP,1987.

AUTHIER-REVUZ. Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(as). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.19, p.25-42, jul/dez. 1990.

_____. *Palavras incertas*: as não-coincidências do dizer. Campinas-SP: Editora da UNICAMP,1998.

_____. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridade - interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. Trad. Lécya Borges Barbisan. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.46, n.1, p.06-20, jan/mar. 2011.

BAKHTIN, Mikhail *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14.ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*: em torno de Bakhtin. Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística Geral I*.5.ed.Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. *Problemas de lingüística Geral II*. 2.ed.Campinas, SP: Pontes, 2006.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BORILLO, A. Discours ou Metadiscours? In: *DRLA, Revue de linguistique*(32). Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, 1985, p.91-151.

CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (org.) *Gramática do Português Falado*: volume IV- estudos descritivos. 2.ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP/FAPESP, 2003.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FARACO, Sérgio. *Majestic hotel*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. Editora da Universidade de São Paulo, 1994. (p.29-36).

_____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Pragmática. In: *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004. P.161-185.

_____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008b.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* *Dicionário de lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V.; TEIXEIRA, M. *Introdução à lingüística da enunciação*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GÜLICH, Elisabeth. Pour une ethnomethodologie linguistique decription de Séquences conversationnelles explicatives. In : DAUSENDSCHÖN-GAY, U., GÜLICH, E., KRAFT, U. (org.). *Linguistische Interaktionsanalysen. Tübingen: Max Niemeyer, 1991, p.325-372*

HILGERT, José Gaston. As paráfrases na construção do texto falado: o caso da paráfrase em relação paradigmática com suas matrizes. In: KOCH, I.G.V.(org) *Gramática do Português Falado: volume VI - desenvolvimentos*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996, p.131- 147.

_____. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre* (vol. 1: diálogos entre informante e documentador). Passo Fundo / Porto Alegre: UPF / UFRGS, 1997.

_____. A qualificação discursiva no texto falado. In: URBANO, Hudnilson *et al* (org.) *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante - um caso de interação intraturno. In: PRETI, Dino (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2002, p. 89 - 124.

HILGERT, José Gaston. O monitoramento de problemas de compreensão na construção do texto falado. *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, n.44: p.223-238, jan/jun.2003.

_____. O falante como observador de suas próprias palavras: retomando aspectos metadiscursivos na construção do texto falado. In: PRETI, Dino (org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006, p.161-185.

_____. Língua falada e enunciação. In: *Calindoscópio*, v.5, n.2, p.69-76, mai/ago 2007.

_____. A cortesia no monitoramento de problemas de compreensão na fala. In: PRETI, Dino (org.). *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 125-156

_____. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre dois informantes*. Florianópolis: Insular, 2009.

_____. Procedimentos profiláticos na construção do sentido e da compreensão na conversa. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (orgs.). *Comunicação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 71- 91.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 26.ed São Paulo: Cultrix, 2005.

JUBRAN, C.C.A.S. Funções textuais – interativas dos parênteses. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado*, volume VII: novos estudos. 2.ed. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 1999.(p.131-158)

_____. A materialização lingüística da busca de denominações em textos falados. In: *Revista do GELNE*. Fortaleza:UFC/GELNE, v.1; n.2, 2000.

_____. O discurso como objeto-do-discurso em expressões nominais anafóricas. In: *Cadernos de Estudos linguísticos*. Campinas: UNICAMP, n.44, jan. /jun 2003, p.93-103.

_____. A significação enunciativa enunciada. In: *Revista Estudos Linguísticos*. São Paulo, n.XXXIV, 2005, p.298-303.

_____. O metadiscorso entre parênteses. In: *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, 38 (3): set.-dez. 2009, p. 293-303,

JUBRAN, C.C.A.S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português Falado*, volume II: níveis de análise linguística. 4.ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2002. (p.341-420)

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore G. V et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba T. (org.). *Gramática do português falado*, volume I: a ordem. 4.ed. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2002. (p.121-154).

LIMA, F. F. *Metadiscursividade e persuasão em entrevistas com candidatos à Prefeitura de São Paulo*. 2009. 282f. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo - USP, São Paulo, 2009.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. *A metalinguagem como lugar da interpretação: terminologia e bases de dados informatizadas*. In: Revista DELTA, v.15, n.1. São Paulo, fev/jul 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. São Paulo: Pontes: Editora da UNICAMP/ Pontes, 1997.

_____. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

MELLO NETO, João Cabral de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

OLIVEIRA, Patrícia A. *A metadiscursividade como manifestação do caráter heterogêneo dos textos: o caso das aspas e das glosas do enunciador*. Dissertação de Mestrado- Universidade de Passo Fundo - UPF, 2006.

POSSENTI, Sírio. Metaenunciação: uma questão de interdiscurso e de relevância. In: *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.91-108, jan./jun. 2000. p.91-107.

PRETI, Dino (org.). *Alguns problemas interacionais da interação*. In: PRETI, Dino (org.). *Interação na fala e na escrita*. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 2003, p.43-66.

_____. *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006.

PROJETO norma urbana linguística culta –RJ. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em 20. abr. 2013.

RISSO, M. S.; JUBRAN, C.C.A.S. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. In: *DELTA*, v.14, no.spe, São Paulo: EDUC,1998, p.227-242.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo. Companhia das Letras: 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. 26.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

ANEXOS

ANEXO A**Normas para transcrição conversacional**
PROJETO NURC – Norma Urbana Linguística Culta

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS FALADOS

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda...() nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando [as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós"...

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No. 338 EF e 331 D².

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

Fonte: PRETI, Dino (org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006.